Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 20 970
Outubro 1982
Sábado

2

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Jovens da ex-CNARPE querem mais activa intervenção de Eanes

Pág. 6

Fialho: uma «faena» na Rádio a na TV

Finalmente um "marco histórico" na carreira do Governo de Balsemão

Dívida externa ultrapassará o bilião de contos

A dívida externa portuguesa está já a ultrapassar (e irá mais além até ao fim do ano) os mil milhões de contos sendo necessário ao Estado português, só para pagar os juros, a média anual de mil milhões de dólares em divisas.

Estes dados constam do relatório do Banco de Portugal referentes a 1981, ontem divulgado e das achegas que lhe deu o prof. Jacinto Nunes (foto), Governador do Banco, num encontro com os jornalistas. Este é o único marco histórico que o Governo Balsemão, seguramente, vai atingir porque os outros anunciados para a economia estão todos por cumprir.

Os salários reais estagnaram; aumentou o desemprego; diminui, brusca e violentamente o ritmo do crescimento do produto nacional; a balança de pagamentos conhece um «deficit» jamais alcançado; e a taxa de actividade foi a mais baixa dos últimos cinco anos.

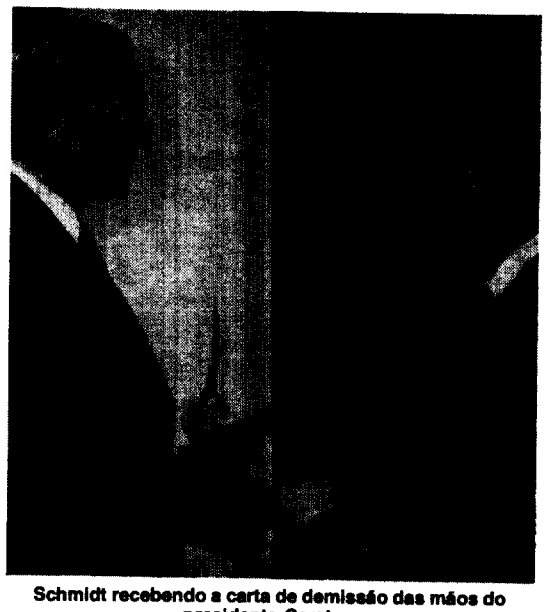
O governador do Banco de Portugal disse que vai recomendar ao Governo uma chicotada para despertar a opinião pública, e que o Governo fará muito mal se não lhe der ouvidos imediatamente, mesmo antes das eleições marcadas para Dezembro. Só que da terapêutica da chicotada («Sem ditadura», frisou) ele pretendia que também não escapassem os fumadores dos caros charutos importados marca Davidoff e os que mudam de fato em bons alfaiates três vezes ao ano.

Pág. 15

Fialho Gouveia ao "DL"

A responsável por esta TV não é Maria Elisa é a rainha de Inglaterra

Pág. 24



Schmidt recebendo a carta de demissão das mãos do presidente Carstens

Helmut Kohl é o novo chanceler da RFA

Democratas-cristãos regressam ao poder em Bona

Helmut Kohl, dirigente da União Cristão-Democrata (CDU) da República Federal Alemã, tornou-se ontem oficialmente o sexto chanceler daquele país europeu, reconduzindo os democratas-cristãos ao poder. No final de uma demorada e tensa votação no Bundestag, Kohl averbou 256 votos (a maioria mais sete) a favor da sua «moção de desconfiança construtiva», fazendo assim cair o ex-chanceler Helmut Schmidt. A coligação com os liberais funcionou no Parlamento, embora vinte deputados desse partido se tenham mantido fiéis a Schmidt. As crescentes divisões nos Liberais, a recusa da ala bávara da CDU (CSU) a participar neste governo levam a supor que não está afastada a hipótese de eleições antecipadas. Mas, mesmo que a consulta eleitoral se realize, como previsto, em Março de 1983, há dúvidas quanto à permanência de Kohl ao poder e à manutenção da coligação actual. A Imprensa oeste-alemã acolheu sem entusiasmo a eleição de Kohl, e os liberais de Hamburgo exigem a demissão de Hans-Dietrich Genscher. Os aliados da RFA mostram-se confiantes em que a política externa de Bona se mantenha. Quanto aos imigrantes, esses estão mais ameaçados que nunca.

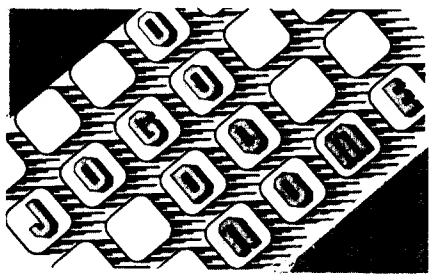
Págs. centrais

COMEÇA HOJE O ÚLTIMO JOGO DESTA SÉRIE (JOGO 6)

CINCO LETRAS NA PÁG. 3

De duas em duas semanas um novo Jogo do Nome para divertir os leitores do «Diário de Lisboa» e proporcionar-lhes magníficos prémios! Hoje começa o 6.º Jogo e na quinta-feira próxima vai já realizar-se o sorteio do quinto Jogo. Jogue connosco, leia bem as indicações (Regulamento, cupão, lista de prémios e informações nas páginas 3 e 4) e GANHE PRÉMIOS!

PRIMEIRO PRÉMIO DO JOGO 6:
um combinado FAGOR
no valor de 53 200$



ENVIE JÁ OS CUPÕES DO JOGO 5
Leia as indicações nas págs. 3 e 4

GANHE
fabulosos prémios
Marcas que valem ouro!
GRUNDIG FAGOR
PROGRESS Candy
NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.
Representante Oficial

Escola Preparatória Cesário Verde

Excedentes de alunos impede início de ano escolar

Pág. 2

Cabo-verdianos em Portugal(2)

'Cretcheu Cabo Verde'

Pág. 10

Em véspera de abertura de aulas

Cinco mil professores por colocar e milhares de alunos sem espaço

A Escola Preparatória Cesário Verde é um dos estabelecimentos de ensino de Lisboa que não pode cumprir a data oficial de 6 de Outubro para abertura do ano lectivo. A transferência para esta escola, já em Setembro, de cinco centenas de alunos impede que as aulas abram na próxima quarta-feira.

Excedentes de alunos em vários pontos do País, cinco mil professores colocados apenas na segunda quinzena de Outubro e três direcções gerais do Ministério da Educação sem titular, além de escolas em más condições, são algumas das caracerísticas deste começo de ano lectivo de 82/83.

As instalações da Escola Preparatória Cesário Verde são cnstituídas por pavilhões pré-fabricados. Quem as vê duma rua que fica em plano superior, pensará que aquele conjunto de casas é um aquartelamento, um mercado ou qualquer outra coisa, mas nunca um estabelecimento de ensino para crianças.

Apesar disso, o actual conselho directivo afirma que não faltava espaço na escola: além das salas de aula, muito quentes no Verão e muito frias no Inverno, havia espaço para a biblioteca, salas de professores, secretaria, entre outros espaços necessários às actividades de uma escola, bem como um largo pátio de recreio ao ar livre, um campo de jogos, e um pavilhão para Educação Física.

Também nesta escola não havia sintomas de violência: nem vidros partidos, nem arrombamentos, nem outras formas de degradação de instalações quando os alunos acumulam tensões dentro de si.

No ano lectivo transacto não houve processos disciplinares. Também não há assaltos nesta escola, graças a um sistema de vigilância combinado entre a escola e a polícia.

No último ano lectivo, a Cesário Verde – afirma com orgulho o seu conselho directivo – foi a única escola de Lisboa que abriu com aulas a 1 de Outubro.

Este ano, tudo estava preparado (horários, distribuição de turmas, etc.) para cumprir a data oficial de abertura das aulas a 6 de Outubro. Só que... a 16 de Setembro passado – portanto, a três semanas antes de começar as aulas – um telegrama do Ministério da Educação informa o CD que iam ser realizadas acções na escola com vista a albergar um excedente de alunos daquela área pedagógica, a AP4. Foi a grande confusão. Depois de telefonemas e diligências várias, o CD «descobriu», perplexo que o ME se preparava para instalar na escola mais 524 alunos do primeiro ano.

«Esta escola foi construída em 1973 provisoriamente, para albergar 600 alunos. Contávamos com os cerca de 750 alunos já inscritos, que iam ficar já um tanto apertados... Mas 1300 alunos era impossível instalar nestes pavilhões.»

Situações semelhantes com problemas idênticos aparecem por excelência nas zonas que recebem migrações de população que se desloca do campo para a cidade: Almada-Seixal (a escola secundária do Seixal está agora a receber obras), Setúbal, Santiago do Cacém-Sines; Grande Porto, eixo industrial Braga-Guimarães, entre outras zonas.

Em Santiago do Cacém, zona em que se verifica grande afluxo de população proveniente de zonas rurais, devido a desenvolvimento industrial, a única escola secundária é o antigo colégio, cuja lotação foi prevista para um terço da população escolar que actualmente alberga. No passado ano lectivo, as aulas funcionaram inclusivamente aos sábados, até às 19 horas.

Para resolver estes casos de falta de instalações, o Ministério continua a recorrer a duas soluções, ambas com pesados inconvenientes: implantação apressada (e tardia) de pavilhões prefabricados, cujo preço é quase tão elevado como o da construção de raiz, além da duração ser muito menor.

Outras soluções são o aumento de horários, ocupação de espaços destinados a bibliotecas, convívio, reuniões de professores, etc., e redução de horas semanais para determinadas actividades, geralmente, de Educação Física.

obras de implantação dos novos pavilhões não afectarem a segurança e condições de trabalho de alunos e professores (se as escavadoras, ou outras máquinas, não fizerem barulho perturbador, por exemplo). Para as cinco centenas de novos alunos, não se sabe ainda quando começarão as aulas... talvez para Janeiro, na melhor das hipóteses.

As obras de que depende o início das actividades escolares para os novos alunos estão muito atrasadas. Na semana passada, estava ainda a ser aberta a vala em que serão colocados os meios de condução de água, telefone e electricidade aos novos pavilhões.

Além destes atrasos, que afectarão fundamentalmente cinco centenas de crianças (o número está um pouco mais reduzido porque, face à situação, houve pais que optaram por transferir os filhos para outras escolas), outros prejuízos se prevêem que vão afectar a vida da escola e saldar-se por um agravamento do insucesso escolar.

«Vamos ter muito mais indisciplina porque os alunos vão ser privados de grande parte de espaço do recreio. Vamos ter também muitos mais acidentes, pelas mesmas razões. Esta escola vai ser uma escola visitada por ambulâncias», comenta com preocupação o conselho directivo, acrescentando que, apesar de tudo, a Subsecretaria de Estado da Administração Escolar tem desenvolvido todos os esforços no sentido de colaboar com o conselho directivo e há

As obras para abrigar os cerca de quinhentos novos alunos da Cesário Verde estão ainda numa primeira fase

e Secundário que nesta altura do ano ainda não têm espaço para receberem aulas, apesar de estarem inscritos numa determinada escola, são assinalados em vários pontos do país.

Em Lisboa, além dos problemas da zona pedagógica AP4 que serão mal resolvidos, talvez lá para Janeiro, na Cesário Verde, também a zona pedagógica AP2 (Benfica) enfrenta este ano um excedente de 500 alunos do Ensino Secundário. Espera-se que não se recorra à implantação de pavilhões pré-fabricados nos espaços ou nos anfiteatros duma das mais bonitas e bem concebidas escolas de Lisboa: a Secundária de Benfica.

Em Cascais – zona AP10 – calcula-se que cerca de 300 alunos dos ensinos preparatório e secundário não têm ainda colocação.

Outra zona de rotura é o dormitório Amadora-Queluz. Pensava-se no fim do passado ano lectivo que o excedente de alunos no Preparatório e Secundário seria este ano de 4500, mas, devido a abandono escolar e trânsito pra o

das a público, denunciam essa situação anómala. Das 72 escolas cuja construção foi agora adjudicada, seis não foram indicadas pelo ME como prioritárias. Em compensação, prioridades apresentadas pelo ME não foram contempladas.

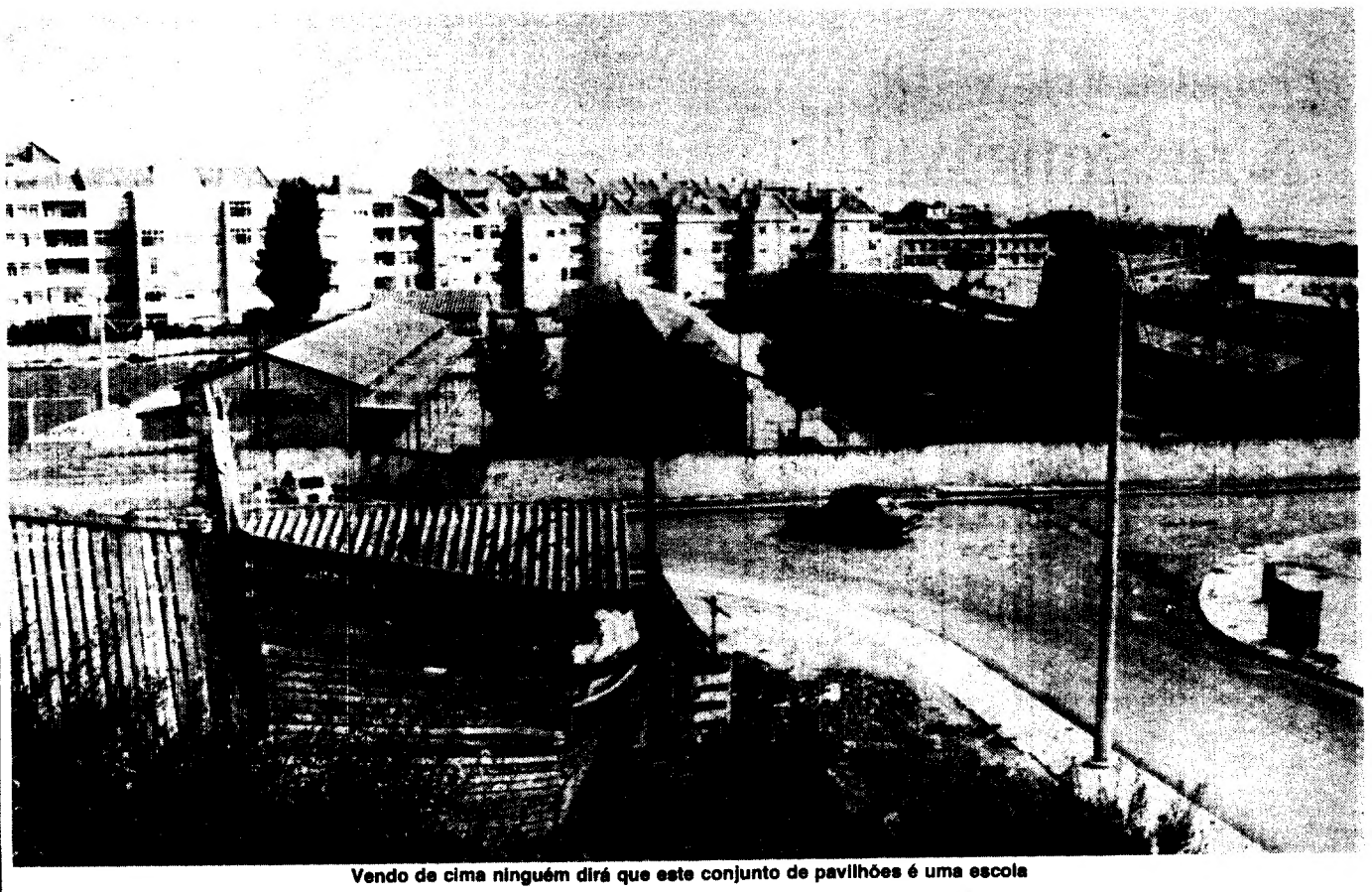
Cinco mil professores só colocados depois de 15 de Outubro

Em escolas que o Ministério de Educação considera normalizadas, as aulas não começarão a funcionar em pleno no próximo dia 6, por falta de professores.

Além da falta de professores habitual em disciplinas como Educação Física, Educação Musical, Matemática, entre outras, cinco mil professores só serão colocados na segunda quinzena de Outubro, quando forem publicados os resultados do chamado «miniconcurso».

A colocação dos professores nas escolas preparatórias e secundárias faz-se mediante três fases, a última das quais só está concluida naquela data.

Portanto, muitos problemas se



Vendo de cima ninguém dirá que este conjunto de pavilhões é uma escola

(A Educação Física continua, aliás, a ser uma das grandes sacrificadas quer por falta de professores quer por falta de espaço, redução de horários e anulação de espaço nas escolas que estão agora a ser construídas).

Soube também o CD que não havia alternativas possíveis para as cinco centenas de crianças excedentes e que a solução a adopotar pelo ME era a que vem sendo já habitual: implamtação de pavilhões prefabricados no pátio da escola.

Donde resulta que: a nível de professores e de horários, depois de uma noite sem dormir e muitas horas de trabalho durante dias, o CD conseguiu refazer esse trabalho.

Para os 750 alunos inscritos, prevê-se que as aulas abram entre 18 e 23 de Outubro, se as mesmo a promessa de execução de obras de beneficiação há muito pedidas pelos responsáveis da escola como, por exemplo, uma cobertura para o que resta de espaço para recreio.

Esta situação era contudo inevitável, se houvesse planeamento de construções escolares e colocação de alunos. Há cerca de onze meses, o presidente do concelho directivo da Cesário Verde enviou à Direcção-Geral do Equipamento Escolar fotografias de prédios em construção na zona da escola, o que fazia prever o aumento de alunos naquela área pedagógica...

Excedentes de alunos em vários pontos do país

Os grandes contingentes de alunos dos ensinos Preparatório ensino particular, o número de alunos sem espaço nas escolas existentes na zona é menor, devendo, em todo o caso, ultrapassar as 1000 crianças.

No Algarve, mais propriamente no distrito de Faro, faltam 15 turmas para albergar alunos dos ensinos Preparatório e Secundário e, em Beja, seis turmas.

MHOP não respeita prioridades

Por razões ainda não esclarecidas, a Direcção-Geral das Construções Escolares, dependente do Ministério da Habitação e Obras Públicas, não respeita integralmente a lista de prioridades apresentada pelo Ministério da Educação, elaborada de acordo com as carências existentes.

Delarações de responsáveis do Ministério da Educação vinmantêm no ensino preparatório e secundário, por falta de planeamento dos responsáveis governamentais.

A agravar esta situação, três direcções-gerais do Ministério da Educação estão a ser geridas interinamente, por demissão dos respectivos responsáveis: a Direcção-Geral do Ensino Básico, a Direcção-Geral do Ensino Secundário e a Direcção-Geral do Pessoal. O nome do prof. Aldónio Gomes, que a certa altura foi dado como certo para assumir as direcções gerais do Básico e do Secundário, foi mais tarde excluído por razões não divulgadas (há quem diga que Pinto Balsemão o vetou).

É caso para perguntar ao ministro Fraústo da Silva: até quando vai durar o seu tempo político?

Manuela Alves

MUNICÍPIO DE SESIMBRA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

Na sequência da invasão do Líbano pelo Estado sionista de Israel com o apoio declarado do imperialismo norte-americano, contra o povo palestiniano e libanês, foram os povos de todo o mundo surpreendidos no fim da passada semana com a hedionda, cruel e criminosa actuação das milícias fascistas nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, onde espezinhando os direitos mais elementares de um ser humano, assassinaram milhares de homens, mulheres e crianças, numa acção que na história dos povos só encontra precedente nos nazis durante a 2.ª Guerra Mundial.

No entanto, e apesar de esta acção ter sido aparentemente desenvolvida pelos fascistas libaneses, as responsabilidades do governo sionista são enormes na preparação, no apoio, na facultação de meios de cobertura para que o massacre dos palestinianos fosse concretizado.

Por isso, considerando a gravidade dos acontecimento e cujas responsabilidades também têm contornos bem definidos, e porque ninguém poderá ficar indiferente perante crimes desta natureza, a Assembleia Municipal de Sesimbra, reunida em sessão ordinária no dia 22/9/82:

- **Manifesta a sua mais viva condenação e repulsa por tão horríveis actos;**
- **Exige o apuramento claro dos responsáveis e o seu castigo exemplar;**
- **Exige a retirada das tropas sionistas do Líbano e demais territórios ocupados;**
- **Solidariza-se com o povo libanês e em particular com o povo palestiniano, principal visado pelos sionistas e fascistas.**
- **Junta a sua voz a todos quantos defendem e reclamam o direito do povo palestiniano a ter o seu estado independente e soberano na Palestina.**

C/ conhecimento para: Órgãos de Soberania, Embaixada de Israel, Órgãos de Comunicação Social, Órgãos Autárquicos de Sesimbra e Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC).

Serviço Exclusivo | Le Monde | Diário de Lisboa

Um vento de derrotismo começa a soprar em certos meios liberais

Jean Queyras

BEIRUTE – Coincidindo com a eleição de Bechir Gemayel a presidente da República, o restabelecimento da corrente eléctrica que serve ao mesmo tempo a maior parte dos bairros do sector oeste da capital, acelerou o retorno à normalidade. A água já chega aos andares dos prédios e pela primeira vez desde há cerca de um mês, pode ver-se roupa a secar nos balcões dos terraços. A certas horas do dia, assiste-se a verdadeiros engarrafamentos nas ruas do centro da capital. São cada vez mais numerosas as lojas que começam a, timidamente, abrir as suas portas. Os habitantes dos bairros atingidos pelos bombardeamentos, pouco a pouco, começam a regressar às suas casas.

Não é certamente a animação dos dias de paz, mas quase. As lojas de produtos alimentares estão de novo aprovisionadas e os carrinhos dos vendedores ambulantes rangem sob o peso da fruta e dos legumes cujos preços, subitamente, se tornaram acessíveis ao comum dos mortais. A gasolina e o gasóleo entretanto, continuam a rarear, as bichas à porta das padarias são tão longas como no passado e o lixo continua a empestar a atmosfera.

O crepitar das armas automáticas pontuado pela explosão dos R.P.G. recorda aos habitantes preocupados com os seus problemas pessoais que a evacuação dos palestinianos continua sem interrupção. Os passeios da Rua Hamra, ocupados pelos mercadores ambulantes, são cada vez mais invadidos pelas «pequenas frases» de Ayoub comentando os acontecimentos políticos do momento. Quem é Ayoub? Um excêntrico que teve a ideia de resumir em algumas palavras lapidares a actualidade política. Ainda há algumas semanas os seus alvos preferenciais eram o general Sharon e o primeiro-ministro israelita, Begin, que eram tratados por todos os nomes em folhas de cartão cuidadosamente presas com pedaços de guita aos gradeamentos e às paredes das principais ruas de Beirute-Oeste.

Ayoub fez escola e os bocados de cartão multiplicaram-se a uma velocidade vertiginosa. Os seus autores mantêm-se anónimos mas a assinatura é sempre a mesma: Ayoub. O alvo deixou de ser Sharon para passar a ser Bechir Gemayel. Pode ler-se nesses cartões escritos à mão: «Bechir vai para o inferno!»; «Nós não queremos o regime de Bechir. Que o mufti da República nos governe»; «Bechir nunca porá o pé em Beirute»; «Valide Joumblatt, proclama a revolução contra o novo fascismo».

De facto as «pequenas frases» de Ayoub espalhadas por toda a cidade – chegam mesmo a ser afixadas nas grades da residência dos Pins onde está instalado, desde quarta-feira, o P.C. da 2.ª Rep. – constituem uma tentativa para mobilizar o pequeno povo em torno de certos temas políticos. Uma espécie de jornal de parede.

O problema do momento é a eleição de Gemayel que deixou estupefacta a população de Beirute-Oeste. No entanto, passado o momento da surpresa, as perguntas começam a aparecer. Como é que nós chegámos a isto? Que fizémos para impedir a vitória de Bechir? Que vão fazer os nossos dirigentes para sair deste atoleiro? Quanto mais horas passam mais se acentua a impressão aqui que Beirute-Oeste está sem defesa diante de um acontecimento sentido como uma ameaça para a especificidade e o carácter original do Líbano.

A Coesão da Frente Islâmica

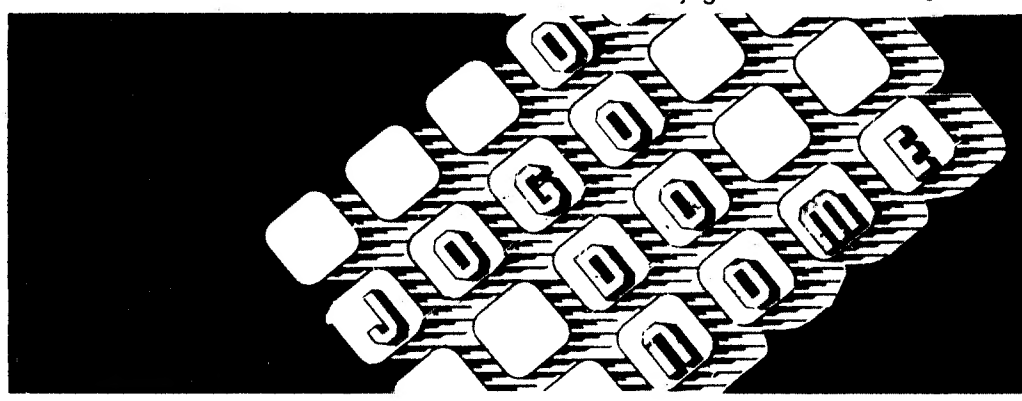
A tendência é para a resignação e a cólera. As traficâncias que quase sem interrupção se desenrolam no domicílio de Saeb Salam, promovido a chefe da luta contra Bechir Gemayel, não convence ninguém. «Saeb Bey» dizem-nos «tomou posição quanto à forma, mas no fundo nada mudou. Ele deixou a porta aberta para todas as possibilidades». Não excluem no futuro uma aproximação com o novo chefe de Estado e mantêm-se cépticos quanto à firmeza e coesão da frente islâmica que assumiu a direcção do combate contra Bechir Gemayel. Relembra-se a este propósito com amargura que um dos deputados que contribuiu para assegurar, segunda-feira, o «quorum» do conclave de Fayadieh – Suleyman El Ali – se encontrava, ainda na véspera, ao lado de Saeb Salam cada vez mais se receia o esboroamento da frente hostil ao novo presidente da República.

Meios próximos de Saeb Salam levantam-se contra o que eles classificam de processo de intenção e afirmam que o antigo presidente do conselho não tem, de forma nenhuma, a intenção de capitular. A sua posição pode resumir-se assim: «Se os israelitas não se encontrassem às por-Peru - 92,8. Não «aparecem» números do Chile.

Continua na pág. 6

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, **mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente** nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no Jogo 6 deverá enviar **apenas cupões deste mesmo jogo** (e não do Jogo 5, já terminado e **indicar bem claramente no exterior do envelope o número** do Jogo do Nome a que está a concorrer.



LETRAS DO JOGO 6

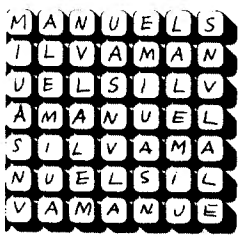
H A O

B G

SÁBADO, 2 DE OUTUBRO

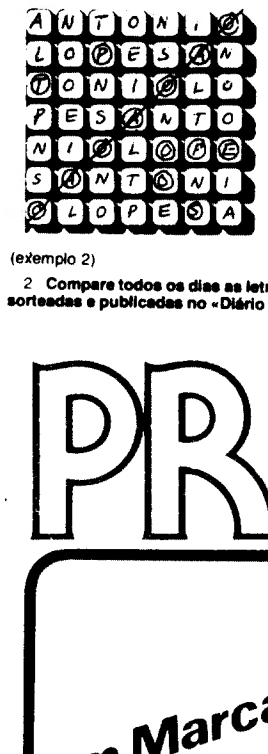
RESUMO DO REGULAMENTO

1. **Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão** – uma única letra maiúscula por quadrado – até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofos, cedilhas, traços de união, (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1)

– Manuel Cristóvão Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA



(exemplo 2)

2. **Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha.** Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se saírem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. **Quando conseguir completar uma linha de 7 letras,** na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), **preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa»** dentro de um envelope dirigido a **O Jogo do Nome** e **apenas com um cupão em cada envelope. Atenção:** se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» **até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre** na quinta-feira seguinte à **sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.**

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. **As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual,** de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor. **Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo** e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. **Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo.** Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e **o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo.** Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo **O Jogo do Nome.** Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. **As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.**

8. Em princípio, **as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 9 letras nos restantes dias de semana** (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

1975, 1976-Ken Hecht
Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

Segunda-feira 3 novas letras

Jogo 6

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME .....

.....

MORADA .....

.....

..... (TEL. .....)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone . Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e **ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO.**

SÓ UM CUPÃO EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG Candy FAGOR PROGRESS

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

Jogo 6 – datas a fixar

INÍCIO ..... 2 de Outubro
TERMO ..... 15 de Outubro
DIA DO SORTEIO ..... 21 de Outubro
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS ..... 22 de Outubro

Alberto João Jardim

"Frontalmente contra o Governo no caso da extinção da ANOP"

«Continuo frontalmente contra o Governo na questão da extinção da ANOP» – afirmou ontem no Porto, Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira.

«Tenho fé que o Primeiro-Ministro, porque democrata e jornalista, encontre nos próximos três meses uma solução de bom-senso, que não ponha em causa o direito ao trabalho e o pluralismo da informação neste País» – disse àquela agência o líder social-democrata madeirense.

Acentuou ainda que «os homens de Estado não se afirmam pela teimosia em manter soluções erradas, mas sim na categoria que demonstram ao emendarem a tempo os erros cometidos.»

A esse propósito, disse ainda:

«Os governantes que a tempo reconhecem os erros cometidos e os emendam só se prestigiam perante a população e o País.»

Acrescentou também que «acredita firmemente que, até ao fim do ano, possa ser encontrada uma solução diferente da actualmente seguida com honra para toda a gente.»

Diria também que «não é o PSD que está envolvido na extinção da ANOP, mas sim algumas pessoas com responsabilidade governamental.»

«Não se acaba com um pecado cometendo outro de tipo gonçalvista, na verdade um saneamento» – concluiu.

OIT solicita «dossier»

Entretanto, o Sindicato dos Jornalistas entregou ontem ao director-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Francis Blanchard, um memorando, pedindo-lhe formalmente que tome posição contra o encerramento da ANOP.

No documento, o Sindicato afirma não poder deixar de chamar a atenção do dirigente da OIT para o facto de chegar a Portugal, na altura em que o Governo «acaba de sancionar o despedimento colectivo de 147 trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa, dos quais 85 são jornalistas.»

O memorando acrescenta que o Executivo elaborou um decreto-lei com vista à extinção da agência, «cuja imparcialidade e pluralismo foram oficialmente reconhecidos», designadamente pelo Conselho de Informação para a ANOP.

O Sindicato afirma que paralelamente ao despedimento dos 147 trabalhadores da ANOP, o Governo atribuiu 320 milhões de escudos a uma outra agência noticiosa (NP) «criada expressamente para servir os interesses da coligação governamental e dos partidos que o apoiam.»

No documento, o Sindicato dos Jornalistas acusa o Executivo de Pinto Balsemão de «utilizar politicamente a vinda a Portugal de Francis Blanchard, personalidade internacionalmente reconhecida no mundo do trabalho», o que é «particularmente chocante para os trabalhadores portugueses, num altura em que a sua segurança de emprego está mais do que nunca ameaçada.»

Blanchard recebeu os trabalhadores da ANOP que lhe expuseram a situação da empresa. O director-geral da OIT, que não conhecia ainda este caso, pediu que lhe enviassem um «dossier» sobre o assunto para a sede da Organização, em Genebra.

Engano nas cartas de despedimento

Enquanto isto se processava, os 147 trabalhadores que o Conselho de Gerência da ANOP tenciona despedir dentro de três meses, começaram já a devolver as cartas de intenção de despedimento colectivo.

Esta atitude deve-se ao facto de a intenção de despedimento colectivo comunicada pelo Conselho de Gerência se basear num decreto-lei sobre carreiras hospitalares (376-A/75), nada tendo, portanto, a ver com despedimentos.

O lapso do Conselho de Gerência (que deveria pretender invocar o Decreto-Lei 372-A/75) terá agora de ser corrigido com o envio de 147 novas cartas de pré-aviso de despedimento, o que implica que os 90 dias de prazo concedidos pela legislação só começam a contar a partir da sua recepção, e não de 27 de Setembro.

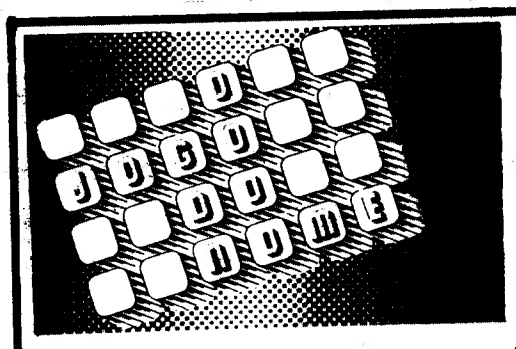
O Conselho de Gerência da ANOP gastou, só em selos, mais de oito mil escudos com o envio das 147 cartas sem qualquer efeito legal.

CI propõe cobertura das autárquicas

Ontem, por sua vez, reuniu-se o Conselho de Informação para a ANOP, tendo sido aprovada por unanimidade uma proposta do PS sobre o plano de cobertura das eleições autárquicas a elaborar pela agência.

Na proposta, recomenda-se ao CG da ANOP que «providencie ao estabelecimento de um plano para cobertura das próximas eleições autárquicas, nos termos em que em anteriores eleições foi procedimento normal da agência, a ser submetido na devida oportunidade, à apreciação do Conselho de Informação».

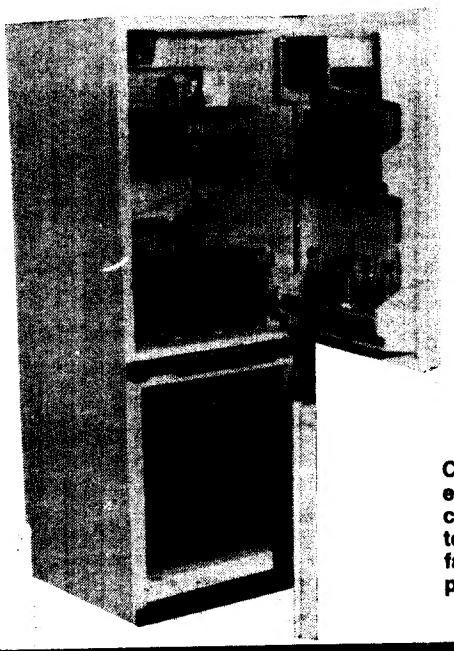
O CI ouviu ainda o Conselho de Gerência, audiência que prosseguirá na próxima sessão plenária do Conselho, a realizar no próximo dia 7 de Outubro, de manhã.



ESTES SÃO OS SENSACIONAIS PRÉMIOS JOGO 6

Candy FAGOR

das Conceituadas Marcas ...que valem ouro!



PROGRESS GRUNDIG

1.º PRÉMIO DO JOGO 6:

um combinado FAGOR C365 no valor de 53 200$00

Congelador vertical, de gavetas, com 102 litros de capacidade, 4 estrelas, combinado com refrigerador de 186 litros, com descongelamento automático, interior metálico com pintura de protecção, caixa hermética para carne, compartimento para garrafas, compartimentos separados para fruta e vegetais, rodas na parte traseira do combinado; luzes de segurança, termómetro bimetal

Representante Oficial NR NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

PERGUNTAS DOS NOSSOS LEITORES ...RESPOSTAS

Dum nosso leitor de Lisboa (Travessa de St.º António à Graça): «Para o jogo 3 foi sorteado um chamado bónus saindo a letra D; por baixo havia um aviso para agrafar ou colar essa letra no cupão; será que esse D só dá para esse cupão saído nesse dia, ou conta até final do jogo? E se conta teremos que comprar onze jornais para agrafarmos ou colarmos o D em todos os cupões?»

RESPOSTA: A letra bónus conta para todos os cupões do jogo a que se refere, mas, se quiser utilizá-la em mais do que um cupão, terá evidentemente que adquirir tantos jornais quantos os cupões que mandar, uma vez que deverá mandar um só cupão em cada sobrescrito, no caso de ser necessária a letra bónus para completar a sua linha vencedora, cada um desses cupões deverá vir acompanhado da dita letra bónus.

Dum nosso leitor de Oeiras (Rua da Torre), que entende que seria mais justo o prémio das libras ser para o leitor que completasse mais depressa a linha vencedora de 7 letras, independentemente do sorteio. **RESPOSTA:** Já há dias dissemos isso mesmo nas páginas do «DL». Acontece, porém, que é a primeira vez que fazemos estes jogos, e há aspectos a melhorar. Esse será um deles, mas é impossível alterar agora a mecânica do Jogo do Nome. Esperamos numa próxima oportunidade (pois contamos repetir dentro de algum tempo esta série de seis jogos) «inventar» uma mecânica que permita atribuir um prémio especial ao leitor mais rápido, independentemente do sorteio. Repare o amigo leitor que, se o quiséssemos fazer, teríamos de abrir as vinte e tal mil cartas que chegam agora, o que é inviável. Fica registada a sugestão, aliás muito justa.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO

De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora receberá três libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior)

3 LIBRAS DE OURO!

JOGO 6 – LISTA DE PRÉMIOS

1.º – Um COMBINADO FAGOR C365	53 200$00
2.º – Um TELEVISOR GRUNDIG A310, a cores	42 250$00
3.º – Uma MÁQUINA DE LAVAR ROUPA CANDY P641	37 500$00
4.º – Um ASPIRADOR PROGRESS P93 PLUS	19 700$00
5.º – Um RÁDIO DE MESA GRUNDIG RF 740	9 350$00
6.º a 10.º – Um RÁDIO RELÓGIO GRUNDIG CS 800 cada	6 600$00
11.º a 15.º – Uma FIAMBREIRA PROGRESS K62EL cada	5 000$00
16.º a 25.º – Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700 cada	4 100$00

Krus Abecasis em questão

O presidente da Câmara e o plano da Av. da Liberdade

Pedro Vieira de Almeida

Por grande acumulação de trabalho, por se tratar de uma situação quase penosa, e por pessoal falta de pachorra, tenho vindo a adiar uma resposta às sucessivas afirmações do presidente da Câmara Municipal de Lisboa acerca do Plano da Avenida da Liberdade, plano de que fui na década de 1970 o principal responsável, e que segundo essas mesmas afirmações, estaria de alguma maneira a autorizar pontualmente aquele mesmo presidente naquilo que tem sido a sua tarefa, de resto expeditamente assumida, da destruição acelerada da cidade.

O facto de aquelas afirmações serem um disparate, não impede que com o característico excesso de confiança muitas vezes demonstrado, elas tenham vindo a ser frequentemente repetidas, diria eu que demasiadamente repetidas; e o perigo destas coisas é que mesmo os disparates quando insistentemente e impunemente ditos, acabam por tomar aparente consistência, pelo que a partir de certo momento convém sobre o assunto alinhar uns pequenos esclarecimentos.

Dado que se aproximam aí as autárquicas eu não quereria misturar as duas coisas e por isso não tenho outro remédio senão cumprir agora esta fastidiosa tarefa.

Apenas e para abreviar, abordo dois pontos.

a) – situação e caracterização conjuntural do Plano da Avenida.

b) – situação e caracterização técnica do mesmo plano.

Elaborado a partir de 1970 o plano creio que constituiu, e com todos os defeitos que se lhe possam apontar, um dos primeiros, senão o primeiro plano de salvaguarda levado a cabo àquela escala, que metodologicamente propôs um sistema de leitura de ambientes urbanos independentemente da qualidade da arquitectura dos edifícios em si mesmos, que propôs regras para controlo do surto especulativo que por si não poderia travar, mas tão-somente canalizar, ainda se apresentando como auto-suficiente em termos económicos, no que permitiria uma maior agilidade de intervenção camarária.

Numa altura em que a defesa do património era vista com desconfiança ou sorridente desdém por gregos e troianos, propôs-se o plano de preservar na avenida não só alguns edifícios isolados mas conjuntos e ambientes julgados qualificados, avaliando o problema da cor e luminosidade locais, o problema da presença dos planos longínquos, o problema do controlo da publicidade, o problema da presença das manchas verdes, propondo neste caso particular a reconstituição de zonas privadas e públicas naquilo que se chamou o «anel verde da avenida» que a atravessava vindo desde o Campo de Santana, até ao Príncipe Real.

Bem ou mal, na época em que foi elaborado, no preciso contexto político e económico que o enquadrou e no preciso momento de um desinteresse colectivo por problemas do património (julgados por uns condescendentemente como inofensivo, por outros como de cariz passadista senão mesmo reaccionário e por outros ainda como afectando os seus «legítimos interesses») o Plano da Avenida constituiu-se como um Plano Piloto.

E aqui parece-me inteiramente justo salientar que Santos e Castro teve na altura e com as limitações da época, uma posição neste sector de inegável mérito que na preocupação cultural demonstrada quer até na firmeza de algumas intervenções concretas.

Entretanto, dá-se o 25 de Abril, as populações e diversos grupos de pressão acordam e ainda bem para o património e para o seu significado, dispondo-se nalguns casos à sua defesa.

Os poderes públicos não podem mais ser surdos ao sentido duma genérica tomada de consciência em que de alguma maneira participam.

O sentido do valor colectivo, perfilha-se hoje, ainda que insuficientemente, com outra força face ao valor privado, que regia exclusivamente, ou quase, a vida portuguesa antes de 74.

Parece evidente que aquilo que em 70 apenas foi possível defender com grande dificuldade, até por ser esforço praticamente isolado, contando com inúmeras incompreensões de variados sectores e até com amargos de percurso difíceis de ultrapassar, encontra em 80 outro eco e outras possibilidades.

Assim, não pode deixar de constituir um contra-senso o supor (ou fingir que se supõe) que um plano que é necessariamente um compromisso entre possibilidades e horizontes de intervenção não deva ser repensado, quando alterados os dados da sua circunstância global.

Hoje é evidente poder-se e dever-se ser, muito mais explícito e firme na defesa do património, e não o fazer com base em planos anteriores seria no fundo utilizar os planos e no caso vertente o Plano da Avenida da Liberdade apenas como alibi de intenções talvez confessáveis, talvez não. Utilização aliás bastante careca, e diga-se de passagem menos digna também.

Mas este será apenas o aspecto de uma menor boa-fé com que as afirmações de fidelidade ao Plano são feitas.

Outro aspecto é o da incompetência e/ou ignorância técnicas que a mesma afirmação revelam.

O Plano da Avenida, tal como foi desenvolvido, não é um plano a que se possa dar execução nos termos em que o presidente da Câmara parece pretender.

O Plano define determinadas orientações, propõe cérceas e articula volumes, não para ser levado a cabo como consta das várias folhas de quarteirão.

Isso seria constituir o Plano como um **objectivo a atingir** e ele apenas pretende ser uma **ferramenta de intervenção,** não se trata assim de o **pôr de pé,** mas de o **utilizar** para coordenar acções que em cada caso têm de ser definidas e ponderadas.

Não se trata, portanto, dum plano desresponsabilizante para conforto e comodidade burocrática da Câmara, mas ferramenta de trabalho, que, como tal a responsabiliza e que a Câmara saberá ou não utilizar, e que ao que parece não sabe.

Para tornar as coisas ainda mais claras, diria que tudo se passa como se a um marceneiro eu desse por exemplo uma bancada de trabalho e ele depois a considerasse não como um instrumento que lhe permitiria trabalhar melhor, mas como um modelo para fazer mesas, assim. Neste exemplo o desentendimento não seria menor, nem maior o absurdo, do que aquele que o presidente da Câmara revela, ao definir a sua «fidelidade» ao Plano.

Parte integrante e fundamental deste era a existência do Grupo de Acompanhamento da Avenida da Liberdade, o GAAL, que durante algum tempo teve a possibilidade de utilizar os elementos de trabalho produzidos. Pergunto-me se há alguém hoje na Câmara com essa tarefa, e se há como é que se desempenha da mesma, já que as afirmações do Presidente são de molde a fazer duvidar da competência de quem dela possa estar encarregado.

Claro que, nas fichas de trabalho por quarteirões que constituem o grosso do Plano, se desenham perfis, volumes e até nas várias perspectivas se avançam soluções pontuais, mas supor que essas indicações são mais do que imagens orientadoras que permitam avaliar das propostas de formalização concreta, e dos ajustes a procurar caso a caso, é nada ter entendido, sequer da leitura que eventualmente se terá feito do Plano, se é que se leu, o que chego a duvidar.

Só para dar um exemplo: achará o Presidente da Câmara que a proposta para a intervenção em edifícios como o Tivoli, o «Palacete Árabe», o «Diário de Notícias», etc. são para fazer como lá está? Não perceberá, ao menos aí, que o que está em causa é uma maneira de intervir em que se pretende salvar edifícios e ambientes duma intervenção anárquica, e que o Plano é instrumento de ordem, mas não **objectivo?** que os valores de imagem que o Plano apresenta implicam precisamente o assumir uma gestão dessa imagem? e assumi-lo como gestão activa?

Pergunto por perguntar, não para obter qualquer resposta.

Se o presidente da Câmara consultasse a revisão do Plano de Telheiras a que procedi pouco tempo depois de iniciado o Plano da Avenida, veria como nesse plano, posto embora de outra maneira, está lá expressa a mesma concepção e o mesmo método e talvez isso o moderasse no seu entusiasmo executivo.

Certo que a utilização deste tipo de planos exige quem de facto gira, quem assuma responsabilidades de gestão, e não quem se esconda por detrás da sua própria ignorância e pouco siso.

Mas isso é a vantagem e o inconveniente deles.

Em definitivo: dizer que se está a cumprir o Plano, nos termos em que é dito, só pode neste momento corresponder a inépcia, a ignorância, ou a ambas as coisas.

Ficarei por aqui.

Gostaria de ter deixado tudo bem claro para que não haja dúvidas e sobretudo gostaria de não ter de voltar ao assunto, o que só farei se for tão pressionado a fazê-lo que não tenha outro remédio como agora.

Sinceramente faço votos que isto seja suficiente.

O poder de compra no capitalismo e no fascismo

Silva Falcão

OUVE-SE com frequência a afirmação de que «se vive cada vez pior» mas essa afirmação é ambígua. Na realidade há gente que vive cada vez melhor: intermediários desnecessários, especuladores e outros parasitas. Quem vive cada vez pior é o povo, quem trabalha e luta e sofre na pele os efeitos de uma crise para que não contribui. Nem contribuiu.

Facto inegável é a queda, queda livre sem rede, do poder de compra da maioria dos portugueses. Deparam-se inúmeros casos de quem aparenta um nível de vida muito acima das suas possibilidades, mas esse fenómeno nem chega a espantar. Como refere Eduardo Lourenço na sua admirável obra, «O labirinto da saudade»: «somos um povo de pobres com mentalidade de ricos». Há autênticos balões de oxigénio que irão estoirar com estrondo com o agudizar da crise, para a qual não se vislumbra saída dentro das actuais relações de produção.

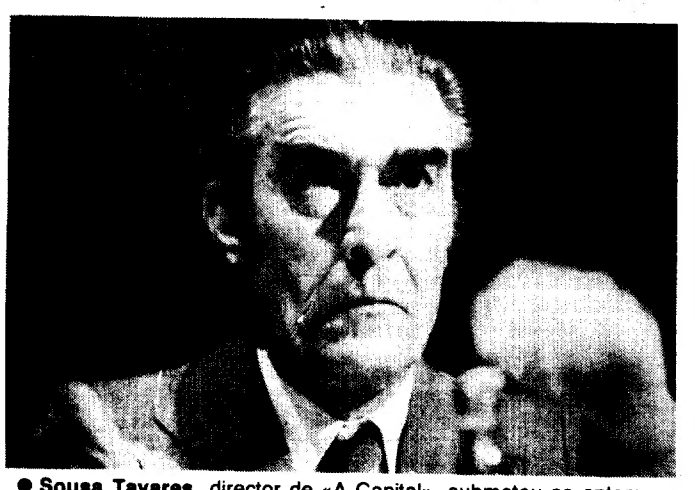
A queda do poder de compra constitui um pretexto utilizado pelas forças reaccionárias quando pretendem combater o «25 de Abril». Este é o culpado da actual situação. Como são imbecis... Mas o argumento colhe adeptos num país que sofre as sequelas de meio século de obscurantismo, até porque as pessoas, muitas, possuem fraca memória. Já Garrett afirmava que «... os povos têm o entendimento difícil e a memória curta: hão-de ir-se educando à sua custa». Certo. Porque os povos não representam unidades estáveis, e evoluem em termos dialéticos. Há que esclarecer as pessoas, esclarecê-las sempre. Elas não constituem o agente passivo e amorfo imaginado pelas forças reaccionárias. Avançam.

O n.º 8, referente a Agosto de 1982, da publicação «Études économiques» da Sigma (da «Compagnie Suisse de Réassurances»), apresenta um oportuno artigo em que se efectua a comparação entre o crescimento dos seguros e da economia e a evolução do poder de compra. É uma comparação de enrome interesse com valores dos países de economia de mercado. Não nos iremos debruçar, pelo menos por ora, nos problemas do mundo dos seguros, mas considerar o horizonte do poder de compra de países de determinado cariz, com sistema económico idêntico ao nosso. As conclusões são deveras elucidativas.

Há uma geral deterioração, de 1970 a 1980, do poder de compra. Destacam-se, com percentagens superiores a 90 por cento, oito países: Argentina -99,9; Uruguai - 99,2; Israel -96,9;Gana - 96,6; Brasil - 95,1; Turquia - 94,4; Islândia - 94,1; e

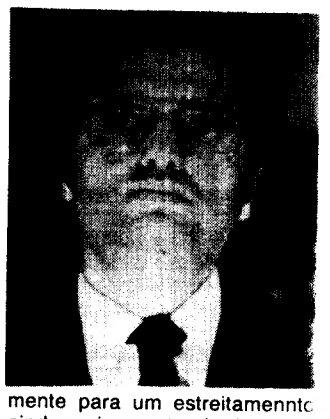
Continua na pág. 6

ponto a ponto



● **Sousa Tavares,** director de «A Capital», submeteu-se ontem a uma intervenção cirúrgica à cabeça – craniotomia – que, segundo uma fonte hospitalar, «correu o melhor possível». Sousa Tavares encontra-se internado nos serviços de reanimação da Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, onde deverá permanecer «pelo menos» até segunda-feira, revelou a mesma fonte. Depois de sair dos serviços de reanimação, Sousa Tavares terá de continuar internado por mais alguns dias.

● Regressou ontem a Itália o **general Lamberto Bartolucci,** que se encontrava de visita a Portugal, desde o passado dia 27 de Setembro, a convite do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira. No último dia da sua visita, o general Bartolucci, deslocou-se à Base Aérea n.º 5, em Monte Real.



●**Freitas do Amaral** em nome pessoal e na dupla qualidade de presidente da União Europeia Democrata-Cristã e do CDS, felicitou ontem, por telegrama, o novo chanceler da Alemanha Federal, Helmut Khol. O líder do CDS tornou extensivas as suas felicitações ao Partido Democrata Cristão (CDU) da Alemanha Federal, do qual o novo chanceler é dirigente. Freitas do Amaral, manifestou votos de que as novas funções de Khol sejam «coroadas de maior êxito, o qual será considerado também um êxito da Democracia Cristã». Expressa, ainda, a certeza de que, sob a chefia de Khol, o governo alemão «contribuirá fortemente para um estreitamennto ainda mais acentuado das relações entre os dois países».

● O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu ontem, no Palácio de Belém, uma delegação do navio-escola da Armada Italiana **Américo Vespucci,** que se encontra no Porto de Lisboa. O navio-escola que é comandado pelo catitão-de-mar-e-guerra Vicente Angelantonni, chegou quinta-feira, ao porto de Lisboa para uma visita não oficial. O «Américo Vespucci» que se encontra em cruzeiro de instrução de três meses para os alunos do primeiro ano da academia naval, faz-se novamente ao mar no dia 4 com destino a Málaga.

● O embaixador **H. Allen Holmes** chega a Lisboa no princípio da próxima semana, procedente de Washington, a fim de assumir as suas funções como embaixador dos Estados Unidos da América em Portugal. O embaixador Holmes sucede naquele cargo, ao embaixador Richard J. Bloomfield que partiu para os Estados Unidos no passado mês de Junho.

● O Secretariado Executivo das Jornadas Democráticas, promove na 2.ª feira, dia 4 de Outubro, às 16.00 horas, na Rua Artilharia Um, n.º 105, 1.º em Lisboa, um encontro com os jornalistas a fim de serem prestados esclarecimentos a propósito da realização das **Jornadas Democráticas sobre a Vida Profissional em Portugal.**

● Uma missa cantada em inglês e acompanhada de canções nigerianas assinalou ontem na Igreja do Corpo Santo, em Lisboa, o **Dia Nacional da Nigéria**. Canções nigerianas foram entoadas no decorrer da cerimónia por um coro dirigido pela Irmã Bridget Eghuna, vinda expressamente de Lagos para o efeito. No final da missa dita pelo padre irlandês Tom Jordan, da Ordem dos Pregadores Dominicanos, foi cantado o hino nacional da Nigéria. A Nigéria tornou-se independente da Grã-Bretanha em 1 de Outubro de 1960. Conta cerca de 70 milhões de habitantes, que professam essencialmente três religiões: cristã, muçulmana e animista.

Jovens da CNARPE reunem-se amanhã em Algés

Reafirmar solidariedade política ao PR

«É imperioso acabar com esta mistificação de que um homem que tem a seu lado a grande maioria dos portugueses, desde trabalhadores a intelectuais, quadros, empresários, em síntese as verdadeiras forças motoras do País, é um homem marginal ao regime, como se extrai das campanhas difamatórias montadas pelos que se constituíram em seus adversários.

São palavras de Rogério Alves, um jovem que teve particular destaque na campanha para a reeleição do general Ramalho Eanes e que surge agora activo na dinamização de uma iniciativa que visa reunir de novo os jovens que pertenceram à CNARPE.

A juventude inquieta-se perante uma situação cada vez mais difícil, sem horizontes nem perspectivas. A sua desmotivação política e o seu desencanto são patentes e, se alguma coisa não for feita, esta letargia temporária poderá ser o prelúdio de uma crise muito semelhante à que se gerou em 1961.

Há dois anos, embora alguns pretendam demonstrar o contrário, os jovens votaram massivamente no candidato Ramalho Eanes. Porque este lhes inspirou confiança, porque estavam descrentes com as propostas oferecidas pelos outros candidatos. Contrastando com arraial produzido pelos grupos de adolescentes arregimentados pela AD, esses jovens estiveram discreta, mas profundamente empenhados no objectivo que representava a reeleição de Eanes.

Nunca mais se ouviu falar deles apesar de serem os que mais esperavam do seu candidato.

De repente movimentam-se. Amanhã, mais de uma centena de jovens que pertenceram ao quadro da CNARPE vai reunir-se num almoço em Algés, para o qual convidaram o Presidente da República e algumas personalidades.

Não faltará quem, nos próximos dias, venha a público dizer que se trata de mais uma peça da estratégia Eanes, mas a verdade e que Belém, podemos assegurá-lo, é completamente alheia à iniciativa. E, mais, talvez considerasse que este momento não será o mais oportuno para um convívio desta natureza.

Mas ele não se insere em nenhuma estratégia, não tem à partida nenhum objectivo específico, nem é peça de nenhum «puzzle». pode eventualmente tornar-se num facto político importante.

Que significa então? Que os jovens entenderam que tinham alguma coisa a dizer quando está em jogo o seu futuro.

Dizer o quê?

Rogério Alves, ex-dirigente da JSD que em 1980, descontente com a escolha do candidato AD e com o afastamento do PSD em relação às suas orientações programáticas, abandonou aquela estrutura ligando-se à campanha de Ramalho Eanes, respondeu-nos na perspectiva dos jovens a uma série de questões ultimamente em foco.

Porquê esta iniciativa? O que significa concretamente? Que querem vocês dizer ao Presidente da República?

«A primeira das razões é a agudização crescente dos problemas da juventude. A segunda razão é que entendemos ser necessário reafirmar o apoio político ao Presidente da República, que mais do que qualquer outra instituição é o pilar da democracia portuguesa.

«Uma terceira razão é que recusamos deixar-nos traumatizar pela chuva de calúnias e falsidades que se têm lançado sobre a figura do Presidente da República numa campanha difamatória sem precedentes em qualquer país civilizado.

«O significado da nossa iniciativa é reafirmar a vitalidade de um sector cada vez mais vasto de jovens, que embora evidenciando amplas diversidades no aspecto ideológico, têm como denominador comum a esperança no referencial que consideram ser o Presidente da República.

«Este enorme caudal de jovens encontra-se desenquadrado politicamente e procura espaço para criar uma alternativa onde empenhe a sua vitalidade e generosidade construtivas.

«Como disse já, em primeiro lugar pretendemos reafirmar a nossa solidariedade política ao Presidente da República e manifestar-lhe que permanecem intactas as motivações básicas que nos levaram a apoiá-lo. Mas, essencialmente, queremos fazer-lhe sentir a gravidade real que representa para a juventude uma situação de bloqueio que propicia divorciá-la do regime, que a faz sentir-se a mais neste país.

«Queremos manifestar-lhe o nosso alerta em relação às dificuldades que hoje constituem o nosso quotidiano, manifestar a nossa descrença na capacidade do actual poder executivo para alterar este quadro sombrio.

«Queremos dizer-lhe também que o crédito de expectativa chegou ao fim e que só uma alternativa mobilizadora, protagonizada pela maioria do povo português que o apoia, e que não se revê no xadrez político actual, poderá rasgar novos horizontes.»

Em termos mais precisos, significa isso que os jovens pretendem sugerir ao Presidente da República a necessidade de uma intervenção activa para terminar com este impasse?

«Entendemos que a eleição do Presidente da República é um facto com profundas implicações políticas e que contém mensagens sociológicas muito específicas.

«Em primeiro lugar a afirmação maioritária de que se pretende um Presidente activo, interveniente e não uma figura decorativa como os autores da revisão constitucional quiseram fazer dele.

«Não se elege maioritariamente um símbolo. A maioria esmagadora dos portugueses que o elegeram deve representar uma interpelação permanente ao próprio general Ramalho Eanes.

«Em segundo lugar, essa eleição traz igualmente uma mensagem cultural própria,consubstanciada no libertar da vontade nacional contra os desígnios daqueles que pensavam ser seus donos.

«Nunca é de mais relembrar que a reeleição do Presidente Eanes só foi possível, pela desobediência maciça dos portugueses face àqueles que pretendiam contrariar a sua liberdade de escolha.

«A campanha eleitoral do general Ramalho Eanes, em 1980, foi para além do mais uma operação de desamedrontamento de uma grande parte do povo português que estava já a sentir-se oprimido por um caciquismo crescente de carácter restauracionista.

«É esta libertação da sociedade (civil e militar) que nunca será perdoada ao general Ramalho Eanes por esses restauracionistas.

«Mas nunca foi tão nítida a identificação entre um eleitorado tão diferenciado e um titular de um órgão de soberania. Essa identificação mantém-se e cresce dia a dia.

«Pretendemos igualmente fazer-lhe sentir que os seus actos, não obstante todas as críticas que possam suscitar aos novos mercenários que o atacam, têm a cobertura de uma larga maioria da população deste país.»

Que saídas restam então ao Presidente da República?

«É importante sublinhar que falo a título meramente pessoal, embora julgando interpretar o sentir de vastas áreas da juventude.

«Penso que o Presidente, uma vez que já promulgou a Revisão Constitucional, e com a autoridade moral que lhe advém de, mais uma vez, ter respeitado escrupulosamente os preceitos constitucionais, deveria agora, em primeiro lugar, manifestar vivo repúdio pelas mutilações aos seus poderes o que vai contra a vontade da maioria que o elegeu. Dir-se-ia que dois terços dos nossos «legítimos representantes» legislaram contra dois terços dos representados. Deveria depois assumir as consequências políticas desta nova distribuição de poderes que limitam o PR enquanto tal.

Mas continuaríamos no mesmo impasse...

«A única solução para desbloquear este impasse é o aparecimento de uma nova formação política assente na grande massa da população portuguesa e nas figuras políticas sãs e competentes que rodeiam o Presidente, formação capaz de transformar a maioria que o elegeu numa maioria parlamentar.

Isto porque se verifica que a ocupação do espaço político é meramente fictícia, excluíndo a área do Partido Comunista e da direita conservadora, o que permite uma ampla mobilização na área do socialismo democrático, e de uma social-democracia autêntica que possa transformar estruturalmente a sociedade portuguesa.

O tempo que se tem perdido na consecução deste projecto é tempo de desvitalização do próprio regime e um factor de paralisia.»

Como funcionaria uma tal formação política em relação ao Partido Comunista e á área da direita conservadora?

«A génese de uma formação política deste tipo determinaria por si própria uma demarcação mais do que clara em relação ao Partido Comunista. Mas como força democrática nunca recearia dialogar e confrontar opiniões com este partido. Está provado que radicalismo gera radicalismo e bloqueia qualquer solução positiva.

A atitude em relação à direita conservadora seria idêntica, dentro de parâmetros de respeito democrático, mas também sem receios de confrontação de pontos de vista.

E talvez que, pelo diálogo, a direita conservadora conseguisse recuperar alguns anos do atraso ideológico.»

Além deste inesperado encontro de jovens da CNARPE existem outros projectos de mobilização da juventude?

«Qualquer que seja a evolução política que se verifique nos próximos tempos uma coisa é certa: a juventude não vai ficar de braços cruzados, indiferente e alheia. Somos o futuro e vamos exigir a nossa participação responsável na sua definição.

As formas concretas como irá ser exercida a nossa acção serão elaboradas à medida dos desafios e das exigências que se nos apresentarem.

Não temos dúvidas de que poderemos contar com a solidariedade do Presidente da República, e de muitas figuras públicas que em Portugal ainda são capazes de dialogar com os jovens e de entender a linguagem de esperança e de futuro que os caracteriza.»

Augusto Vilela

Um vento de derrotismo começa a soprar em certos meios liberais

Continuação da pág. 3

tas de Beirute teria sido possível recusar o novo presidente da República e desencadear uma nova guerra civil. Mas a relação de forças, após a partida dos palestinianos, não nos é favorável e nós não temos interesse em enveredar por essa via. Beirute-Oeste está totalmente isolada e nós não temos qualquer hipótese numa prova de força.»

Saeb Salam» prossegue os mesmos meios «procura obter sólidas garantias, desde já no que diz respeito à democracia no seio das forças armadas e das instituições políticas e sociais».

O chefe da União Islâmica procuraria, por outro lado, obter o reequilíbrio comunitário que daria aos muçulmanos uma representação igual à dos cristãos no seio do Parlamento e um reforço dos poderes do primeiro-ministro. Finalmente, Saeb Salam quereria obter a garantia de que o Líbano continuaria fiel à sua vocação árabe, o que significaria que não faria uma paz separada com Israel.

De facto a União Islâmica de Saeb Salam, que multiplica os seus contactos com os dirigentes do Movimento Nacional Libanês e os líderes chiitas de Beirute, não quer precipitar nada. Fala-se cada vez mais em decisões iminentes dizendo respeito a um boicote ao novo chefe de Estado à semelhança do anunciado pelo líder muçulmano sunita de Tripoli, Rachikarame e do antigo chefe de Estado Soleiman Frangie que proclamaram o norte «território libertado».

As dinamitações e a destruição das propriedades dos deputados que, no último minuto, asseguraram o «quorum» de segunda-feira, continuam metodicamente, se bem que tenham sido condenadas pelos dirigentes políticos de Beirute-Oeste.

«Não se trata senão de uma pendência de honra que poderia ter sido evitada» conclui um intelectual que se julga realista. «Na realidade, a partida dos palestinianos e a eleição de Bechir Gemayel estão estreitamente ligadas. Reflectem ambas que o equilíbrio de forças na região é a nosso desfavor. Estamos agora a pagar o preço dos nossos erros passados».

Os que pensam como o nosso interlocutor – e são cada vez mais – admitem que a batalha conduzida pelos dirigentes islâmicos e os seus aliados não é mais do que um combate de guarda de retaguarda. Um vento de derrotismo começa já a soprar em certos meios liberais, tanto cristãos como muçulmanos.

O poder de compra no capitalismo e no fascismo

Continuação da pág. 5

Atente-se no significado destes números: uma diminuição do poder de compra de 99,9 por cento quer dizer reduzir quase a zero o poder de compra das populações, quer dizer miséria generalizada. Ao lado da opulência de uma minoria cada vez mais minoria, mas cada vez mais exigente de sofisticados luxos. Uma redução do poder de compra de 99,2 por cento como ocorre no Uruguai não diverge muito da redução verificada na Argentina. Por sua vez, a redução do poder de compra de 95,1 por cento, no Brasil, apresenta o mesmo significado de dramatismo. A degradação a nível material que conduz à total degradação.

Há alguma gente no nosso país que culpa os trabalhadores da má situação económica portuguesa. São as excessivas liberdades, dizem, são as greves, são as constantes reivindicações salariais e outras. No entanto, nos países referenciados, Argentina, Uruguai e Brasil, não há excessivas liberdades, greves e reivindicações. Existe, sim, repressão, mais repressão, repressão. Porquê então a situação degradante a que chegaram os povos desses países? A explicação é simples. Assenta essa explicação basicamente na dependência do exterior, da entrada maciça de capitais estrangeiros, que transportam consigo doses reforçadas de inflação, tudo isto a par de podre paz social,sustentada pela forma que nós ainda há pouco tempo conhecemos. A constante violentação do raciocínio, da liberdade.

Existe a propósito um aspecto preocupante, porque existem responsáveis pela nossa economia que pretendem a todo o transe colocar em Portugal a política económica desses países. E não só a política económica, também a política de sujeição dos trabalhadores à defesa dos sacrossantos interesses do grande capital. Que ninguém tenha ilusões: quando se fala na criação de condições para o investimento estrangeiro pretende-se na realidade conseguir uma situação de salários baixos e de total submissão. A AD não terá tempo para tanto porque se tivesse todos nós, quase todos, viríamos a estar na posição de argentinos, uruguaios e brasileiros, a sofrer os efeitos de taxas de inflação superiores a 100 por cento, para servir os desígnios do investimento estrangeiro, ou seja, servir os desígnios do capital monopolista.

Tornar-se-ia ainda pior o teor de vida dos portugueses, cuja situação já deixa muito a desejar. Quanto a erosão do poder de compra, também nos anos de 1970 a 1980, Portugal figura num segundo escalão, o escalão dos países que sofreram uma erosão do poder de compra dentro da percentagem dos oitenta por cento, com exactamente 81,4. No mesmo escalão figuram a Bolívia (82,2 por cento), a Colômbia (85,1), a Jugoslávia (81,8).

Como países com menor deterioração das condições de vida, temos a Alemanha Federal, com a percentagem de redução de 39,2 e a Suíça, com 38,4 por cento.

Destaque-se a posição do Japão, confirmativa de que crescimento económico não se identifica com desenvolvimento económcio. Não obstante o tão apregoado «milagre japonês» decresceu nos dez anos de 57,7 por cento o poder de compra da população japonesa. De destacar igualmente a má posição na matéria abordada de países como os Estados Unidos com uma redução de 52,9 por cento e a Grã-Bretanha, com 72,3. A nossa vizinha Espanha exibe uma deterioaração de 76,9, nada famosa.

O sistema capitalista não está de facto a proporcionar melhorias da condição de vida dos residentes dos países dentro da sua órbita, sendo patente que está já a demorar bastante a tantas vezes anunciada saída da crise. Esta saída existirá, dentro do caduco sistema? Pensamos que não pois estamos perante uma crise estrutural. A referência é repetitiva mas não é desnecessária. Antes pelo contrário.

O grande capital não liga a ideologias. Quando ela convém até promove a instauração de regimes totalitários. Estes é evidente, não servem os interesses das populações. Os números apresentados traduzem uma realidade que merece meditação. Uma realidade a não esquecer. E esses números foram obtidos por uma reputada companhia de seguros, acima de toda a suspeição no plano político e no plano profissional.

O recurso a pessoas providenciais, a pessoas portadoras de mensagens de falsos deuses, não resolve, antes agrava os problemas das populações. Porque tal recurso corresponde a solicitações diversas, até opostas a solicitações de uma classe privilegiada incapaz de renúncias. Esse recurso não será hoje muito viável mas é possível: existe sempre perigo nas crises económicas prolongadas, sobretudo se elas não apresentam soluções de descontinuidade. Impõe-se vigilância (e actuação) por parte dos explorados deste país. Porque algo está em marcha. Caíu a máscara do falso pudor. **Eles** já não escondem, e sabem o que querem. Está à vista o restauracionismo.

João Jardim almoçou com Eurico de Melo

"O PSD não pode ser um grupo de passado sediado em Cascais"

— *ambos estiveram de acordo*

«Os órgãos nacionais do PSD devem representar todas as regiões e não um grupo de passado sediado no eixo Cascais-Lisboa» – afirmou, ontem no Porto, o Presidente do Governo Regional da Madeira, e dirigente social-democrata, no final de um encontro com Eurico de Melo e António Vilar (actual Presidente Comissão Política Distrital do Porto).

Considerando que este encontro «não é uma conspiração contra o Presidente do partido», Alberto João Jardim sublinhou: «Posso discordar da actuação do Primeiro-Ministro, mas não discordo de Pinto Balsemão como pessoa, que continua a ter o meu apoio». João Jardim insurge-se, principalmente, contra a «equipa que rodeia Pinto Balsemão» e vai mesmo mais longe: «o partido não pode ser gerido ou estar representado a nível de Governo por quem na verdade não representa ninguém».

João Jardim, no Porto, avistou-se com dois dos principais «críticos» a Balsemão; Eurico de Melo e António Vilar. Repetindo que não pretende «conspirar», João Jardim quer «ajudar a fazer do PSD um partido duro como um bloco de granito». Quanto a AD, João Jardim sublinhou: «Sou de opinião que o PSD deve assumir, no futuro, as coligações que melhor sirvam os interesses nacionais».

Eurico quer regressar

Eurico de Melo, no final deste encontro, manifestou a sua disposição «de regressar à vida política activa, desde que se consiga a tal solução harmoniosa dentro do PSD e para reforço dele». Esse regresso depende – conforme disse – «da vontade dos órgãos do Partido e sobretudo do Congresso».

Várias vezes indigitado como alternativa a Pinto Balsemão, Eurico de Melo considerou «prematuro antes do Congresso alguém assumir-se como alternativa», acrescentando que «o fundamental é encontrar-se o consenso harmonioso que conduza o PSD às origens».

Como João Jardim, Eurico de Melo defendeu a necessidade de «uma maioria alargada dos partidos democráticos para a resolução dos grandes problemas nacionais», incluindo «obrigatoriamente neste consenso o Presidente da República, legitimamente eleito e como tal parte importante e fundamental de todo este processo».

O ex-dirigente social-democrata criticou também o «peso excessivo de Lisboa nos órgãos nacionais do PSD» e defendeu «uma maior representação regional das bases nos órgãos centrais do partido».

«As decisões no seio do meu partido têm de ter em conta o sentir das bases e não serem tomadas a nível das cúpulas», acrescentou.

Eurico de Melo referiu à ANOP que «existem condições para o reingresso no PSD de muitas pessoas de alto nível intelectual e valor que por razões várias o deixaram».

Balsemão na ONU

Timor-Leste: uma ilha num mar de palavras...

Esperava-se que o «dossier» Timor-Leste fosse, conforme anunciado, o tema central do discurso de Pinto Balsemão na Assembleia Geral das Nações Unidas. **Mas a montanha pariu um rato:** *o genocídio praticado pela Indonésia naquela ex-colónia portuguesa quase se ia afogando no mar de palavras debitado pelo Primeiro-Ministro.*

Coube a Timor-Leste pequena parte das 20 páginas do discurso de Balsemão. O Primeiro-Ministro pouco mais fez do que apelar para que a população de Timor-Leste tenha a possibilidade de exercer o seu direito à autodeterminação e de gozar os seus direitos humanos fundamentais.

Repetindo que Portugal não tem nenhuma reivindicação em relação à sua ex-colónia, Balsemão sublinharia, no entanto, dois pontos importantes: o desejo de Portugal de que o problema de Timor-Leste «conduza a uma solução de acordo com a moralidade internacional e a justiça»; o empenho de Portugal em cooperar activamente com as Nações Unidas e em recorrer a todos os mecanismos previstos na Carta das Nações Unidas para encontrar uma solução.

Poder-se-á dizer que o tema Timor-Leste se ficou por aqui. O Primeiro-Ministro terá optado por aflorar vários problemas à escala internacional (diálogo Norte-Sul, desanuviamento, Médio Oriente, Namíbia, Afeganistão, Campuchea, Polónia, etc.), em vez de se debruçar apenas sobre um ou dois temas.

Diga-se, porém, que a parte do discurso de Pinto Balsemão referente a Timor-Leste, mereceu comentários positivos da Fretilin.

Abílio Araújo, membro do Comité Central daquela Frente de Libertação, comentando o discurso, diria: «Pensamos que vai em grande parte influenciar a posição de vários países. Por isso, saudamos o empenho do Estado português em resolver o problema de Timor-Leste.»

E o dirigente da Fretilin acrescentaria num depoimento à ANOP: «Apelamos agora para que Portugal não fique só nas iniciativas que tomou por causa desta Assembleia Geral da ONU, mas que as continue e intensifique depois da Assembleia, para que se possa encontrar uma solução.»

A rematar, Abílio Araújo reconheceu que «de facto, o problema foi desta vez tratado com seriedade».

Balsemão no Canadá

Entretanto, e segundo fontes oficiais em Otava, a visita oficial que o Primeiro-Ministro se prepara para fazer ao Canadá, entre segunda e quarta-feira próximas, constitui «um marco histórico» nas relações luso-canadianas, nitidamente melhoradas depois da «Revolução dos Cravos», de 1974.

As mesmas fontes, citadas num telegrama da AFP, referem, com efeito, que as relações entre os dois países, longamente temperadas pela recusa do Canadá de ver o Portugal de Salazar entrar na NATO em 1950, se intensificaram após a Revolução do 25 de Abril.

A deslocação de Balsemão ao Canadá começará em Toronto, principal cidade do Ontário industrial, onde se encontram radicados 2/3 dos emigrantes portugueses naquele país (cerca de 300 mil pessoas). Balsemão terá um primeiro encontro com Pierre Trudeau, seu homólogo canadiano, terça-feira em Otava. Outros se seguirão com a presença dos ministros da Economia e da Cultura.

Pinto Balsemão terminará a sua visita quarta-feira, em Montreal, segundo ponto de aglomeramento da comunidade portuguesa (cerca de 50 mil pessoas).

Nobre da Costa ao "Expresso"

"Não aceitaria ser Presidente da República

«Não há espaço político para um partido presidencial» e «... nem me interessa pessoalmente a formação do partido presidencial, porque não quero pertencer a nenhum partido» – foram duas das afirmações, em entrevista ao «Expresso» do ex-primeiro-ministro Nobre da Costa.

Quanto à eventualidade de ser um dos candidatos à Presidência da República, o eng. Nobre foi também muito peremptório: «Nunca ninguém me falou na hipótese de ser Presidente da República, e não aceitaria, nem numa situação de emergência. É uma atitude de tal modo definitiva e irreversível, que em caso nenhum aceitaria». No entanto, o eng. Nobre da Costa encararia a hipótese – «apenas num quadro de emergência» – «de voltar a ser ministro. Mas só. Não encaro a minha participação no Governo. Isto é para os políticos».

ALPIARÇA 5 DE OUTUBRO 1982

Aniversário da Implantação da República

TEREMOS NO CONCELHO DE ALPIARÇA O SR. CONSELHEIRO DA REVOLUÇÃO BRIGADEIRO PEZARAT CORREIA

PROGRAMA

11 h — Apresentação de cumprimentos nos Paços do Concelho.
16 h — Visita à Casa Museu dos Patudos.
21 h — Na Sociedade Filarmónica Alpiarcence 1.º Dezembro sessão evocativa da Implantação da República, subordinada ao tema: «A Revolução Republicana de 5 de Outubro, o 25 de Abril e a Situação Política Actual», com a presença do sr. brigadeiro Pezarat Correia, historiador, professor Vítor de Sá e de autarcas do concelho de Alpiarça.
22.30 h — Espectáculo com Carlos do Carmo.

Câmara Municipal
Assembleia Municipal
Alpiarça

AVISO

PAÇOS DE FERREIRA

ALTERAÇÃO NOS NÚMEROS DE TELEFONE

A partir do dia 2 de Outubro são alterados os números de telefone pertencentes à rede de Paços de Ferreira do Grupo de Redes de Penafiel.

Assim todos os números começados pelo algarismo 7 passam a começar por 96.

Exemplos:
O número **72345** passa a **962345**
O número **73345** passa a **963345**

Esta alteração é motivada por melhoramentos em curso nas redes telefónicas da região.

AJUDE-NOS A SERVI-LO MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE

TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

CTESA NCK

de ontem para hoje

Alarme num «Boeing» da TAP

UM «Boeing 727» da TAP que, cerca das 18 e 35 de ontem, descolara do Aeroporto da Portela com destino ao Funchal, teve de regressar a Lisboa depois de um telefonema anónimo ter alertado para a existência de uma bomba no seu interior. Uma vez na pista o aparelho, com 115 pessoas a bordo, foi vistoriado por uma equipa da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP que nada detectou de anormal. A partida para o Funchal teve lugar pouco depois da meia-noite. Falsos alarmes levaram igualmente a mesma Brigada às instalações do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Benfica, e do Crédito Predial Português, no Estoril.

Liga dos Combatentes alerta

Ultimamente alguns indivíduos têm-se empenhado em peditórios (dinheiro, roupas e outros artigos) apresentando-se como representantes da Liga dos Combatentes. Deste modo, aquele organismo lançou ontem um apelo solicitando às pessoas contactadas por cidadãos não credenciados pela Liga para que os denunciem às autoridades policiais ou à sua agência em Lisboa.

A «doutora» Margarida

Uma falsa médica, a «doutora» Margarida, acaba de ser detida no Porto pela Polícia Judiciária, após ter burlado várias pessoas a quem «consultava» e passava as respectivas receitas. Aos seus clientes a «doutora» Margarida apresentava um cartão, no qual era referenciada a sua especialidade (brônquio-cardio-pulmonar) e a localização do seu consultório na Rua Sá da Bandeira, naquela cidade, efectivamente pertencente a um conhecido clínico.

Lançou uma tesoura ao filho

Uma criança de onze anos, Manuel Farinhas do Monte, encontra-se internado em estado grave no Hospital de S. João, no Porto, em consequência de a mãe lhe ter espetado ontem à tarde uma tesoura de podar nas costas. A agressão ocorreu no lugar de Castelhão, no concelho de Barcelos, quando a mãe reagiu «incomodada pelas traquinices» do pequeno Manuel.

Portugueses vitimados em Burgos

Dois portugueses morreram e sete ficaram feridas num acidente de viação ocorrido ontem perto de Burgos, quando um carro de turismo conduzido por António Jacinto, de 51 anos, colidiu por motivos não apurados com um camião que vinha em sentido contrário. No choque tiveram morte imediato o condutor e a sua companheira Micaela Fernandes, de 50 anos, sofrendo ferimentos graves Gregório Firmino dos Anjos, de 53, Armanda Amélia Cascais, de 49, e António Fernandes Gregório, de treze. Quanto aos três outros ocupantes do veículo – apresentam apenas lesões ligeiras.

Agrediu a mulher à facada

O servente Carlos Leal, de 22 anos, foi ontem detido na Rua Latino Coelho, em Lisboa, após ter agredido à facada a esposa, de quem se encontra separado, provocando-lhe ferimentos graves no tórax e no pescoço. A vítima, Anabela Rito Leal, de 20 anos, deu entrada no Hospital S. José.

Três crianças carbonizadas

Três crianças pereceram carbonizadas, ao fim da manhã de ontem, durante um incêndio, provocado por um isqueiro accionado por uma delas, que destruiu três habitações humildes, na Rua do Monte, em Gulpilhares, Vila Nova de Gaia. As vítimas são os irmãos António e Rui Manuel de Sousa, de quatro anos e três meses respectivamente, e Albertina Gomes da Silva, de quinze meses. Uma irmã desta última, Maria do Céu, de quatro anos, ainda conseguiu salvar os outros dois irmãozitos, saltando com eles por uma das janelas.

Centro Social João Paulo II

O Centro Social João Paulo II irá ser instalado na casa solarenga do Espírito Santo, em Lamego, por iniciativa da paróquia da Sé. O novo complexo incluirá uma biblioteca, centro de dia, centro infantil, sala de reuniões e salão de convívio para aproveitamento dos tempos livres da juventude. Os responsáveis tencionam também construir um parque infantil em terreno anexo.

Suicídio ou queda acidental

Uma estudante de dezasseis anos, Ana Paula da Silva Mateus, morreu ontem à tarde ao despenhar-se do quarto andar do prédio n.º 47 da Rua Carvalho Araújo, à Alameda D. Afonso Henriques, em Lisboa. Duas hipóteses se colocam: suicídio, após discussão com a mãe, ou queda acidental, pelo facto de o corrimão de madeira da varanda ter cedido. Ana Paula residia com a mãe e com o padrasto.

Defesa dos Direitos do Animal

"Corridas de toiros têm dias contados entre nós"

— admite a Liga Portuguesa

A Liga Portuguesa dos Direitos do Animal garante que as touradas «têm os dias contados em Portugal» e que uma das suas obrigações «é encurtar ao máximo esse número de dias». Daí que a V Conferência da Liga Internacional se reúna em Lisboa entre 8 e 9 do corrente, no anfiteatro da Escola Superior de Medicina Veterinária e aproveite para dar conta das suas opiniões e divulgar as suas posições.

Associação humanitária de utilidade pública, a Liga Portuguesa dos Direitos do Animal, cuja representatividade é muito contestada pelos defensores da tourada (e mesmo das corridas de morte) portuguesa, tem delegados e adeptos em todo o País, sendo de âmbito nacional. A V Conferência Internacional da Liga dos Direitos do Animal é uma iniciativa da liga portuguesa que convidou Lucas Pires para o acto, ao qual deverá presidir o prof. Théodore Monod, membro da academia francesa.

A liga portuguesa, filiada na Liga Internacional dos Direitos do Animal, vem-se batendo pela redução das corridas à portuguesa e pela abolição de corridas com toiros de morte através da RTP (essas de Espanha), considerando ainda que para atrair turismo não é necessário oferecer espectáculos vergonhosos. «A tauromaquia é uma arte pérfida e corrompida de tortura e de matar animais, de harmonia com regras, na legalidade e em público», afirma ainda a LPDA.

E porque constitui uma provocação muito grande à moralidade, à educação, à ciência e à cultura, refere ainda a LPDA que a Liga Internacional dos Direitos do Animal «inflige uma sanção colectiva aos promotores, ao pessoal e à clientela das corridas de touros, assim como aos escritores, aos jornalistas e aos políticos que fazem a apologia de um assassinato torturante, premeditado e programado, constituindo um grande ultraje aos direitos do animal».

Entretanto, vai intervir para que sejam punidas as entidades que permitiram touradas com picadores em Vila Franca de Xira, Albufeira e Moita e contra as autoridades que não impediram – e até assistiram – a toiros de morte em Barrancos e Monsaraz. Está também nos seus propósitos impugnar o diploma que reduz de seis para quatro anos a autorização de assistir a touradas

Segundo Angelo Correia

Processo de regionalização poderá ser "irreversível"

Ângelo Correia disse em conferência de Imprensa, realizada ontem em Lisboa, que estão «reunidas as condições para a irreversibilidade do processo de regionalização».

Acompanhado dos secretários de Estado da Administração Regional e Local e da Administração Interna, Roberto Carneiro e Carlos Encarnação (indigitado já para cabeça de lista da AD à Câmara de Coimbra), o titular do MAI apresentou aos jornalistas os resultados do trabalho da equipa do seu Ministério sobre o referido processo.

O ministro situou a oportunidade da sua exposição na recente aprovação de diplomas propostos pelo MAI, os quais disse terem sido viabilizados pela revisão constitucional.

Destacou entre eles a Lei-Quadro da regionalização, a que delimita as atribuições dos delegados do Governo nas regiões.

Ângelo Correia referiu a preocupação do Governo em que o processo de regionalização decorresse da forma mais participada, através de amplos debates que tiveram lugar nos deliberativos autárquicos, visando a delimitação das regiões.

«Vocação persecutória»

«Tais debates irão prosseguir, tidos em conta os riscos de uma aceleração excesiva do processo de regionalização», adiantou.

Sobre a figura jurídica do delegado do Governo, disse competirem-lhe a superintendência dos serviços periféricos do Estado e o acompanhamento da acção das empresas públicas da sua área.

Ângelo Correia abordou a questão da desconcentração administrativa, para a qual já o MAI dispõe de propostas dos Ministérios visando a dispersão dos seus serviços.

Outra questão abordada foi a do reforço do poder municipal, a dinamizar, passadas as próximas eleições autárquicas, com o envio para o Parlamento de diplomas nesse sentido.

Referiu-se, neste âmbito, à necessidade de edificação de Juntas de Freguesia, para a qual serão canalizados nos próximos dois anos cerca de um milhão de contos, afirmou.

Referiu, também, o avanço de alguns planos integrados de desenvolvimento regional, com destaque para um em curso em Trás-os-Montes e outro ao Norte da zona da Grande Lisboa, envolvendo 11 Municípios.

Avenida, Anjos, Campo Pequeno

"Bocas" do "Metro" vão abrir ao público

Lisboa vai ter novo cemitério

As «bocas» das estações do «Metro» da Avenida, Anjos, Picoas e Campo Pequeno deverão ser a curto prazo reabertas por iniciativa da Assembleia Municipal de Lisboa que na sua última reunião aceitou uma proposta nesse sentido apresentada por Rui Godinho, vereador da APU, à qual o «DL» já se referiu.

Rui Godinho defende que a Câmara Municipal de Lisboa deverá diligenciar junto da administração do «Metro» para que esta proceda de imediato à abertura das «bocas» daquelas estações que passaram por obras de ampliação e ainda se encontram fechadas ao público.

A última sessão da Assembleia Municipal foi presidida, em duas fases, por Correia Afonso e Mário Nunes da Silva, nelas tratando da recuperação de imóveis degradados, viaduto do Campo Grande e da construção de um novo cemitério em Lisboa, na primeira, e da apreciação das posturas sobre a ocupação da via pública e sobre os ruídos aprovada na reunião de Câmara em Novembro do ano passado.

A postura sobre a ocupação da via pública aprovada por unanimidade dos membros da Assembleia Municipal introduz significativas alterações ao regulamento geral das construções urbanas por forma a disciplinar a colocação de estaleiros e tapumes adstritos a obras de construção com vista a evitar riscos aos utentes das ruas e passeios. A aprovação desta postura implica a revogação de toda a legislação actual sobre a ocupação da via pública.

Para homens de negócios em viagem

Portugal é o país mais "vantajoso" da Europa

Portugal é o país mais «vantajoso» da Europa para um homem de negócios em viagem – segundo um estudo publicado pela revista britânica «Business Traveller».

O mesmo estudo diz que o país mais caro da Europa é actualmente a Irlanda.

Uma diária para um empresário de visita à Irlanda, calculada em relação ao alojamento num hotel de luxo, refeições, bebidas e aluguer de um automóvel, nunca é inferior a 93 libras esterlinas (14 contos) – precisa a «Business Traveller».

A seguir à Irlanda situam-se a Finlândia, com um custo médio de 89 libras por dia, a Holanda, com 86, e a Grã-Bretanha, com 84.

À frente dos países menos caros, Portugal implica um gasto diário de 46 libras (cerca de sete contos). O Luxemburgo, com 51 libras, e a Grécia, com 60, são nesta ordem, os países mais próximos de Portugal.

Portugueses de Gijon vão ser expulsos de "forma individualizada"

Oitenta portugueses residentes na cidade espanhola de Gijon vão ser expulsos «de forma individualizada» – segundo o jornal madrileno «El Pais», na sua edição de ontem.

O mesmo jornal acrescenta que esta forma de expulsão (individualizada) permitirá «às autoridades espanholas efectuar a expulsão dos portugueses num prazo de três a quatro meses para evitar a aparência de repatriação maciça».

«El Pais» cita «fontes seguras» e refere que a decisão foi tomada numa reunião recentemente realizada em Oviedo entre o presidente do governo regional das Astúrias, Rafael Fernandez, o delegado do Governo Central das Astúrias, Ricardo Larrainzar, e o alcaide de Gijon, José Manuel Palacios.

Os oitenta portugueses a expulsar constam duma lista elaborada na semana passado pelo Município de Gijon, e enviada à Polícia.

Segundo o município, os portugueses indicados encontram-se em Gijon em situação ilegal e dedicam-se à delinquência e à mendicidade.

Madre Teresa esteve em Fátima

No prosseguimento da sua visita a Portugal, Madre Teresa de Calcutá esteve ontem em Fátima, onde participou numa oração colectiva.

A cerimónia, que teve lugar na capela das Aparições, foi presidida pelo bispo de Aveiro, D. Manuel Trindade.

Depois da cerimónia, o reitor do Santuário de Fátima, Luciano Guerra, ofereceu à religiosa um terço e uma medalha comemorativa da visita a Fátima do Papa João Paulo II.

Em Portugal desde quinta-feira, Madre Teresa, Prémio Nobel da Paz de 1979, conversou com jovens franciscanos reunidos na casa de Retiro da Senhora do Carmo, e encontrou-se com religiosas da Ordem das Carmelitas.

Em Aljustrel, houve uma visita às casas onde nasceram os videntes, e, na povoação de Valinhos, ao local onde se verificou a aparição de 19 de Agosto de 1917, seguindo depois para Lisboa.

Turismo

Portugueses vão menos a Espanha

Decresceu em cerca de 130 mil pessoas, em Agosto, deste ano e em relação a Agosto do ano passado, o número de turistas portugueses em Espanha – segundo números oficiais revelados ontem em Madrid.

Em Agosto de 1981 visitaram Espanha 1 926 587 portugueses. Em Agosto de 1982, o número baixou para 1 796 227.

Os indicadores oficiais parece confirmarem a tendência verificada aolongo do primeiro semestre de 1982, para a diminuição dos portugueses que atravessam as fronteiras espanholas.

Nos primeiros oito meses de 1982, a Espanha registou um decréscimo de turistas portugueses na ordem dos 2,4 por cento, em função de igual período em 1981. A baixa de Agosto deste ano representa 6 por cento em relação ao número do ano anterior.

Com cerca de seis milhões de entradas de turistas portugueses nos primeiros oito meses do ano, a Espanha tem em Portugal o seu maior fornecedor neste sector, a seguir à França, com cerca de oito milhões de entradas.

Entretanto, nos primeiros seis meses e ao contrário do que se verificou com os turistas portugueses, os turistas franceses a demandarem Espanha aumentaram de 81 para 82, cerca de 3,2 por cento.

Mais números oficiais divulgados ontem em Madrid: durante os primeiros oito meses de 82, a Espanha recebeu 30,172 milhões de visitas, ou seja, mais 5,5 por cento do que no ano anterior.

Detenção confirmada este manhã pelos JIC

Assassino confesso de fadista afirma ter agido sozinho

António Crujo Vieira, o indivíduo apontado como autor da morte do fadista Melo Correia, foi esta manhã presente pela PSP aos Juízos de Instrução Criminal que lhe mantiveram a prisão.

De acordo com o relatório da PSP (a Polícia Judiciária não emitiu qualquer parecer), António Vieira, conhecido nos meios marginais do Cais do Sodré, Parque Mayer e Intendente, «por viver de expedientes homossexuais», afirmou ter agido sozinho, não confirmando assim a existência de um segundo interveniente no assassínio, que testemunhas oculares dizem ter visto fugir após a sua captura.

Ainda segundo o relatório da PSP, que estranhamente não refere a existência de nenhuma catana, António Vieira teria em seu poder uma machadinha, uma faca e uma navalha. Quanto às malas, contendo peças de arte e colecções pertencentes à vítima, António Vieira, já condenado anteriormente a uma pena de seis anos por roubo, alegou que não pretendia ficar com elas, mas apenas utilizá-las como álibi para despistar a Polícia.

O auto de notícia presente no Governo Civil refere ainda que na captura de António Vieira teria participado o soldador António Andrade, alertado por uma vizinha e pelo ardina Salvador.

Para acabar com pragas de mosquitos e ratos

Câmara do Seixal lançou campanhas de desinfestação

A Câmara Municipal do Seixal inicou, no passado mês de Setembro uma campanha de desratização na zona da vila, que se traduz na colocação de iscos em todas as marés-baixas.

Por outro lado, estão em curso reuniões com o comando da base Naval de Lisboa, «com o objectivo de se tentarem programar trabalhos conjuntos (limpeza de lodos, desaterros, etc.) em toda a orla situada entre Miratejo e a Ponta dos Corvos (praia do Alfeite), acções que pensamos irão dar um forte contributo para a melhoria da situação».

Com estes esclarecimentos públicos, a Câmara do Seixal procura dar resposta às «reclamações acerca da existência de pragas de mosquitos e ratos no município, e em especial nas zonas ribeirinhas».

Depois de refeir que desde há vários anos que a Câmara tem um contrato com uma firma especializada em tratamento de esterilização, o município esclarece que «todos os trbalhos são executados de acordo com o prévio levantamento da situação, o que possibilita saber-se do tipo de praga, dos locais mais críticos, da época mais conveniente para o início ou para a intensificação dos tratamentos».

Assim são feitas desinfestações quinzenais nas zonas ribeirinhas, enquanto nos espaços verdes, o tratamento é mensal.

No que diz respeito à desratização, a situação é semelhante, «pois os tratamentos, para esta praga, são feitos colocando iscos nas zonas lodosas».

A concluir, a Câmara do Seixal denuncia o «imobilismo de outras entidades do Poder Central, que nada fazem para contrariar o desenvolvimento das pragas de insectos, ignorando totalmente a situação.

CP na mira de Viana Baptista

Rentabilidade da empresa passa pela redução de pessoal

Um projecto de resolução do ministro dos Transportes, Viana Baptista, a discutir dentro em breve pelo Conselho de Ministros, prevê a alteração do estatuto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (CP) com a finalidade de a tornar competitiva em relação a outras empresas do sector de Transportes.

Entre as medidas previstas de imediato, estaria a demissão do actual conselho de gerência, presidido pelo ex-ministro Marques da Costa, que seria substituído por uma comissão admistrativa sob a tutela do Estado.

Para além do inevitável encerramento de linhas e estações, prática de preços ao nível dos custos reais e suspensão drástica de investimentos, a diminuição dos postos de trabalho é um dos aspectos do «dossier CP» de mais delicadas incidências.

No âmbito da resolução, o ministro dos Transportes inclinava-se inicialmente para uma política de despedimentos. Depois, acabou por se optar por um programa de reformas antecipadas.

De qualquer modo, não restam dúvidas, a nível governamental, a este respeito: é necessário reduzir o pessoal da CP, que presentemente atinge os 23 450 trabalhadores.

No entanto, há técnicos que não consideram excessivo o número de trabalhadores, sustentando que, pelo processo normal de reformas, o número de trabalhadores descerá, até 1984, para os 18 000 trabalhadores, número manifestamente insuficente para as necessidades da empresa.

Em causa uma entrevista a "O Diário"

Esteves na PJ

José Esteves, ex-guarda-costas de Freitas do Amaral ligado a uma das redes bombistas, e Ângelo do Nascimento, membro destacado do ELP, sob o pseudónimo de «Mota», estiveram nos últimos dias na sede da Polícia Judiciária em Lisboa, o primeiro «oficialmente» e o segundo «clandestinamente».

José Esteves foi interrogado, após ter sido detido em Sintra por dois agentes da PJ, na recém-criada Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB), sobre as suas actividades bombistas e sobretudo para esclarecer alguns dos pontos abordados numa entrevista que concedeu ao «Diário», em Janeiro passado. Nessa entrevista, José Esteves fazia afirmações nada abonatórias para o actual vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa, e para o partido de que é presidente, referindo a dado passo: «No CDS só se falava de armas e bombas». José Esteves prosseguirá o seu depoimento na próxima segunda feira.

LEVI STRAUSS
NOVAMENTE EM PORTUGAL
BLUSÕES DA FAMOSA MARCA

Levi's ®

depois de alguns anos de ausência
Chama-se a atenção dos Senhores Comerciantes para o facto de que o único
Agente, Importador e Distribuidor Exclusivo
para todo o território nacional
é a Firma
F.S. RIBEIRO, LDA.
Largo Carlos Selvagem, 3 F
1500 LISBOA
Tel. 740984

QL

SOCIEDADE AGRÍCOLA E COMERCIAL DE VINHOS DE MESA
DA QUINTA DE LOUREIRO, S.A.R.L.
DOURO - PORTUGAL

Cabo-Verdianos em Portugal (2)

"Cretcheu Cabo Verde"

Longe da terra de origem, os emigrantes reproduzem os seus hábitos e costumes. São os portugueses que, ao domingo, passeiam **«A Bola»** *no metro de Paris. São os cabo-verdianos que, em Portugal mantêm a sua alimentação tradicional, as suas paródias de fim-de-semana, na tentativa de, por momentos, ficarem mais perto.* **«Cretcheu Cabo Verde»**, *terra amada, tão longe e que, pelo odor da* **«cachupa»**, *pelo travo do* **«grogue»**, *pela música, pode ficar tão perto. Do idílico da recordação, à vivência dos problemas quotidianos, vai um pequeno passo, onde ainda resta a esperança.*

Em duas zonas de contraste de Lisboa há a recordação e a esperança. S. Bento e bairros de lata, das pensões às barracas, da *«mafia»* ao trabalho.

«Puli Son Bento»: a «arte» de nada fazer

Ponto de passagem obrigatório dos cabo-verdianos em trânsito, a zona de S. Bento transformou-se num *«ghetto»* de cumplicidades e de negócios obscuros.

Para o presidente da junta de freguesia de Santa Catarina, José Ramada Curto, não é a presença dos cabo-verdianos que fez da zona ribeirinha uma área temida.

«Trata-se de uma zona onde há marginalidade concentrada, que não se pode atribuir exclusivamente aos cabo-verdianos», considera aquele autarca.

Por outro lado, como sublinha Ramada Curto, *«a elevada média etária dos seus habitantes, que ronda os 55 a 60 anos, levou ao estabelecimento de fortes laços comunitários, quase de província»*. Esta comunidade, nunca reagiu bem à presença de estranhos, independentemente da sua cor. *«No entanto*, prossegue o presidente da junta de Santa Catarina, *há um certo racismo latente, mútuo.»*

Uma zona habitacionalmente degradada economicamente débil, e por onde proliferam as mais diversas cumplicidades, constitui a primeira escala dos cabo-verdianos.

Uns, a maioria, partem para as barracas. Outros, por ali ficam, sujeitos às pensões dormitórias e às *«mafias»*. Desempregados, indocumentados, integram-se em redes de protecção e de marginalidade. *«Puli Son Bento»*, á a expressão, crítica, em *«criolo»* que os designa. Polir São Bento, nada fazer, senão segurar muros de prédios.

Qualquer contacto é difícil. Questionados, todos afirmam trabalhar. Quando pedimos o endereço de uma camarata, dizem que não sabem, embora reconheçam que elas existam.

O pilão: para «cochir» o milho, ou o cumprimento de um ritual em terra estranha?

Quinze minutos depois destas perguntas, as portas fecham-se. A rede de protecção funcionou, e não é o cartão de jornalista que a irá furar.

Cabo Verde está nas montras

Mas S. Bento, não é para os cabo-verdianos, apenas uma área de que muitos se envergonham. No início dos anos 70 zona de habitação, é ainda hoje um espaço de convivio e recordação.

Com o tempo, têm proliferado as lojas de cabo-verdianos. Nas montras, discos, anúncios de viagens a Cabo Verde, milho, tornam palpável a presença da terra-mãe e dos seus produtos.

Na *«Mercearia Ideal»*, de que é proprietária Alice Margarida Silva, cabo-verdiana residente há 18 anos em Portugal, havia milho para a *«cachupa»* e aguardente, *«grogue»*. Figura magra, alta e imponente, discutia na rua com os *«cabo-verdianos que fazem vergonha»*, os *«polidores»* de S. Bento. Peixe seco e banana, não havia. *«O barco ainda não chegou»*, lamentava.

Mais a baixo, Nelson Monteiro trabalha há seis anos na sua oficiana de sapateiro. Orgulhoso, mostra as máquinas e sorri para a objectiva. *«Tenho muitos clientes metropolitanos»*, diz, utilizando na linguagem a marca de séculos de relação colonial.

Na discoteca *«Cretcheu»*, propriedade de *«Bana»*, desde 1976 se vende música cabo-verdiana a cabo-verdianos.

Perto do Conde Barão, uma, das três agências de viagens de cabo-verdianos, anuncia uma excursão em Dezembro a Cabo Verde para passar o Natal e o Ano Novo. Ao balcão vende-se a *«Voz di Povo»* e *«Terra Nova»*, jornais de Cabo Verde.

Por momentos a palavra *«Cretcheu»* – algo querido e amado – sobrepõe-se à saudade.

Organizar a solidariedade

Nos bairros de lata, por entre barracas e barrancos, crescem couves e milho. As mulheres transportam às costas as crianças mais novas, um dos quatro a cinco filhos que têm por média, as famílias cabo-verdianas.

O som do bater do milho no pilão, o odor da *«cachupa»* e a música estão sempre presentes.

Os problemas também.

Num bairro de barracas da zona da Damaia, comprimido entre a fábrica da *«Cel-Cat»*, as portas de Benfica e a linha férrea, rodeado de urbanizações recentes, os problemas são muitos.

Ponto final de uma viagem fracassada, é nesse espaço que os cabo-verdianos e os trabalhadores portugueses, heróis da mesma desgraça, coabitam e tentam melhorar a sua sorte.

«Num bairro de 70 a 80 por cento de cabo-verdianos, nunca houve problemas rácicos», afirma-nos a irmã Maria Vitória que, com outras dominicanas, desde há sete anos trabalha e vive na zona.

Geral de Educação de Adultos, planeamento familiar, cuidados materno infantis, e encaminhamento dos jovens, são algumas das certezas. *«A actividade pastoral não é só a cataquese»*, afirma a irmã Maria Vitória. *«É também o trabalho comunitário, em prol da comunidade.»*

Os planos são-nos confiados por Francisco Tavares Andrade, «Manito», da associação de moradores: lar da terceira idade,

O jogo do «oril»

Num mar de problemas, vão-se encontrando as cadeias da solidariedade, resolvendo-se os problemas. Desde 1975 que uma associação de moradores de negros e brancos deitou as mãos à obra.

Enquanto que funcionários da Câmara Municipal da Amadora instalam as manilhas, para actualizar a rede de esgotos, num barracão crianças ocupam os seus tempos livres, sob a orientação de duas profissionais pagas pela câmara. Ao lado, num «atelier» de costura, em cinco máquinas da congregação, mulheres do bairro trabalham para fora.

Numa espécie de um largo, fruto de um incêndio recente, por entre um labirinto de vielas de terra batida, situa-se o «centro nevrálgico». No meio, um parque infantil. Ao fundo, junto ao balneário e aos lavadouros, a sede da associação de moradores.

Alfabetização, desde há seis anos com o apoio da Direcção professores de formação profissional, e equipa de futebol para participar nos torneios organizados pela Associação dos Cabo-Verdianos.

«Vinte e três equipas, só formadas por cabo-verdianos, participaram no torneio de futebol de onze organizado aquando das Festas da Independência», afirmou-nos Armindo Maurício, presidente da Associação dos Cabo-Verdianos residentes em Portugal, que tem vindo a apoiar e dinamizar as iniciativas de diversos bairros de cabo-verdianos. *«É uma forma de congregar as pessoas e dar aos jovens as raízes que perderam»*, conclui o dirigente da associação.

Uma forma de organizar a solidariedade e encurtar distâncias.

Texto: Nuno Ribeiro
Fotos: José Tavares

Cab' Verde na Estrêla

Vai para o Jardim da Estrela
é domingo é dia dela
quem lha dera vê-la já
vai de flor na lapela
flor mais bela do que ela
ele jura que não há
Chega cedo e fica à espera
e quem espera desespera
conta o tempo que ainda falta
entretem-se a ver a malta
ai! já cheira a canela
na calçada lá vem ela
mais bela não há

Há no céu tanta estrela
mas um brilho como o dela
faz arder o seu coração
quer pegar na mão dela
e os seus olhos de gazela
têm brasas de carvão
curiosa passa gente
não adivinha o que ele sente
sente que a vida é um jeito
de abraçar o sol ao peito
ai! como custa vê-la
com receio de perdê-la
entre os dedos da mão

Diz um adeus para ela
é um adeus de barco à vela
correndo as ondas do mar
fica o retrato dela
perfumado na lapela
flor que nunca vai murchar
Cabo Verde é uma lembrança
quase uma tristeza mansa
diz que aqui a vida é boa
ó enganos de Lisboa
ai! se não fora ela
com o seu cheiro de canela
não podia aguentar

Fernando Assis Pacheco

Cabo Verde está na montra

BR

Batista Russo

Este símbolo é caminho de futuro

Falar do passado? Sim, um pouco. Para dizer que soubemos vencer.
De positivo ganhámos uma grande experiência.
Como incentivo para uma perfeição a atingir, contámos sempre
com o enorme prestígio internacional das marcas
que comercializamos — automóveis BMW — camiões e autocarros M.A.N.
O novo símbolo Batista Russo é reflexo dessa nova dinâmica.
Activa e responsável. Representativa duma capacidade renovada de trabalho.
Homens, tecnologia, equipamento... tudo a postos!
Rede de vendas e assistência em fase de expansão.
Atendimento, diagnóstico e reparações dispondo das últimas inovações técnicas.
Existência completa no stock de peças e acessórios.
Somos uma organização responsável cuja filosofia de trabalho é futuro.
Só assim poderemos merecer a sua confiança.

Estamos no futuro

Franciscanos contra armas nucleares

Dirigentes da Ordem Franciscana afirmaram ontem que as armas nucleares são imorais e apelaram aos Governos do Mundo para que destruam os seus arsenais atómicos e suspendam a investigação nuclear.

Pediram ainda aos trabalhadores das indústrias de armamento nuclear que estudem uma reformulação visando o fabrico de equipamento não-militar.

O apelo foi lançado por quatro superiores franciscanos, que lideram a Ordem, que conta a nível mundial com 38.153 membros.

«A utilização das armas nucleares e a corrida aos armamentos deve ser condenada como imoral», afirma o apelo dos padres John Vaughn, Vitale Bommarco, Flavio Carraro e Roland Faley.

«Apelamos aos governos do Mundo para que renunciem ao uso das armas nucleares e eliminem os arsenais nucleares».

«Defendemos ainda o fim do processo de investigação, produção, ensaio e estacionamento de armas nucleares, cada vez mais devastadoras, que aceleram a corrida aos armamentos, pois também eles devem ser considerados um mal moral», disseram os responsáveis franciscanos.

«Estamos profundamente preocupados com a saúde e bem-estar dos nossos irmãos e irmãs que trabalham actualmente nas indústrias de armamento nuclear. Reconhecemos que as despesas militares são o meio menos eficaz, para fornecer postos de trabalho para os desempregados».

Nova era ou fase de transição?

Helmut Kohl é novo chanceler da RFA

Helmut Kohl, de 52 anos, chefe do Partido Cristão-Democrata (CDU) tornou-se ontem, pelas 15 horas locais (14.00 de Lisboa) o sexto chanceler da República Federal da Alemanha, no termo da votação duma «moção de desconfiança construtiva» prevista pela Constituição.

256 deputados, mais sete do que a maioria absoluta necessária, votaram no candidato cristão-democrata, derrotando Helmut Schmidt, no Poder há 8 anos.

O escrutínio foi secreto, mas considera-se que trinta deputados liberais forneceram a Khol o apoio indispensável para derrubar Schmidt. Quatro deputados em 495 abstiveram-se; 235 deputados votaram contra a moção de desconfiança, ou seja, provavelmente, o conjunto dos deputados sociais-democratas e cerca de 20 liberais.

A votação, que levou Helmut Khol ao Poder, decorreu em ambiente tenso, após seis horas de deliberações no Bundestag.

Num último e dramático apelo aos deputados liberais associados durante 13 anos ao seu partido, o chanceler Schmidt lançou-lhes uma advertência contra «a intolerância e a falta de liberalismo» dos seus futuros parceiros cristãos-democratas.

Logo após a publicação oficial dos resultados, o ex-chanceler foi, como exige o protocolo, congratular o seu rival, logo seguido por Willy Brandt, presidente do SPD e também antigo chanceler.

Antes mesmo de o presidente do Bundestag, Richard Stuecklen (CDU), ter anunciado o resultado, os deputados cristãos-democratas foram felicitar Khol, ao passo que o chanceler cessante se sentava estoicamente no seu banco de deputado.

O Governo cessante de Schmidt apresentou depois a sua demissão ao presidente da República, Karl Carstens, o qual entregou depois a Khol o decreto da sua nomeação para o cargo de chanceler federal.

Khol prestou juramento pelas 17.30 locais (16.30 de Lisboa).

O antigo chanceler Helmut Schmidt, apoiado pela ala esquerda do Partido Liberal, esforçou-se por tirar «qualquer credibilidade moral» ao novo Governo de Khol. Para ele, a nova política de rigor orçamental será deflacionista, o que vai contra o princípio da solidariedade, devendo atingir prioritariamente os rendimentos mais modestos.

Por seu turno, Gerhard Baum, o antigo ministro liberal de Schmidt, criticou violentamente os projectos do novo

Helmut Kohl presta juramento como chanceler da RFA perante o presidente do Bundestag. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Governo em matéria de liberalismo interno: Atitude mais restritiva para com os trabalhadores estrangeiros, leis antiterroristas reforçadas e retrocesso na aplicação das proibições profissionais.

Franz Josef Strauss, presidente da CSU (bávara), não hesitou em criticar ontem à noite os liberais que co-responsabiliza pelo «caos de treze anos de poder social-liberal».

Nova era ou transição?

O novo chanceler cristão democrata Helmut Khol está decidido a lançar a RFA num «novo arranque» económico e social.

Mas as divisões profundas no seio do seu aliado liberal poderão tornar Khol num simples chanceler de transição à espera das novas eleições antecipadas para 6 de Março de 1983.

É certo que Khol obteve uma maioria confortável de 256 votos sobre 495 para derrubar o Governo minoritário social-democrata de Helmut Schmidt, mas a ala esquerda do Partido Liberal com cerca de 20 deputados em 53, é hostil à coligação e recusou publicamente dar os seus votos ao novo chanceler.

Por sua vez, o líder da União Social-Cristã e primeiro-ministro da Baviera, Franz-Josef Strauss, que teria ascendido a vice-chanceler e o ministro dos Negócios Estrangeiros, se os conservadores governassem sem apoio liberal, renunciou a todos os cargos ministeriais.

Por esta razão, o novo Governo é constituído por oito ministros da CDU e outros. Oito do Partido Liberal. Hans-Dietrich Genscher continua a ser vice-chanceler e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Reacções

Os aliados e amigos da Alemanha Federal são unânimes em considerar que a mudança governamental ocorrida em Bona, não deverá produzir alterações de fundo na sua política externa.

Concordam que a posição alemã federal em questões fulcrais como o comércio Leste-Oeste e a instalação de novos mísseis nucleares da NATO não se modificarará.

Em Washington, a Casa Branca e a Secretaria de Estado mostraram-se confiantes no prosseguimento de relações harmoniosas de trabalho entre os Estados Unidos e o novo chanceler.

Em várias capitais, os círculos oficiais viram no regresso do liberal Hans-Dietrich Genscher ao Ministério dos

TÓBOM

Companhia de Criação e Comércio de Gados, SARL

R. Fraternidade Operária, 16-1.º – 1900 LISBOA

COMUNICADO

A razão pela qual a TÓBOM suspendeu a sua actividade tem como base um facto que vem desde 1979, traduzindo-se praticamente na fixação dos preços de venda da Carne Fresca de Porco imposta aos Industriais pela DGCP – Direcção-Geral da Concorrência e Preços –, que para tal se baseia numa estiva padrão posta em prática a partir do referido ano, estiva essa que contempla uma teoria técnica de estiva, cujos pressupostos apontam para uma rentabilidade negativa entre a aquisição do porco e a recuperação do valor de compra, após a venda.

Como tal facto não fosse só por si suficiente, já que acarreta um prejuízo que, por animal se cifra em valores entre os 400$00 a 700$00, o Governo através da DGCP – Direcção-Geral da Concorrência e Preços – determina que o valor aceite para maximizar a dita estiva padrão, é de 135$00/kg por carcaça de 1.ª qualidade, o que quererá dizer que os extras se situam em 155$00/kg e os de 2.ª qualidade em 114$00/kg, o que é contrariado na realidade porque o mercado do suíno é um mercado livre e está situado em 150$00/kg.

No que se refere aos produtos industrializados, para além de não aceitarem as estruturas de custos dos Empresários, a DGCP – Direcção-Geral da Concorrência e Preços – tem como prática fixar um preço com um carácter totalmente arbitral, impondo aos industriais os preços que entende, sem qualquer explicação ou discussão, sobrepondo-se ao conteúdo da Lei onde a premissa mais grave é considerar que a matéria-prima (carne) é calculada para a estrutura de custos na ordem de 135$00/kg, quando efectivamente a «carne» é considerada a 260$00/kg, já que é a este preço que a DGCP – Direcção-Geral da Concorrência e Preços – a valoriza na sua estiva padrão.

Para além disto, entende esta entidade só aceitar a massa salarial até ao limite de 17%, assim cómo outros factores que julga nem sequer aceitar, justificando a sua actuação afirmando que: «É política do Governo, por um lado, não deixar reflectir os custos reais no consumidor e, por outro, também não assume a responsabilidade de subsidiar os custos efectivos dos produtos lançados no consumidor.»

Explosão provoca 50 mortos e 500 feridos em Teerão

A explosão de uma bomba num otel do centro de Teerão provocou pelo menos 50 mortos e 550 feridos – revelou uma fonte na capital iraniana contactada telefonicamente pela agência Reuter.

Segundo a rádio iraniana, captada em Paris, que cita o chefe da Polícia, coronel Hedjazi, a carga explosiva de 150 kg colocada num camião estacionado abriu uma cratera de 2 metros de profundidade. A deflagração destruiu um hotel de cinco andares e três autocarros, danificando vários edifícios numa artéria muito movimentada da capital, a avenida Nasser Khosrow.

A explosão provocou «centenas de feridos» entre os clientes do hotel, das lojas e dos restaurantes vizinhos, entre os passageiros dos autocarros, acrescentou a emissora, que, sem ter fornecido qualquer balanço oficial das vítimas ao princípio da manhã de hoje, indicava no entanto que «metade dos hospitais de Teerão estão cheios de feridos».

A responsabilidade deste atentado – que se registou numa altura em que, segundo Teerão, as forças armadas iranianas «conseguem importantes vitórias» na frente dos combates com o Iraque – foi atribuída pela emissora «aos mercenários da América». Contudo um porta-voz militar iraquiano anunciou que as forças de Bagdade fizeram fracassar hoje de manhã uma «larga» ofensiva iraniana lançada na noite passada ao longo do sector central da frente de combate.

Esse porta-voz, que é citado hoje de manhã pela agência INA, recebida em Manama, reconheceu que as forças iranianas ocuparam «algumas regiões fronteiriças, numa profundidade de um a dois quilómetros na reião de Mandali».

«As forças iraquinas preparam-se para contra-atacar essas posições», precisou.

O porta-voz afirmou por último que «fracassaram totalmente todas as tentativas do inimigo» lançadas na noite passada contra as forças do segundo corpo do Exército estacionadas no sector central da frente (que se estende por cerca de 300 km a leste de Bagdade).

Vaga de atentados no Chile

Cinco atentados com explosivos tiveram lugar ontem, em Santiago e nos arredores do porto de Valparaíso, que provocaram um morto, soube-se de fonte policial em Santiago.

Por outro lado, pelo menos quarenta pessoas foram presas por ocasião da dispersão de manifestações da oposição ao Governo na capital chilena e em Conceição (500 km mais ao sul).

Os participantes reclamavam nomeadamente uma luta acrescida contra o desemprego e o fim da repressão.

Jorge Luís Maturana Ruz, presumível guerrilheiro, foi morto na explosão de uma bomba artesanal que possuía, afirmaram fontes policiais, precisando que uma outra pessoa ficou seriamente queimada. A polícia não forneceu o número de vítimas nos quatro outros atentados.

Nas últimas seis semanas, assistiu-se no Chile a uma série de manifestações de rua de estudantes, sindicalistas e de intelectuais, hostis à política governamental. Os manifestantes, ligados à esquerda e a movimentos católicos, exigem o direito ao regresso dos exilados políticos denunciam a deterioração da situação económica do país.

Trabali

Armas n... em ter...

A octogésima primeira conferência anual do Partido Trabalhista britânico votou ontem a favor do desarmamento unilateral da Grã-Bretanha e contra a presença de armas nucleares e a instalação de bases nucleares dos Estados Unidos.

A conferência, que ontem terminou em Blackpool, com a presença de mais de mil delegados de todas as circunscrições do país, definiu as bases políticas para que o Comité Executivo Nacional elabore agora o manifesto eleitoral para as eleições que devem realizar-se em 1983.

A primeira tarefa deste Comité, eleito durante a conferência e que apresenta uma tendência política mais de direita que o anterior, será estabelecer o processo pelo qual devem ser expulsos do Partido Trabalhista os membros de

Era cósmica

Foi há 25 anos, em 4 de Outubro de 1957, que o Homem colocou em órbita terrestre o seu primeiro engenho cósmico. O peso «elevado» do «sputnik» (84 quilos) surpreendeu os especialistas estrangeiros. Espanto foi talvez a primeira grande sensação da entrada, há um quarto de século, na Era Cósmica.

Nos 25 anos da era espacial a cosmonáutica desenvolveu-se vertiginosamente. Os voos cósmicos tripulados tornaram-se rotineiros, o homem passeou na Lua, o «céu» encheu-se de engenhos espaciais.

Sondas automáticas poisaram em Marte e recolheram amostras do solo em Vénus. Dos 84 quilos do «Sputnik» passou-se para as

Negócios Estrangeiros o sinal de que a política externa alemã federal se manterá nas suas linhas essenciais.

Em Bruxelas, diplomatas da NATO advertiram, porém, que a esquerda antinuclear social-democrata, refreada quando o Partido estava no poder, retomará provavelmente com redobrado vigor a sua campanha contra a colocação de mísseis Cruise e Pershing-2 no solo alemão federal.

Acrescentaram que os Estados Unidos e outros membros da NATO receiam a eclosão de grandes manifestações populares quando os primeiros mísseis estiverem prontos para dar entrada nas bases da Alemanha Federal, no fim do próximo ano, se não se registarem progressos nas conversações americano-soviéticas sobre o desarmamento.

Ao mesmo tempo que o primeiro-ministro belga, Wilfried Martens, e o Partido Democrata Cristão italiano acolhiam com agrado a notícia da eleição de Kohl, funcionários da CEE em Bruxelas, opinavam que a perspectiva de eleições gerais na Alemanha Federal, em Março, poderá afectar a subida de Bona, à presidência da Comunidade, no primeiro semestre de 1983, de acordo com o sistema rotativo vigente na CEE.

URSS propõe na ONU

Proibição total e geral de ensaios nucleares

A iniciativa da proibição de ensaios nucleares prevê – em termos concretos – segundo o próprio Gromiko – «acelerar o processo da elaboração e da assinatura de um tratado sobre a proibição total e universal dos ensaios com armas nucleares e transferir para termos práticos as conversações sobre esta questão no Comité para o Desarmamento».

A União Soviética apresentou a exame da A.G. aquilo a que chamou de «as principais teses do tratado sobre a proibição total e universal dos ensaios com armas nucleares».

O referido documento, explicou Gromiko, «tem em conta os entendimentos conseguidos durante os debates sobre este problema realizados nos últimos anos».

Entretanto, congressistas norte-americanos pediram ontem, aos Estados Unidos e União Soviética, que eliminem o perigo de um ataque nuclear de surpresa.

Para isso, os representantes norte-americanos e soviéticos nas negociações de Genebra sobre armas estratégicas, deveriam concentrar as suas atenções nas armas nucleares de ataque, disseram quatro congressistas na introdução a uma resolução nesse sentido.

As negociações «START» sobre redução de armas estratégicas recomeçarão em Genebra no dia 6.

Sete mil milhões

O Congresso norte-americano aprovou, ontem, um orçamento de sete mil milhões de dólares (cerca de 600 mil milhões de escudos) para financiar projectos militares nos Estados Unidos e no resto do mundo.

O orçamento foi aprovado sem votos contra em ambas as câmaras.

Uma comissão mista das duas câmaras acordara previamente o montante, que é 832 milhões de dólares, inferior ao pedido da administração Reagan e 455 milhões inferior à versão original aprovada pela Câmara dos Representantes.

O orçamento inclui 1,9 mil milhões de dólares para projectos do Exército, 1,8 mil milhões para projectos da Marinha e 2,4 mil para os da Força Aérea.

Banco Ambrosiano

Vice-director suicida-se

O vice-director do Banco Ambrosiano suicidou-se ontem, lançando-se de uma janela das instalações bancárias em Milão – anunciou a Polícia italiana. Giuseppi Della Cha, 54 anos, não deixou qualquer mensagem explicativa para o acto, mas, segundo levam a crer as investigações, saltou da janela da casa de banho do quinto andar das instalações bancárias. O suicídio é o terceiro de responsáveis do Banco Ambrosiano a morrer desde o início do escândalo envolvendo empréstimos fraudulentos feitos pelo director Roberto Calvi, que também foi encontrado morto em Junho. O escândalo atingiu o Banco do Vaticano – instituto para as Obras Religiosas (IOR) –, cujo responsável, arcebispo Marcinkus, se teria responsabilizado perante Calvi por empréstimos a bancos sul-americanos. Responsáveis bancários afirmaram que Della Cha regressou recentemente ao trabalho, depois de uma longa ausência por motivo de doença nervosa causada pelo cansaço. Era casado e tinha dois filhos. Na sequência do escândalo as autoridades ordenaram a liquidação do Banco Ambrosiano, surgindo uma nova empresa apoiada por sete instituições bancárias e sem ligações à anterior. Na telefoto UPI/ANOP/«DL»: uma ambulância transporta o corpo de Giuseppi Della Cha.

Mais quarenta bandidos abatidos em Moçambique

As Forças Armadas de Moçambique (FPLM) abateram 40 elementos dos bandos armados entre os dias 24 e 27 de Setembro último, informou à Agência de Informação Moçambicana (AIM) uma fonte militar.

A fonte acrescentou que as acções das FPLM decorreram nas províncias de Gaza, Sofala, Manica, Tete e Zambézia.

Foi em Sofala que os bandos armados tiveram o maior número de baixas, 27. No dia 24 as FPLM abateram 15, e no dia 26 foram mortos 12, estes últimos junto ao rio Mutuchira. Em ambas as acções as FPLM feriram um número não especificado de bandidos.

Na província de Tete, dia 24, sete elementos de um grupo armado accionaram minas colocadas pelas FPLM no caminho que o grupo seguia, no troço entre Massavala e Mungari. O rebentamento das minas ocorreu às 11.35. No local ficaram roquetes de bazooka e diverso outro material. Parte do material explodiu quando as minas foram accionadas.

Em Gaza, dia 24, as forças moçambicanas emboscaram um bando na zona de Mutote, distrito de Mapai, matando três. Outros três foram abatidos no mesmo dia numa outra área, e um foi capturado.

Na acção em Mutote o bando deixou no terreno 2 armas AKM.

Neste período, em Manica, um elemento dos bandos armados entregou-se com a sua arma às forças moçambicanas estacionadas em Changara.

Na Zambézia foi capturado um bandido e no dia 26, as FPLM libertaram um número não especificado de camponeses, que haviam sido raptados pelos bandos. Estes incluem nas suas acções o rapto de camponeses. Os mais novos são normalmente forçados a um curto período de treino militar e a acções iniciais de assalto a lojas e aldeias como forma de os comprometer. Os mais velhos são utilizados como carregadores.

Aniversário da RP da China

O aniversário da proclamação da República Popular da China foi ontem celebrado, com um mínimo de exortações políticas.

A celebração nacional coincidiu este ano com o festival do Meio-Outono, criando um ambiente ainda mais festivo.

Mao Tsetung, num discurso há 33 anos, na praça de Tienanmen, em Pequim, declarou a fundação da República Popular e o início do regime comunista.

Ex-ministro de Begin afirma

Israel não conseguiu os seus objectivos no Líbano

O governo israelita não conseguiu a maioria dos seus objectivos no Líbano, incluindo o aniquilamento da guerrilha palestina – admitiu ontem o ex-ministro da Energia, Ytzhak Berman.

«Fracassou a intenção israelita de sepultar o Estatuto Internacional da Organização de Libertação da Palestina (OLP)» – declarou Berman, que se demitiu recentemente do governo, em entrevista ao «Jerusalem Post».

Berman afirmou que «a situação evoluiu de uma maneira totalmente adversa para Israel», referindo-se à recepção de que foi alvo o líder da OLP, Yasser Arafat, na Grécia, na Itália e no Vaticano, depois da retirada dos guerrilheiros palestinos de Beirute Ocidental.

O ex-ministro, que até ao dia da sua demissão apoiou todas as decisões do governo, acusou o primeiro-ministro, Manahem Begin, e o ministro da Defesa, Ariel Sharon, de terem «actuado de maneira arbitrária no Líbano e de terem informado o executivo apenas dos factos consumados».

Berman demitiu-se, no passado dia 22, por não concordar com a recusa de Begin de criar uma comissão oficial de inquérito aos recentes massacres de civis palestinos em Beirute.

Begin acabou por ceder a pressões internas e internacionais e ordenou posteriormente uma investigação, mas Berman manteve a sua decisão.

Begin contra Reagan

O primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, continua a opor-se ao plano norte-americano para o Médio Oriente, revela uma carta ontem divulgada.

A carta de Begin, dirigida ao senador norte-americano Alan Cranston, reafirma que Israel não foi cúmplice das «horríveis atrocidades» cometidas pelas milícias falangistas libanesas nos campos de refugiados palestinos.

«O plano de Reagan, que inclui o estabelecimento de um governo palestino na Cisjordânia e em Gaza, em associação com a Jordânia, ameaça os nossos filhos, o nosso futuro, e a nossa própria existência», afirma a carta de Begin.

Encontro CEE-OLP

O presidente do Euromercado, Uff Ellemann-Jensen, conferenciou ontem com Faruk Kadumi, chefe do Departamento Político da OLP, para estudar possibilidades de uma solução política para a questão palestina, anunciou um informador oficial.

«A minha reunião constituiu um sinal político para a OLP», disse posteriormente o presidente comunitário e ministro dinamarquês dos Negócios Estrangeiros.

Falando em conferência de Imprensa, após o encontro, Ellemann-Jensen esclareceu ter dito a Kadumi, que «se a OLP mostrar disposição em aceitar uma solução política, os dez membros da comunidade estão prontos a expandir as suas relações com ela».

A presente situação oferece «uma oportunidade única» ao povo palestino – disse Jensen, frisando que uma reaproximação com as nações da Europa Ocidental só será possível se a OLP renunciar «ao uso das armas, violência e terrorismo».

É necessário, acrescentou, que a Organização de Libertação da Palestina faça uma declaração nítida, reconhecendo o direito de Israel a existir e à segurança.

O ministro dinamarquês indicou, em resposta a perguntas dos jornalistas, que os dez da comunidade não poderiam reconhecer a OLP como «única representante do povo palestino», sem eleições, nem aceitá-la como governo.

Contudo – frisou – a comunidade reconhecerá a OLP como «um factor importante» em futuras negociações, se ela clarificar a sua posição.

As «condições» israelitas

A primeira fase da retirada de todas as forças estrangeiras do Líbano deve coincidir com a saída dos combatentes palestinos de Trípolis (Norte do Líbano) e da Bekaa Libanesa, indicou o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin ao emissário americano Philip Habib, citado pelo «Haaretz».

alhistas ingleses não querem

ucleares nem bases rritório britânico

grupos autónomos nele filiados, designadamente a tendência «militante» de extrema-esquerda.

O voto esmagadoramente maioritário a favor do desarmamento unilateral da Grã-Bretanha e da proibição de que o país recolha armas nucleares ou instale bases nucleares dos Estados Unidos, contrastou com outra votação em que se decidiu que o país deve permanecer na NATO.

O Partido Trabalhista reafirmou a disposição de abandonar a CEE e de aumentar a sua colaboração com os partidos socialistas europeus.

A conferência criticou a política económica do actual Governo conservador, especialmente por ter criado «astronómicos índices de desemprego, pela destruição de postos de trabalho», deixando o país convertido em «um deserto industrial».

Foi aprovado um estreito entendimento com os sindicatos para as directrizes económicas que integraram o manifesto eleitoral.

Os delegados votaram contra a proposta de nacionalização da banca, mas acordaram na criação de um organismo bancário estatal que canalize o investimento para sectores necessitados da indústria e ajude os pequenos investidores privados.

Representantes de sectores até agora numa atitude de crítica perante a direcção trabalhista, de modo particular políticos como Anthony Benn, prometeram lealdade à política do partido e à direcção do seu líder para garantir a unidade dos trabalhistas que facilite o seu regresso ao poder depois das próximas eleições.

começou há vinte e cinco anos

20 toneladas da «Saliut». As estadias do Homem no Cosmos prolongaram-se de 108 minutos (Yuri Gagarine em 1961) para seis meses consecutivos.

A viagem espacial deixou de ser um objectivo. Vai-se hoje ao Cosmos para trabalhar. As experiências em órbita são contínuas, surgem materiais novos, fabricados a bordo dos laboratórios «Saliut», fala-se em fábricas no espaço e até em cidades.

Estiveram já no Espaço 115 cosmonautas, e os milhares de satélites que giram em volta do nosso planeta ajudam o Homem na Meteorologia, na navegação, na exploração dos recursos da Terra, nas telecomunicações, no processo do trabalho científico.

Com a exploração do Cosmos, a psicologia humana sofreu mudanças, fortalecendo-se a confiança na razão e na inteligência criadora.

A ideia dos voos cósmicos não foi revelação de um ou vários homens. Diferencia-se da descoberta da energia eléctrica ou atómica, por exemplo, porque se não encontrava enterrada nas profundezas da matáéria. «Pairava nos ares» desde tempos remotos.

A Cosmonáutica moderna éantes de mais, Matemática. É na Matemática que está a origem dos seus instrumentos e é a Matemática que acompanha todos os ensaios, que dirige o voo espacial.

CUSCUS
E
OUTRAS ESPECIALIDADES
12 - 15 h. 20 - 23 h.
CAVÔ
BAR RESTAURANTE
RUA PROF. GOMES TEIXEIRA, 11-C
TELEF 600481

EXTERNATOS
SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA
AV ALMIRANTE REIS 73 1º E 2º 1100 LISBOA TEL 4 00 92
AV ALMIRANTE REIS 106 1º E 2º 1100 LISBOA TEL 82 27 76

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Av. dos Bombeiros Voluntários, 29-2.º – ALGÉS
Telefone 210 29 10

INGLÊS – FRANCÊS – ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS DAS 10 ÀS 12 H.
E DAS 17 ÀS 22 H. EXCEPTO AOS SABADOS

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os incertos e desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados ao executado, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio.

Execução de Sentença, n.º 4601/A — 2.ª Secção.

EXEQUENTE: — Palma & Martins, Ld.ª, com sede na Avenida Ilha da Madeira, n.º 26-A, em Lisboa.

EXECUTADO: — Alfredo Ferreira Ribeiro, casado, industrial, com domicílio no Parque Delfim Guimarães, n.º 3-A — Amadora.

Lisboa, 20 de Julho de 1982.

O Juiz de Direito,
a) FERNANDO DA COSTA SOARES
O Escrivão Adjunto,
a) JOÃO ANTÓNIO MARTINS

UMA BOA AJUDA PARA QUEM ESTUDA

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA Dep de Confeccões
Av João XXI 5 D 1000 Metro Areeiro
Rua Infantaria 16, 55 C 1300 LISBOA

O FUTURO DO SEU FILHO DEFINE-SE NA ESCOLA!!

EXTERNATO FERNANDO PESSOA

★ 12.º ANO
★ CURSO COMPLEMENTAR E UNIFICADO
★ CURSO GERAL DOS LICEUS
★ CICLO PREPARATÓRIO

— DIURNO-NOCTURNO —
INSCRIÇÕES ABERTAS

Rua Buenos Aires, 8-8A — Lisboa (à Estrela)
Telefones 60 32 52 - 60 64 49

ALTERAÇÃO DE PACTO SOCIAL

No dia dezanove de Julho de mil novecentos e oitenta e dois, nesta cidade de Lisboa e no Sétimo Cartório Notarial, perante mim licenciada Olívia da Conceição Nunes Pinto Capelo Ramos, notária respectiva, compareceram como outorgantes: ISABEL MARIA RAMOS MAIA REBELO, solteira, maior, natural da freguesia de São Domingos de Rana, concelho de Cascais, residente na Rua Miguel Bombarda, n.º 5, Parede, Cascais, e TIAGO DANIEL DA SILVA REIS, casado, natural da Póvoa de Varzim, residente na Rua de Santa Cruz, n.º 13, 3.º direito, em Oeiras, que outorgam em representação de Cooperativa de Responsabilidade Limitada SEIES — SOCIEDADE DE ESTUDOS E INTERVENÇÃO EM ENGENHARIA SOCIAL, S.C.R.L., com sede na Rua da Vitória, número trinta e oito, terceiro andar, em Lisboa, com o cartão de Pessoa Colectiva n.º 501080236, qualidades de que se arrogam, bem como, os poderes para este acto, que constam da acta da assembleia geral extraordinária realizada em vinte de Março de mil novecentos e oitenta e dois, cuja fotocópia arquivo.

Verifiquei as identidades dos outorgantes pela exibição dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, n.ºs 1324276, de 14 de Setembro de 1981, e 760755, de 14 de Dezembro de 1977, ambos do Arquivo de Lisboa.

E POR ELES FOI DITO: Que, a mencionada Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada, SEIES — SOCIEDADE DE ESTUDOS E INTERVENÇÃO EM ENGENHARIA SOCIAL, S.C.R.L., com sede na Rua da Vitória, número trinta e oito, terceiro andar, em Lisboa, foi constituída em escritura de quatro de Junho de mil novecentos e oitenta, lavrada a folhas cinco verso do livro número trezentos e oitenta e oito das notas do Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Almada.

Que, pela presente escritura, dando cumprimento ao deliberado em reunião da assembleia geral extraordinária de vinte de Março de mil novecentos e oitenta e dois, procedem à alteração o total do pacto social da dita cooperativa que ficará com a denominação de SEIS — SOCIEDADE DE ESTUDOS E INTERVENÇÃO EM ENGENHARIA SOCIAL, COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA, e passará a reger-se pelas cláusulas constantes do documento complementar anexo, que ficará a fazer parte integrante desta escritura elaborado nos termos do número dois do artigo setenta e oito do Código do Notariado, cujo conteúdo os outorgantes declaram conhecer perfeitamente, pelo que dispensam a sua leitura.

ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

Arquivo, além do documento complementar referido, uma certidão emitida pela Repartição do Comércio, comprovativa da viabilidade da nova denominação adoptada.

Adverti as partes de que devem requerer o registo deste acto obrigatoriamente, no prazo de três meses a contar de hoje.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e feita a explicação do seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos.

SEIES — SOCIEDADE DE ESTUDOS E INTERVENÇÃO EM ENGENHARIA SOCIAL, C.R.L.

ESTATUTOS

CAPÍTULO PRIMEIRO

Da Constituição, Denominação, Duração e Sede

Artigo Primeiro

A Cooperativa SEIES — Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social, C.R.L., é a SEIES — Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social, S.C.R.L., constituída por escritura de quatro de Junho de mil novecentos e oitenta, no Primeiro Cartório Notarial de Almada e que se adaptou às normas do Código Cooperativo, de harmonia com o disposto no seu artigo noventa e nove, passando a reger-se pelos presentes estatutos.

Artigo Segundo

Primeiro — A Cooperativa, que durará por tempo indeterminado, tem a sua sede em Lisboa, na Rua da Vitória, número trinta e oito — terceiro.

Segundo — A Cooperativa poderá transferir a sua sede para qualquer ponto do país e criar filiais e outras formas de representação quando e onde as circunstâncias o aconselhem.

CAPÍTULO SEGUNDO
Do ramo, objectivos e fins

Artigo Terceiro

A SEIES é uma cooperativa de produtores de serviços do primeiro grau sem fins lucrativos que se integra no ramo dos serviços do sector cooperativo.

Artigo Quarto

A SEIES — Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social, C.R.L., propõe-se pugnar pelo desenvolvimento do espírito associativista e cooperativista, tendo por fins:

a) Promover a evolução do binómio Homem-Trabalho de modo a criar condições que impliquem o desenvolvimento da cooperação e da participação nas organizações.

b) Apoiar e promover a transformação das estruturas das organizações e desenvolver novas formas de encarar a gestão e a organização do trabalho que permitam: — superar as atitudes de resistência à mudança e à introdução de outras tecnologias;

— alcançar melhores níveis de produtividade sem prejuízo do equilíbrio Homem-Ambiente e do direito ao trabalho;

— promover o desenvolvimento e a aplicação efectiva das potencialidades do Homem no trabalho de modo a permitir a sua realização como agente de cultura;

— desenvolver a prática de novas formas de gestão em que a participação e a animação tenham papel determinante.

c) Realizar investigação na área da Engenharia Social.

d) Editar publicações na área da Engenharia Social.

e) Realizar outras actividades que se destinem à satisfação das necessidades dos seus membros.

§ Único — A Cooperativa reserva-se o direito de não intervir em acções que estejam em desacordo com o seu objecto social e em organizações que explorem tecnologias que ponham em perigo o equilíbrio Homem-Natureza.

CAPÍTULO TERCEIRO
Do Capítulo Social

Artigo Quinto

O capital social é variável e ilimitado, sendo constituído por acções nominativas de quinhentos escudos cada uma.

Artigo Sexto

Primeiro — O capital social é, inicialmente de cem mil escudos, representado por acções, nos termos do artigo anterior, e acha-se integralmente subscrito e realizado, em dinheiro, pelos cooperadores fundadores.

Segundo — Os aumentos de capital far-se-ão pela emissão de novas acções ou pela admissão de novos cooperadores.

Terceiro — Os cooperadores admitidos após a constituição da cooperativa são obrigados no acto de admissão à subscrição e pagamento, por inteiro, do capital mínimo exigido por lei.

Artigo Sétimo

A transmissão dos títulos representativos do capital processar-se-á nos termos consignados no Código Cooperativo.

CAPÍTULO QUARTO
Dos Cooperadores — admissão, direitos, deveres e penalidades

Artigo Oitavo

Primeiro — São membros efectivos da cooperativa as pessoas singulares ou colectivas que desejem cooperar na realização dos seus fins, desde que aceitem o disposto nos presentes estatutos e nos regulamentos internos da cooperativa.

Segundo — Poderão trabalhar no âmbito da cooperativa outras pessoas, na qualidade de candidatos a cooperadores ou colaboradores temporários.

Artigo Nono

Primeiro — A admissão como membro da cooperativa processar-se-á mediante a apresentação, por escrito, à direcção, de uma proposta subscrita por dois cooperadores e pelo proposto.

Segundo — No caso da direcção recusar a admissão como membro da cooperativa a qualquer candidato, tem este e/ou três dos seus membros efectivos direito de recurso para a primeira assembleia geral que se realize depois de conhecida a recusa, independentemente da ordem de trabalhos constante da convocatória.

Terceiro — A assembleia geral, por proposta da direcção, poderá admitir como cooperadores auxiliares pessoas que, não sendo cooperadores efectivos da cooperativa, queiram participar em estudos e na investigação.

Artigo Décimo

Primeiro — São direitos dos cooperadores:

a) Eleger e ser eleito para os cargos sociais da cooperativa ou quaisquer outras funções que se mostrem necessárias à gestão da mesma;

b) Tomar parte na assembleia geral, apresentando propostas e discutindo e votando os pontos constantes da ordem de trabalhos ou que, por lei, sejam admissíveis;

c) Examinar os livros e documentos da cooperativa nos termos a fixar pela direcção;

d) Requerer, nos termos estatutários ou legais, a convocação da assembleia geral;

e) Solicitar a sua demissão de membro da cooperativa.

Segundo — Os cooperadores auxiliares têm apenas o direito de tomar parte na assembleia geral e nela usar da palavra, embora sem direito de voto.

Artigo Décimo Primeiro

Primeiro — São deveres dos cooperadores e cooperadores auxiliares:

a) Participar em todas as actividades da cooperativa;

b) Prestar toda a colaboração à cooperativa;

c) Contribuir por todos os meios ao seu alcance para a difusão e prática dos objectivos da cooperativa.

Artigo Décimo Segundo

Primeiro — Os membros da cooperativa poderão solicitar a sua demissão, sem prejuízo da responsabilidade pelo cumprimento das suas obrigações perante a cooperativa.

Segundo — Ao membro que se demitir será restituído, no prazo máximo de um ano o valor dos títulos de capital realizados e demais importâncias a que tiver direito, até ao momento de demissão.

Artigo Décimo Terceiro

Primeiro — Podem ser suspensos ou excluídos de cooperadores os membros que tenham uma prática que contrarie os estatutos ou os regulamentos internos.

Segundo — A suspensão e exclusão dos cooperadores é da competência da assembleia geral.

Terceiro — A proposta de exclusão de cooperador, devidamente fundamentada e instruída nos termos do Código Cooperativo, será apresentada à assembleia geral pela Direcção ou por uma comissão expressamente eleita para o efeito.

Artigo Décimo Quarto

Primeiro — Desde que qualquer cooperador deixe de pertencer à cooperativa, a direcção procederá imediatamente ao encerramento da sua conta, devendo a respectiva liquidação processar-se nos termos previstos no número dois do artigo doze.

Segundo — No caso de exclusão, o encerramento das contas far-se-á na data em que for deliberada.

CAPÍTULO QUINTO
Dos Órgãos Sociais

Artigo Décimo Quinto

Primeiro — São órgãos sociais da cooperativa a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal.

Segundo — A assembleia geral ou a direcção poderão deliberar a constituição de comissões especiais, de duração limitada e para fins específicos.

Terceiro — Os membros da mesa da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal serão eleitos, por um período de dois anos, na assembleia geral ordinária que deverá reunir-se no primeiro trimestre de cada ano.

Quarto — Os membros eleitos para qualquer cargo em qualquer órgão social são livremente reelegíveis para o mesmo ou outro cargo.

Quinto — Os titulares dos órgãos sociais poderão ser remunerados, conforme estipulado no regulamento interno.

Artigo Décimo Sexto

Os órgãos sociais só poderão deliberar desde que se encontre presente a maioria dos seus membros, salvo o disposto para a assembleia geral.

CAPÍTULO SEXTO
Da Assembleia Geral

Artigo Décimo Sétimo

Primeiro — A assembleia geral, constituída por todos os cooperadores no pleno gozo dos seus direitos, é o órgão supremo da cooperativa.

Segundo — A mesa da assembleia geral é constituída por um presidente, por um vice-presidente e por um secretário, incumbindo ao presidente ou ao vice-presidente, nas suas faltas ou impedimentos, convocar a assembleia geral e presidir aos seus trabalhos.

Terceiro — Ao secretário compete coadjuvar o presidente da mesa na orientação dos trabalhos e elaborar as actas das reuniões.

Quarto — Na falta de qualquer dos membros da mesa, caberá à assembleia geral, preliminarmente, eleger entre os cooperadores presentes quem preencha nessa sessão as vagas verificadas.

Artigo Décimo Oitavo

Primeiro — A assembleia geral reunir-se-á, em sessões ordinárias, duas vezes por ano e, extraordinariamente, sempre que regularmente convocada a pedido da direcção, do conselho fiscal ou de um mínimo de dez por cento dos cooperadores efectivos.

Segundo — A assembleia geral ordinária reunir-se-á, no primeiro trimestre de cada ano, para apreciação e votação do balanço, relatório e contas do exercício anterior e, no último trimestre, para deliberação sobre o orçamento e o plano de actividades para o exercício seguinte.

Terceiro — A assembleia geral é convocada com, pelo menos quinze dias de antecedência.

Artigo Décimo Nono

Primeiro — A assembleia geral reunirá no local e hora marcada na convocatória, se estiverem presentes ou devidamente representados mais de metade dos cooperadores efectivos, ou meia hora depois, com qualquer número de presenças.

Segundo — Se a assembleia geral for convocada extraordinariamente a requerimento de cooperadores efectivos, só se realizará se nela estiverem presentes, pelo menos, três quartos dos requerentes.

Artigo Vigésimo

É da competência exclusiva da assembleia geral:

a) Eleger e destituir os membros dos órgãos sociais;

b) Apreciar e votar anualmente o balanço, o relatório e as contas da direcção, bem como o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício anterior;

c) Apreciar e votar anualmente o orçamento e o plano de actividades para o exercício seguinte;

d) Fixar as remunerações a pagar aos membros da cooperativa e aprovar a forma de distribuição dos excedentes;

e) Alterar os estatutos e aprovar, na generalidade, os regulamentos internos;

f) Aprovar a filiação da cooperativa em uniões, federações ou confederações de cooperativas e régies cooperativas, a sua fusão ou incorporação em outras cooperativas e a sua dissolução;

g) Decidir sobre a exclusão de cooperadores, mediante proposta devidamente instruída e fundamentada e, como instância de recurso, sobre a sua admissão, quando recusada pela direcção;

h) Decidir sobre o exercício da acção civil ou penal contra directores, gerentes e/ou outros mandatários ou contra membros do conselho fiscal ou da sua própria mesa, podendo tal deliberação ser tomada na sessão convocada para apreciação do balanço, relatório e contas do exercício, mesmo que a respectiva proposta não conste da ordem de trabalhos;

i) Apreciar e votar quaisquer outras matérias.

CAPÍTULO SÉTIMO
Da Direcção

Artigo Vigésimo Primeiro

A direcção é composta por cinco membros entre os quais um presidente, um tesoureiro e um secretário.

Artigo Vigésimo Segundo

Compete à direcção:

a) Administrar as actividades da cooperativa, em conformidade com o presente estatuto, regulamento interno, decisões da assembleia geral e Código Cooperativo;

b) Representar em juízo e fora dele;

c) Admitir membros ou propor a sua exclusão;

d) Assegurar a gestão da cooperativa.

Artigo Vigésimo Terceiro

Primeiro — Para obrigar formalmente a cooperativa é indispensável a assinatura conjunta de dois membros da direcção.

Segundo — Para os actos de mero expediente e obrigações cujo valor não exceda o salário mínimo nacional, bastará a assinatura de um membro da direcção.

CAPÍTULO OITAVO
Do Conselho Fiscal

Artigo Vigésimo Quarto

O conselho fiscal é composto por três membros.

Artigo Vigésimo Quinto

O conselho fiscal é o órgão de controlo e fiscalização da cooperativa, competindo-lhe as atribuições do Código Cooperativo.

CAPÍTULO NONO
Dos Fundos da Cooperativa e Distribuição de Excedentes

Artigo Vigésimo Sexto

Serão constituídas as seguintes reservas:

a) Reserva legal;

b) Reserva para educação e formação cooperativa, nos termos do Código Cooperativo;

c) Outras reservas que a assembleia geral deliberar devendo, nesse caso, determinar o seu modo de formação, aplicação e liquidação.

Artigo Vigésimo Sétimo

Os excedentes anuais líquidos reverterão para as diversas reservas, conforme deliberação da assembleia geral.

CAPÍTULO DÉCIMO
Da dissolução e liquidação

Artigo Vigésimo Oitavo

Primeiro — A dissolução da cooperativa não poderá ser decidida pela assembleia geral enquanto a ela se opuser, comprometendo-se a mantê-la, o número de membros por lei exigido à sua constituição.

Segundo — Decidida a dissolução da cooperativa, a sua liquidação será feita de harmonia com as decisões da assembleia geral e do Código Cooperativo. Depois de satisfeitas todas as obrigações legais, os valores e bens da cooperativa reverterão em proveito de uma organização cooperativa.

DOCUMENTO COMPLEMENTAR ORGANIZADO NOS TERMOS DO NÚMERO DOIS DO ARTIGO SETENTA E OITO DO CÓDIGO DO NOTARIADO QUE INSTRUI A ESCRITURA OUTORGADA NO SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA, LAVRADA A FOLHAS UMA, VERSO, DO LIVRO DEZOITO — E, EM DEZANOVE DE JULHO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E DOIS.

O prof. Jacinto Nunes apresentando o Relatório de 1981 do Banco de Portugal

Consequências da gestão de 1981

Banco de Portugal receita chicote para acordar a opinião pública

- *Os salários reais não aumentaram: só aumentou o desemprego.*
- *A dívida externa ultrapassou os 11 mil milhões de dólares.*
- *As divisas dos turistas já não dão para pagar os juros anuais da dívida*

O Banco de Portugal vai brevemente recomendar ao Governo medidas de austeridade centradas principalmente sobre a balança de cambiais de modo a tentar reduzir o défice de comércio externo que atingiu quase os 300 milhões de contos no ano passado. Essas medidas, a que o governador do banco central, prof. Jacinto Nunes chamou «chicotada para acordar a opinião pública», teriam de ser aplicadas o mais rápido possível sempre antes das eleições, sob pena de alguns dos efeitos pretendidos já não poderem ser alcançados.

Por nós, temos obrigação de fazer as recomendações e fá-las-emos. Se o Governo as aplica ou não isso não é da nossa responsabilidade. Os documentos ficam arquivados e a história fará a justiça – comentou a perspectiva de o Governo, para não perder as eleições de Dezembro, protelar a «chicotada» e os respectivos custos políticos.

O governador do Banco de Portugal falava numa conferência de Imprensa para apresentação do relatório do conselho de administração referente à questão de 1981 e que constitui, na sua segunda parte sobre a economia nacional, o principal instrumento de análise à saúde económica do País. A cerca de um mês da chegada do Relatório da OCDE (que já se murmura vir a constituir um retrato bem negativo da má gestão do Governo da Aliança Democrática no ano passado) os números oficialmente confirmados – e não as previsões ou estimativas mais ou menos especulativas – dizem-nos que é de facto alarmante a situação do País, tanto a nível interno pelos atrasos que se prolongam e agravam em relação ao desenvolvimento, como a nível externo, com a dívida portuguesa a subir a ritmo assustador.

Segundo o relatório do Banco de Portugal, a dívida externa era de 10 mil milhões de dólares em fim de Dezembro e o prof. Jacinto Nunes anunciou que ela tinha entretanto subido, no primeiro semestre, para cima dos 11 mil milhões de dólares. Ou seja: o bilião de contos (ou os mil milhões, como mais correctamente se deve escrever) está prestes a ser ultrapassado o que constituirá um marco histórico que a coligação governamental jamais poderá alijar da sua carga.

Esta louca corrida para a ruptura nos pagamentos externos portugueses, nem sequer se deve ao aumento do nível de vida da generalidade dos portugueses ou mesmo, como pretende a Direita, aos aumentos de salários. O relatório do Banco de Portugal diz textualmente que se registou uma estagnação do crescimento dos salários reais (ou seja: os salários não aumentaram mais do que os preços) e o próprio desemprego aumentou já que os novos postos de trabalho criados não deram sequer para absorver o número de jovens à procura do seu primeiro emprego.

Por tudo isto, o ritmo de desenvolvimento baixou entre 1980 e 1981, de 4,9 para 1,8. Ele foi relativamente mais alto do que em países industrializados, mas a base de que se parte é tão baixa que o fosso entre Portugal e os países desenvolvidos não deixa de aumentar e o desenvolvimento vai sendo cada vez mais adiado e comprometido.

As causas

Que causas terão contribuído para este «brilhantíssimo» resultado de um ano de Governo na economia? Os próceres da aliança têm adiantado (e o Banco de Portugal confere, relativamente) serem responsáveis por esta situação a seca e a conjuntura internacional que persiste na recessão.

A recessão internacional, especialmente dos principais consumidores de produtos portugueses que, assim, importam menos e agravam o nosso desequilíbrio, decorre, segundo o BP, «das políticas de estabilização adoptadas na sequência do segundo choque petrolífero na generalidade dos países da OCDE, da subida do dólar e das taxas de juro internacionais».

A nível interno, se o Governo não fala das greves, das nacionalizações e da Constituição, como justificações para este atraso, em que tem largas culpas, é certo e sabido que tudo descarrega sobre a seca. Ela foi bastante intensa em 1980/81. Vai daí, paga por todos já que teve consequências negativas por se produzir menos trigo, menos milho (para rações) e menos carne, além de menos energia nas barragens e obrigar a importar mais petróleo, para fazer funcionar a todo o vapor as centrais termoeléctricas.

Mas o Banco de Portugal quantifica estas desculpas e coloca a questão no seu devido lugar: **o impacto resultante da seca pode ser estimado em cerca de 24 milhões de contos (aproximadamente 390 milhões de dólares) distribuídos de forma sensivelmente idêntica entre importações adicionais de energia e produtos agrícolas».** Ora, como o défice comercial (diferença entre o pouco que exportámos e o muito que importámos) quase atinge os 300 milhões de contos fácil se torna confirmar que a seca, ainda que com as costas largas, nã as tem tanto como o Governo pretenderia para explicar a sua inabilidade.

Do Relatório do Banco central ainda se retira outra conclusão importante: mesmo a chamada «crise internacional», se bem que importante, não explica tudo.

O choque exógeno (as causas externas) explica apenas cerca de metade do agravamento do desequilíbrio da economia portuguesa, diz o Relatório na sua pág. 82.

De tudo isto fica claro que as causas são também internas e delas obviamente tem o Governo largas culpas pelo que fez e, sobretudo pelo que deixou de fazer.

As responsabilidades

Lendo o Relatório na diagonal e depois de ouvirmos durante um bom bocado da tarde de ontem o Governador do Banco discretear sobre esta questão, fica-se com a ideia que o Relatório aponta todos os números, como é seu timbre, mas não usa para com a política económica seguida os adequados termos críticos.

A situação é de alarme, as perspectivas são de caminho para o abismo, o Relatório na sua introdução sobre a economia nacional adianta brandamente que «a economia portuguesa evidenciou em 1981 uma evolução **menos satisfatória!**.

Quer isto dizer que o Banco de Portugal se demite das suas responsabilidades alijando a carga para quem traça a política económica e financeira que o Banco se limitaria a executar passivamente? Nem pensar nisso, garantiu o governador Jacinto Nunes interrogado pelos jornalistas. Disse ele que apenas não quer trazer para a praça pública as críticas e as desinteligências com o Governo.

Tudo o que temos a dizer – e já dissemos muito – fazemo-lo em carta do Banco para o Ministério. As medidas que defendemos podem não ser adoptadas mas essas recomendações ficam arquivadas no Banco e ninguém nos poderá acusar de não termos avisado a tempo».

A propósito destas responsabilidades pelo caos na economia, falou-se também nas responsabilidades pela publicação do Relatório do Banco, mais atrasada do que nunca.

Contou o prof. Jacinto Nunes que ao partir para férias no princípio de Agosto, o Relatório estava pronto. Mas, depois houve um administrador que quis introduzir «algumas correcções terminológicas» e isso atrasou-o ainda mais...

Essas «correcções» foram feitas na ausência do governador, que não as rejeitou (diga-se); mas nós não conseguimos saber quem foi o administrador que teve a iniciativa e se a correcção visou, de facto, a terminologia ou domesticou uma ou outra crítica mais contundente à política económica no ano passado.

A propósito, o director do Gabinete de Escudos do Banco, departamento responsável pela recolha controlo e tratamento de dados para a elaboração do relatório, é o prof. Cavaco e Silva. Este ex-ministro das Finanças de Sá Carneiro é apontado por muitos como um dos pais do caos actual, pelo eleitoralismo da sua política em 1979 que conseguiu levar a AD ao poder, mas aniquilou o movimento de recuperação sentido em domínios sensíveis como o do comércio externo.

Ontem, ele não se sentou ao lado do prof. Jacinto Nunes, delegando no seu adjunto prof. António José Girão. Os jornalistas estranharam o facto, mas o governador do Banco disse ter o prof. Cavaco e Silva pedido uma certa distanciação em relação ao relatório de 1981, dado que inevitáveis confrontos resultariam com a sua política de 1980.

Este ano tem sido pior

Segundo a síntese noticiosa do relatório distribuída à Imprensa, as medidas tomadas no ano passado para atenuar o desiquilíbrio externo, «só começaram a produzir os efeitos desejados a partir do final do ano». Resultaria daí que alguma melhoria teria sido sentida já este ano e o quadro pessimista do relatório de 81 poderia estar a alegrar-se.

Mas estas expectativas de melhoria foram totalmente negadas no primeiro semestre em que, segundo confirmou o próprio prof. Jacinto Nunes, a situaão cambial piorou. No terceiro trimestre **melhorámos um bocadinho** mas a situação não é animadora. Não foram confirmadas as estimativas ontem apontadas por «O Jornal», que fala de três mil milhões de dólares de défice da balança de pagamentos em 1982, mas elas devem andar muito próximas da realidade. João Salgueiro, ministro das Finanças, vem falando, com o seu habitual optimismo, em 1,5 a 1,7 mil milhões. Só que isso já foi ultrapassado só no primeiro semestre.

Resulta que o «deficit» de que fala o Governo deverá ficar pela metade do «deficit» real que a sua política provoca.

Ontem, também, um especialista dos assuntos da economia portuguesa junto da OCDE, Bernard Wacques, disse que o panorama para Portugal em 1983 era **de certo modo negro** e que não tem a certeza» **que a CEE possa resolver os problema económicos portugueses.**

um quadro interessante, portanto, para criar o ambiente pré-eleitoral. Só falta saber quando zurzirá João Salgueiro o chicote e quem vai apanhar as chicotadas. Será antes das eleições? Duvida-se, totalmente Serão chicoteados os fumadores de charutos «Davidoff», caríssimos e importados? De certo que não. Ai das costas dos fumadores de «definitivos» lá para Janeiro.

Daniel Reis

Se o Governo, espera pelas eleicões...

Acho mal mesmo muito mal

— diz o prof. Jacinto Nunes

«Esperamos que antes do fim do ano o Governo tome as medidas necessárias para inverter a situação da balança de pagamentos e sanear a economia» – disse o governador do Banco de Portugal, depois de informar que o Banco Central ia propor, brevemente, ao Governo o conjunto de medidas que entende indispensável para normalizar o mercado cambial.

Perguntou-lhe o repórter do «Diário de Lisboa», se acreditava verdadeiramente nessa hipótese de o Governo impor sacrifícios económicos inadiáveis, concorrendo os consequentes riscos políticos, antes das eleições autárquicas.

Respondeu o prof. Jacinto Nunes:

«Por nós, Banco de Portugal, essa preocupação com as eleições não existe. Elas têm de ser tomadas e quanto mais rápido melhor. Agora se o Governo não faz isso antes das eleições, acho mal, mesmo muito mal.»

Confessados pelo banco central

Os dez pecados mortais da economia portuguesa

O Relatório do Banco de Portugal sobre a Economia Nacional em 1981 constitui o retrato mais cruel, sem disfarces nem mezinhas, do que foi um ano de Governo da Aliança Democrática.

Por mais optimista que tente revelar-se o ministro das Finanças, e até por benévolas que sejam as palavras utilizadas no relatório para caracterizar a situação económica, os números ontem tornados públicos e as achegas do governador do Banco Central para a sua actualização quanto ao primeiro semestre do ano corrente, dizem tudo. Dispensamo-nos por isso de grandes conversas.

Basta atermo-nos aos indicadores principais:

1. Os salários reais não aumentaram: só cresceu o desemprego, de 7,7 por cento em 1980 para 8,2 em 1981.
2. Inflação atingiu os 25 por cento.
3. Registou-se a mais baixa taxa de actividade dos últimos quatro anos.
4. A indústria portuguesa perdeu competividade internacional e mostra tendência para se deteriorar ainda mais.
5. O investimento de capital fixo baixou de 9 por cento em 1980 para 5 por cento em 1981.
6. O Produto Interno Bruto cresceu apenas 1,8 contra 4,9 no ano anterior.
7. As importações aumentaram 6,2 por cento em volume.
8. As exportações diminuíram 1,8 por cento.
9. O défice da balança comercial foi de 293 milhões de contos.
10. A dívida externa atingiu os 10 mil milhões de dólares. No primeiro semestre deste ano ultrapassou os 11 mil milhões e nesta altura já está a rasar os 12 mil milhões de dólares.
11. O Estado português paga de juros médios anuais ao estrangeiro mil milhões de dólares, ou seja, uns 80 milhões de contos.

Uns fumam "davidoff" outros "definitivos" para quem o chicote?

Tinha o prof. Jacinto Nunes falado da chicotada que vai recomendar ao Governo, porque **«não podemos estar a individar-nos continuamente e a resolver os nossos problemas à custa dos créditos externos»** quando vincou os consumos exagerados e o recurso às importações, sobretudo às mais sofisticadas para os satisfazer.

«Os portugueses estão a fumar charutos Davidoff! Não pode ser, nem podem mudar de fato três vezes por ano».

Eis senão quando um dos jornalistas presentes mete a mão ao bolso e saca do maço de «Definitivos» e o exibe ao governador do Banco Central talvez para dizer que os «Davidoff» são só para alguns e a chicotada que recomenda é bem capaz de acertar, apenas, no costado dos que já hoje se contentam com os «Definitivos» nacionalíssimos.

Estes, de charutos importados, só sabem por ouvir dizer que os fumam o ministro e o patrão.

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

Aniversário da CGTP

Doze anos na defesa dos trabalhadores

PORTO, 2 – «A luta firme desenvolvida nestes 12 anos na defesa intransigente dos trabalhadores prosseguirá», disse, ontem à noite, João Pacheco Gonçalves, coordenador da União dos Sindicatos do Porto, durante o comício-festa comemorativo do 12.º aniversário da CGTP-IN, realizado no Pavilhão do Académico. Depois de afirmar que «estamos hoje perante uma das mais graves ofensivas contra os direitos dos trabalhadores e contra o regime democrático» aquele sindicalista sublinhou que «o grande patronato e a AD, animados e alimentados pelo que conseguiram na revisão constitucional, graças à aliança com a direcção do PS, desencadeiam uma feroz ofensiva, intensificando a repressão e os ataques às conquistas e direitos essenciais dos trabalhadores». João Pacheco referiu a seguir o escandaloso aumento do custo de vida («estatísticas oficiais dizem que é já de 26 por cento o aumento dos preços de Janeiro a Julho do corrente ano»), frisando, depois que existe, ainda, «a ameaça do aumento da electricidade, da água e das rendas de casa».

O coordenador da USP referiu depois os acontecimentos do 1.º de Maio no Porto («será a nossa luta que obrigará à divulgação do inquérito, à punição dos responsáveis e à demissão do Governador civil e do ministro Angelo Correia») para concluir: «os trabalhadores não ficarão indiferentes (referia-se às lutas desenvolvidas pelas liberdades democráticas e pela justiça social) e nas eleições autárquicas de 12 de Dezembro reafirmação, através do voto, o seu repúdio pela política da AD».

No comício-festa actuaram Luísa Basto, António Vitorino de Almeida e o conjunto «Grupo Raízes».

Greve decretada pelo SINAFE tem objectivos obscuros

— *acusa Federação dos Ferroviários*

A Federação dos Sindicatos Ferroviários demarcou-se em comunicado agora divulgado, da greve decretada pelo Sindicato Nacional dos Ferroviários de Estação (SINAFE).

Depois de afirmar que a «esmagadora maioria dos trabalhadores ferroviários não têm qualquer responsabilidade nos transtornos e prejuízos causados aos utentes», aquela Federação acusa o SINAFE de ter sido «formado pela iniciativa dos partidos actualmente no Governo» e sempre ter «boicotado as lutas que têm por objectivo a defesa dos interesses de todos os ferroviários».

Para a Federação dos Ferroviários, não está em causa, o direito à greve por parte dos trabalhadores, mas, acrescenta, não pode deixar de «considerar estranho que o Sindicato de Estações venha agora fazer uma greve com objectivos mais que obscuros e duvidosos no momento em que se anuncia a aplicação de um plano governamental para a CP, que passa pela redução de cinco mil postos de trabalho, encerramento de estações, corte de verbas orçamentais, etc».

Da mesma forma, aquele organismo sindical qualifica de «estranha toda a coacção psicológica que tem sido exercida junto dos trabalhadores desse sector, por parte de algumas chefias intermédias e superiores que tudo têm feito para tentarem dar uma imagem pública de adesão à greve, recorrendo para isso aos maiores atropelos e ilegalidades para com os trabalhadores deste sector filiados na FSF e que são uma larga maioria».

Finalmente a Federação dos Ferroviários chama a atenção da opinião pública para a diferença entre esta greve «de objectivos tão pouco claros» e a que os ferroviários vão fazer no próximo dia 8, das 14 às 18 horas, para obrigar o Governo a pagar aos mais de 20 mil reformados e pensionistas de sobrevivência da CP, os aumentos das suas pensões que entraram em vigor desde Janeiro e que ainda não foram pagas nem se sabe quando o serão.

Greve prossegue hoje

Entretanto, termina às 24 horas, de hoje a greve convocada pelo SINAFE que se iniciou às zero horas da passada quinta-feira. Segundo um informador sindical estiveram paralisadas ontem as linhas do Douro, Corgo, Tua, Sabor, Lousã, Beira Baixa, Leste e o ramal de Cáceres e interrompidas a linha sul entre Loulé e Vila Real de Santo António, a do oeste entre as Caldas da Rainha e a Figueira da Foz e a de Sintra entre o Rossio e Benfica.

De acordo com a mesma fonte esteve encerrada a estação do Entroncamento, e que provocou a suspensão das ligações Lisboa/ Porto, tendo fechado várias outras estações bem como a maioria das bilheteiras.

O SINAFE estimou em cerca de 95 por cento a percentagem de adesão à greve dos seus associados. Recorde-se que neste sindicato só estão filiados cerca de um terço do total dos ferroviários de estação, cuja maioria se integra na Federação.

Director da OIT recomenda

Discussão da convenção sobre despedimento abusivos

O director-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT) disse ontem que as entidades com quem contactou em Portugal mostraram-se dispostas a enfrentar as dificuldades existentes no campo do trabalho, do desenvolvimento e do progresso.

Lembrou ainda que a OIT gostaria de ver discutida em Portugal uma convenção internacional recentemente adoptada que fixa as condições da cessação de contratos de trabalho restringe os despedimentos abusivos.

Francis Blanchard frisou que a situação de Portugal é economicamente difícil e considerou que, apesar dos pontos de vista particulares, as diversas associações representativas contactadas «fazem uma análise realista da situação».

Em conferência de Imprensa, num balanço da sua visita oficial de três dias a Portugal, Francis Blanchard sublinhou que todos os agentes económicos – administração, empregadores e assalariados – reconheceram que «Portugal, assim como muitos outros países, se enfrenta com dificuldades, como o desemprego, a inflação, a recessão económica ou a relativamente baixa taxa de investimentos».

«A OIT fará tudo o que puder para apoiar Portugal. Creio que temos uma experiência suficientemente rica para garantir a Portugal – e não só ao Estado, mas também aos empregadores e trabalhadores – todo o apoio possível na esperança de facilitar a Portugal um movimento de recuperação

Messa

Renascida a esperança na viabilização da empresa

A COSEC (Companhia de Seguros de Crédito) vai, finalmente, reapreciar a proposta de cobertura de risco do financiamento para o projecto que a messa quer concretizar com a empresa alemã Triumph-Adler.

Tal informação foi divulgada pela comissão de trabalhadores (CT) da Messa que sublinha o apoio e o empenhamento que colheram dos Ministérios do Trabalho e da Indústria. Apesar de renascida, assim, a esperança quanto à viabilização da empresa, a CT, adverte quanto à «indefinição» do Ministério das Finanças em relação ao problema.

Recorde-se que, apesar de o «projecto Triumph-Adler» para a Messa contar com o apoio do Instituto de Participações do Estado e dos dois Ministérios já referidos, se encontrava num impasse motivado pela recusa da COSEC em avaliar o financiamento necessário.

Agora, e dada a expectativa que rodeia a decisão final a ser tomada pelo Ministério das Finanças, os trabalhadores da Messa decidiram em plenário manter-se atentos «para a eventual necessidade de resposta, se tal decisão for negativa ou de impasse, que mais virá pôr em causa as hipóteses que ainda se mantêm de fechar negócio com a T. A. e da manutenção dos postos de trabalho».

Por isso, foi desde já marcado um plenário dos trabalhadores da Messa, para o próximo dia 4, no qual, face aos resultados das decisões, «definir a actuação imediata que se justificar».

EDP

Os quadros da EDP anunciaram a intenção de paralisar a sua actividade durante 24 horas, em 14 de Outubro, «como forma de luta contra o desmembramento da empresa».

Subscrito pela Federação Sindical dos Quadros, um comunicado agora distribuído exige a revogação da legislação que permite às autarquias locais a participação na definição das políticas gerais da EDP e a intervenção de produtores independentes de energia. Esta paralisação, que coincide com outra decretada na empresa por sindicatos afectos à CGTP, visa também protestar contra a «violação dos direitos e regalias dos quadros da EDP e pela existência em Portugal de uma entidade única de produção, transporte e distribuição de energia eléctrica».

Entretanto, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (FETESE), divulgou um comunicado em que afirma o seu empenhamento na luta contra o desmembramento da EDP. No entanto, ao ter conhecimento do anúncio público da CGTP de pretender promover um dia de luta nas principais empresas públicas que coincide com a anunciada greve na EDP, afirma «não estar disposta a integrar-se ou a ser, mesmo que indirectamente, 'coordenada' pela CGTP-IN, em nenhum processo de luta presente ou futuro».

A FETESE, depois de reafirmar a justeza da luta dos trabalhadores da EDP face ao real perigo de desmantelamento desta empresa pública, condiciona a sua adesão a três questões fundamentais:

«Que a luta seja exclusivamente em defesa dos trabalhadores da EDP, não incluída portanto, em qualquer outro processo reivindicativo ou manipulada por qualquer organização sindical; que seja uma luta de todos os trabalhadores da EDP e não apenas de parte deles, de forma a que constitua de facto um êxito e não um sacrifício escusado; e que os trabalhadores que representa, tal como sempre tem acontecido, se manifestem favoravelmente através do voto secreto e directo.»

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO
AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo, 3 de Outubro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Almada: Almada (Olho de Vidro), Monte de Caparica (Amoreira, Felisberto, Fomega, Guarda-Mor, Jonal, Monte de Caparica, Serrado), Porto Brandão (Porto Brandão) das 7 h às 13 h.

Charneca de Caparica (Casal, Cassapo, Charneca de Caparica, Qt.ª do Rego de Cima, Palhais), Costa da Caparica (Espeleque), Vila Nova da Caparica (Robalo), Monte da Caparica (Monserrate) das 8.30 h às 13 h.

Sobreda de Caparica (A. Judio) das 7 h às 14 h. Feijó (Elvas-TLP, Pimenta) das 8.30 h às 16 h.

Concelho de Sesimbra: Sesimbra (Cotovia, Duas Irmãs, Holandez, Minas, Santana) das 8.30 h às 12.30 h.

Almada, 28 de Setembro de 1982

Centro de Distribuição Almada
José P. R. Nascimento

AS OBRAS PRIMAS
do
WESTERN

FINALMENTE
ENTRE NÓS

Todo o ambiente, acção e aventura do velho oeste

UMA NOVA SÉRIE NOS
Livros de Bolso Europa-América

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

COMUNICADO

Os Serviços Municipalizados de Oeiras apresentam desculpas aos consumidores das localidades de Venteira, B.º Janeiro e Reboleira, Damaia, Buraca, Alfragide, Tercena, Barcarena e Carnaxide pela falta de água verificada nos dias 29 e 30 de Setembro que foi provocada por uma grave avaria no sistema de bombagem da Central Elevatória da Amadora.

Lamentamos que para além das recentes faltas de água provocadas pela seca tenha surgido agora este novo problema.

Tudo estamos a fazer para resolver definitivamente este tipo de problemas que, aliás, surgiu pela 1.ª vez nestes últimos anos.

Serviços Municipalizados de Oeiras, 30 de Setembro de 1982.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

DESPORTO

UEFA: entre 64 temos três

Já ontem, a tempo e horas, demos o resultado do sorteio do futebol uefeiro, no tocante aos clubes portugueses. Apresentamos agora o cartaz completo nas três frentes de ataque:

Taça dos Campeões: Standard de Liège (Bélgica) - Juventus (Itália), Liverpool (Inglaterra) - JK Helsínquia (Finlândia), Dínamo de Bucareste (Roménia) -Aston Villa (Inglaterra), Real Sociedade (Espanha) - Celtic de Glasgow (Escócia), Hamburgo (RFA) - Olympiakos (Grécia), Rapid de Viena (Áustria) - Widzew Lodz (Polónia), CSKA de Sófia (Bulgária) - Sporting (Portugal) e Nentori Tirana (Albânia) - Dínamo de Kiev (União Soviética).

Taça das Taças: K. B. Copenhaga (Dinamarca) - Waterschei (Bélgica), Estrela Vermelha de Belgrado (Jugoslávia) - C. F. Barcelona (Espanha), A. Z. '67 (Holanda) - Inter de Milão (Itália), Aberdeen (Escócia) - Lech Poznan (Polónia), Galataszaray (Turquia) - Áustria de Viena (Áustria), Swansea City (Galles) - Paris Saint Germain (França), Real Madrid (Espanha) - Ujpest Dosza de Budapeste (Hungria) e Tottenham Hotspor (Grã-Bretanha) - Bayern de Munique (RFA).

Taça da UEFA: Wroclaw (Polónia) - Servette Genebra (Suiça), Anderlecht (Bélgica) - F. C. Porto (Portugal), Werder Bremen (RFA) -Brage Borlaenge (Suécia), Valência (Espanha) - Banik Ostava (Checoslováquia), Haarlem (Holanda) - Spartak de Moscovo (URSS), St. Etienne (França) -Bohemians de Praga (Checoslováquia), Lokeren (Bélgica) -Benfica (Portugal), Dundee United (Escócia) - Viking Stavanger (Noruega), A. S. Roma (Itália) -Norkoeping (Suécia), Hadjuk Split (Jugoslávia) - Girondins de Bordéus (França), Glasgow Rangers (Escócia) - A. E. K. Atenas (Grécia), Shamrock Rovers (Eire) - Universitatea de Craiova (Roménia), F. C. Zurique (Suíça) - Ferencvaros de Budapeste (Hungria), P. A. O. K. de Salónica (Grécia) - Sevilha (Espanha), Nápoles (Itália) - F. C. Kaiserlautern (RFA) e Corvinul Hunedoara (Roménia) - F. C. Sarajevo (Jugoslávia).

Os jogos da 1.ª mão terão lugar no dia 20 do corrente e da 2.ª mão no dia 3 de Novembro.

Ténis: "Água do Cruzeiro"

O avanço do norte-americano Tod Nelson, para as meias-finais do I Troféu Internacional «Água do Cruzeiro» (a decorrer nos recintos do hotel Alvor-Praia, Algarve) foi a nota saliente dos quartos-de-final da quarta prova do II Circuito Satélite «Água de Luso».

Tod Nelson, derrotu o alemão Jaromir Becka, que vencera o torneio da semana passada, no Porto («Sagres-Europa»). Disputam as meias-finais o norte-americano Craig Edwards, o belga Vanlangendonck e com certa dose de sensação o inglês Nick Fulwood, que ontem venceu Minicis. Os resultados parciais destes quartos-de-final foram os seguintes. Nick Fulwood (Ingl.) -Alejandro de Minicis (Itália), 6/3, 2/6, 6/4; Tod Nelson (EUA) - Jaromir Becka (RFA), 6/2, 6/3; Craig Edwards (EUA) - Craig Tregonning (Áustria), 6/2, 6/3; Jan Vanlangendonck (Bélgica) – Mark Buckley (EUA), 6/1, 6/3.

Nas meias-finais (a realizar hoje) Fulwood joga com Nelson,e Edwards, com Vanlangendonck.

Selecção de futebol: a triste imagem do País

Começo a dar razão ao ilustre presidente federativo Romão Martins quando, aqui há poucas semanas, bradou alto e em bom som que não valia a pena a rapaziada do nosso chuto entrar na prova europeia de qualificação porque, além da Finlândia (que, vá lá, era «assim assim») nos batiam à porta potências como a Polónia e a URSS. Logo, nem fazer malas: só poderia (eventualmente) interessar fazer pontaria para os Jogos Olímpicos para o que, por descargo de consciência, sempre acabou por contratar um técnico de prestígio e capacidade. Mas (como teve a ousada coragem de afirmar nos écrans de TV) porque Otto Glória, **para além de ter feito um preço muito abaixo do mediano,** parece que ainda paga, do seu bolso, automóvel, alimentação, hotel, telefone, equipamento e uma parte dos prémios aos jogadores (no caso a contribuir para os 20 contos que foi quanto valeu o empate das «esperanças» mais para as cem «Donas Marias» que foram para o bolso dos triunfantes na categoria superior).

Pois, realmente, quem está com toda a razão é o preclaro e muito esclarecido presidente federativo: não se deve **ligar pevide** a esta coisa de tentar o assalto europeu, de procurar uma presença honrosa em França, quando for o final ataque ao título do velho continente. A prova mais cabal está no que acontece neste momento, não apenas com o total desinteresse pelos jogadores que faltam ou aparecem (à concentração de ontem não surgiram 17, leia-se bem dezassete). Uns por causa do comboio que havia ou do comboio que não havia (e aqui talvez esteja sobre raíles o eng.º Abílio Rodrigues...). Outros porque à sexta-feira costumam ir ao teatro, ao cinema, à «boîte», a casa de malta amiga. Nos restantes faltosos contam-se todos os jogadores do Sporting e vários do Porto, mais o boavisteiro Coelho, os bracarenses Serra e Dito e o vimaranense Silvino, já para não se recordar Fernando Cruz que, de um dia para o outro (entre um mal que quase o tolhia e, 24 horas depois, um jogo fulgurante pela entidade patronal setubalense, parece francamente mais interessado em trabalhar no Bonfim que em vestir qualquer camisola nacional). Bem: mas o jovem Cruz já nem está em nenhuma lista de convocados. O pecado agora (se existiu) bate a outras portas.

E foram logo 17 os faltosos. Do lote portista, o único que soube que havia treino e estágio foi Eurico: se calhar, estava a ouvir a Hádio Comercial e ouviu a convocação, pelo Abel de Figueiredo, a tempo e horas de avisar Pedroto de que ficava em Lisboa. Damas também resolveu o seu problema: veio do Algarve a tempo e horas.

Laureta igualmente solucionou o caso: não sabemos se veio à boleia se montado em pombo correio. A verdade é que lá está presente, no seu posto. Os demais, para o lote de 16 presenças, estão na concentração porque parecia mal morarem perto do Tejo e dizerem que não sabiam do apelo de Otto Glória.

É um total descalabro. Avolumado, mil vezes ampliado, pela atitude da Federação e Benfica, contencioso aberto (chamemos-lhe infantil) criado e a desancar sobre os ombros de Otto e seus comandados. Para ceder o Estádio da Luz, o Benfica quer 15% da receita: a Federação só dá dez e, com a sua prática de comerciante excelentemente sucedido na vida, Romão Martins não regateia mais. Toca para o Jamor: é para lá (terreno perfeitamente neutral) que está marcado o Portugal - Polónia, passo dois na tal competição que o competente presidente federativo acha que é de segunda apanha.

Mas a coisa não acaba aqui: ontem, quando Otto Glória pretendia treinar os 16 jogadores (ao dispor) na relva principal do Estádio que **é de todos nós,** eis que um funcionário da organização estatal **(paga por todos nós)** impediu qualquer passinho sobre a relva.

– Ninguém se treina aqui. Nem que cá venha o Presidente da República!

Aqui há uma dúzia de anos, sem rei na barriga, o inteligente funcionário do Jamor estava a esta hora a pão e laranjas, porque até uma ordenzita do Primeiro-Ministro já servia para o pendurar na varanda, nem era preciso o Presidente da República interromper uma inauguração. Agora, é o que se vê: no futebol português, entregue perfeitamente a meia dúzia de asnáticos ou cabotinos, com a excepção que não faz regra de três ou quatro verdadeiros amantes que não abdicam de defender a sua dama, o descalabro é total, dia a dia mais acentuado.

Golpe sobre golpe, o KO vem aí: talvez já no próximo assalto. Será melhor atirar a toalha para o palco ou benzermo-nos perante tanta estupidez tão bem reunidinha?

Neves de Sousa

Benfica-Lokeren: 1.º jogo em Lisboa

O Benfica disputará o primeiro jogo da eliminatória com o Lokeren (da Taça UEFA) no Estádio da Luz, apesar do sorteio ter indicado o nome do clube belga em primeiro lugar. Esta alteração deve-se ao facto de o Sporting ir disputar a 1.ª «mão» com o CSKA (Bulgária) em Sófia, para a Taça dos Campeões Europeus. Segundo os regulamentos da UEFA, em caso de dois jogos na mesma cidade, sofrerá alteração o encontro da equipa que participa na prova menos importante.

Sporting apreensivo

O Sporting, ao defrontar o CSKA (de Sofia) na 2.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus vai actuar perante a selecção da Bulgária – afirmação do presidente do clube leonino, João Rocha. Salientou que a equipa do CSKA conta com nada menos que nove «internacionais» no seu «plantel».

Segundo o mesmo responsável, o CSKA é uma das equipas mais cotadas do futebol internacional, que a temporada passada evidenciou um bom momento de forma, ao ser dificilmente eliminada pela famosa equipa alemã-federal do Bayern de Munique, nas meias-finais da «Taça dos Campeões».

O Sporting conhece bem a Bulgária e o seu futebol, mas não o CSKA de Sófia – acrescenta João Rocha, um pouco apreensivo sobre a eliminatória, devido ao valor da equipa do Exército Búlgaro. O dirigente leonino adianta (contudo) estar convicto de que o Sporting ultrapasse esta difícil eliminatória se jogar com a mesma determinação e convicção com que actuou ante o Dínamo de Zagreb, apelando para que a massa associativa do clube continue a apoiar a equipa de forma entusiástica.

O CSKA (de Sófia) eliminou o Mónaco (de França) na 1.ª ronda com os resultados de 0-0 e 2-0 (após prolongamento) nos jogos efectuados fora e em casa, respectivamente.

Porto: «muito difícil»

O presidente do FC do Porto (Jorge Nuno Pinto da Costa) mostra-se cauteloso sobre o destino da sua equipa no jogo com o Anderlecht (da Bélgica) na 2.ª eliminatória da «Taça UEFA».

Vai ser uma eliminatória muito difícil, da mesma forma que o será para os belgas, já que o Porto é uma equipa de grande craveira – comentou o responsável «azul-branco».

Pinto da Costa diz que o confronto vai opor formações poderosas, que já se defrontaram em 1978, altura em que os belgas eliminaram os portistas.

Desta vez, espero que a eliminatória se decida a nosso favor – acrescentou o dirigente portista, esperançado em que o bom momento de forma dos **azuis e brancos** consiga bater a experiência e a qualidade do futebol belga. No seu ponto de vista, o Anderlecht é (incontestavelmente) uma das equipas do «top» europeu, com um futebol de grande nível, responsável pela conquista de várias taças europeias nos últimos anos.

O facto de o jogo da 2.ª «mão» ser nas Antas é uma vantagem teórica para o FC Porto – sublinhou, referindo-se a um possível caso de igualdade, que obrigaria a prolongamento da partida na capital nortenha.

O Anderlecht venceu na 1.ª eliminatória o Palloseura (da Finlândia) com um total de 6-1 (3-0 em casa e 3-1 fora).

Benfica descontente

O presidente benfiquista, Fernando Martins, mostra-se preocupado com a alteração do jogo do Benfica com o Lokeren (Bélgica), devido ao facto de o encontro do Sporting com o CSKA coincidir com a data inicial.

O Lokeren não é um adversário fácil, mas a grande infelicidade foi a do sorteio em datar o 2.º jogo do Benfica e do Sporting na mesma data – disse o responsável benfiquista.

Fernando Martins propôs aos dirigentes do Lokeren que a 1.ª «mão» se efectuasse na Bélgica no dia 19 e a 2.ª «mão» em Lisboa, a 4 de Novembro, mas os belgas não acederam.

O Lokeren eliminou na primeira fase da prova o Stal Mielee (Polónia) com os resultados de 1-1 (fora) e 0-0 (casa).

RFA

O Eintracht (de Frankfurt) um dos «grandes» do futebol alemão federal, luta actualmente com o espectro da descida de divisão. Em jogo antecipado da 8.ª jornada do campeonato, o Eintracht perdeu por 3-1 no terreno do Borussia Moenchengladbasch, a sua 6.ª derrota no torneio, o que equivale à penúltima posição na tabela.

Foi o segundo jogo do Eintracht com o novo treinador, o jugoslavo Branco Zcebec, mas ainda não foi uma vitória.

Noutros jogos também antecipados, o Schalke 04 perdeu no seu terreno com o Nuremberga (por 0-1) e Hertha e Bayern Leverkussen empataram a três golos, no campo do primeiro

Campeonato

Varzim no campo salgueirista

O Campeonato Nacional de Futebol da divisão maior encontra-se mais uma vez interrompido, desta feita devido à preparação das selecções nacionais «AA», que defrontam as suas congéneres polacas nos próximos dias 10 (Jamor) e 9 (Faro) respectivamente. Assim somente dois jogos se realizam amanhã, às 15 horas relativos a este escalão: Salgueiros - Varzim (em atraso da 2.ª jornada, disputada a 29 de Agosto e Alcobaça - Marítimo, antecipado da 14.ª a jogar em 26 de Dezembro.

Nacional de 2.ª

Dois únicos jogos marcados, para hoje e referentes, ao campeonato do escalão dois: Paços de Ferreira - Feirense (15 horas no campo da Associação Desportiva de Lousada (Lousada) e às 16 horas embate Lusitano - Juventude.

Nacional da 3.ª

Inicia-se este fim-de-semana o campeonato nacional da 3.ª Divisão. Calendário na **Série A:** Neves - Ponte Barca, S. Martinho - Macedo Cavaleiros, Monção - Moreirense, Fafe - Merelinense, Coelima - Valenciano, Mirandela - Aves, Cabeceirense - Limianos e Felgueiras - Vianense.

SÉRIE B: Mogadorense - Lamego, (adiado para terça-feira, às 15 horas) União Lamas - Esmoriz (em Vila da Feira) Amarante -Riberião, Vilacondense - Paredes. (hoje) Infesta - Lixa, Paços Brandão - Valadares, Vila Real -José Alves e Ermesinde - Marco.

SÉRIE C: Esperança - Seia, Guarda - Naval, Mealhada -Poiares, Penalva - Tondela, Ovarense - Mangualde, Quiaios – Viseu Benfica (hoje) na Figueira da Foz, S. Romão - Vildemoinhos e Alcains - Barco.

SÉRIE D: Marinha - Caldas, Almeirim - Portalegrense, Torres Novas - Atouguiense, Alferrarede - Pombal, Alvaiázere -União Tomar, Nisa - Marinhais, Bombarrelense - União Santarém e Cartaxo - Marinhense.

SÉRIE E: Coruchense - Oliveirense (hoje) Pero Pinheiro -Campomaiorense, Vialonga -Cacém, Oriental - Lusitânia, Estrela Amadora - Vila Franquense, Tires - Sintrense, Santa Clara - SL Olivais e Olivais e Moscavide - Montijo.

SÉRIE F: Seixal - Alvorense, Vendas Novas - Louletano, Trafaria - Esperança de Lagos, Santiago Cacém - Siles, Campinense - Costa Caparica, Lusitano VR - Almada, Quarteirense - Despertar e Moitense - Comércio e Indústria.

Juniores: abertura

Joga-se a ronda 1 do nacional de juniores. Encontros na **Série A:** Chaves - Bragança (hoje, 15 h)) Esposende - Vit. Guimarães, Vizela - Sport. Braga, Famalicão - Rio Ave e Tirsense - Vianense.

SÉRIE B: Leixões - Avanca (amanhã, 11 horas, campo de treinos do Leixões, Matosinhos), Vila Real - Amarante (hoje 15) Cortegaça - Vilanovense, Sanjoanense - Boavista e FC Porto -Salgueiros.

SÉRIE C: Buarcos - Gouveia, (amanhã, 11 horas, no Estádio Bento Pessoa, Figueira da Foz), Académico - Fiães Telha, Anadia - União Coimbra, S. Romão -Repesenses e Beira Mar-Naval.

SÉRIE D: Marinhense - Peniche, Proença - a - Nova - Portalegrense, Alter - Benf. Castelo Branco, Nazarenos - Riachense e União Almeirim - União de Leiria.

SÉRIE E: Sporting - Estoril, Oriental - Atlético (hoje 15 e 30), Futebol Benfica -Desp. Olivais, Almada - Cartaxo (hoje às 16 e 30) e Belenenses -Benfica (hoje 16).

SÉRIE F: Farense - Quimigal (hoje às 15.30 horas) Vit. Setúbal - Torralta, Vendas Novas -Amora (hoje, 16) Sport. Cuba -Barreirense (hoje, às 16 horas) e Desp. Beja - Olhanense.

Meninas ao chuto

Esta tarde, concentração das futebolistas nomeadas para a selecção nacional feminina (que vai jogar à Suíça, com a turma local, a 10 do corrente) na sede da Associação de Futebol do Porto, as convocadas pertecem aos seguintes clubes: Aliados de Lordelo - Fernanda Seabra; Boavista – Maria Eugénia Teixeira, Ana Paula Freitas, Maria Assunção Tato, Eva Maria Antunes, Beatriz Gonçalves Macedo, Maria de Fátima Azevedo, Ana Paula Lessa, Isabel Maria Santos e Maria de Fátima Sousa Pinto; União de Coimbra – Maria de Lourdes Fernandes. Maria Adelaide, Cristina Viseu e Graça Isidoro; Elevadores Fortis – Isabel Portugal e Conceição Cerqueira; Leixões: Alfredina; União Desportiva de Sarge – Maria Orlanda.

Totobola: Prémios

Seis apostadores com 13 resultados certos receberão o prémio de 406 245 escudos (valor provisório) correspondente ao concurso extraordinário do Totobola desta semana. Com 12 resultados certos foram escrutinadas 54 apostas, cabendo a cada uma o prém o de 45 138 escudos.

Patan no Olhanense

Os dirigentes olhanenses acordaram com os seus homólogos do Portimonense a contratação do defesa central Patan que há duas épocas se transferiu do Vasco da Gama de Sines para Portimão onde teria que cumprir mais uma época. Fernando José Pereira Correia (Patan) é natrual de Santiago de Cacém e nasceu em 4 de Setembro de 1957.

Marques Bom: homenagem

Augusto Marques Bom é hoje homenageado, no decorrer de um convívio que processa no restaurante das Piscinas Municipais, em Coimbra, durante o qual receberá a medalha de Ouro de Mérito (da FPF) e, aindan a medalha de «Bons Serviços Desportivos», outorgada pelo Governo.

«Intercontinental»

A 3.ª edição da final da «Taça Intercontinental» de clubes de futebol terá lugar no próximo dia 12 de Dezembro, no Estádio Nacional de Tóquio. O Aston Villa (actual detentor da «Taça dos Clubes Campeões Europeus») será o representante da Europa, enquanto que o da América do Sul só será conhecido nos fins do mês de Novembro.

Juniores

Noruega e Finlândia empataram a zero bolas em encontro a contar para o grupo 4 das eliminatórias do campeonato europeu de juniores.

Placard

Ténis de mesa: Europa em Paço de Arcos

Hoje, no seu pavilhão, o Paço de Arcos recebe a equipa alemã-federal do Estugarda em encontro da 1.ª eliminatória da Taça das Cidades com Feiras de ténis de mesa.

Para o encontro (que começa às 21 horas), o treinador do Paço d'Arcos convocou os jogadores João Portela, Carlos Pinho, Carlos Guilherme, António Sousa e José Janeiro, mas só três poderão defrontar os germânicos. O Estugarda apresenta nas suas fileiras o internacional sueco Thorfell Wolf.

DESPORTO

ponta esquerda

Portugal e Brasil: Protocolo

Portugal e Brasil estabeleceram um acordo de cooperação desportiva depois de um interregno de dez anos. O protocolo resulta de recentes negociações conduzidas na área cultural pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros com o prof. Lopes Marques (director-Geral dos Desportos). De acordo com o que ficou estabelecido, Portugal apoia o Brasil na formação dos seus técnicos de atletismo (meio-fundo e fundo) e hóquei em patins. O Brasil (em contrapartida) apoia Portugal na formação de técnicos de natação e futebol. Ficou também estabelecida a organização periódica de um Congresso Luso-Brasileiro. O prazo de duração deste acordo é de dois anos.

Oliveira: e por aí fora

Pode ler-se, pela pena de Inácio Teigão, no jornal «Sporting»; «Porque Oliveira, com os seus três golos, golos de execução fabulosa, mostrou novamente à Europa do futebol, que ele está para o jogo como Mozart esteve para a música; Manolete para o toureio; Camões para a poesia; Picasso para a pintura; Maria Callas para a ópera; Orson Welles para o cinema; Merckx para o ciclismo e por aí fora.»

Tirsense: justiça

O Tirsense continua na 3.ª divisão nacional. Este foi o desfecho do recurso interposto pelo clube de Santo Tirso no Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Futebol, depois de ter sido despromovido para os Distritais pelo Conselho Técnico da FPF, em virtude de a equipa tirsense ter abandonado o campo no jogo com o Infesta, durante um jogo do Nacional da 3.ª Divisão da temporada passada. O Tirsense tinha sido rendido na 3.ª divisão pelo Mogadourense.

Demissão portista

Aníbal Fernando, responsável pela secção de ciclismo do FC Porto, já pediu a demissão do seu cargo, tendo sido já substituído por Óscar Rocha. Incompatibilidade com a direcção esteve na origem da decisão, tendo Aníbal Fernandes afirmado que em nenhuma circunstância voltará a desempenhar as funções que exerceu durante três anos, desde que lá se mantenha o actual director do pelouro.

Basquetebol: desporto "amador"

O Barreirense contará com um brasileiro na equipa que disputará o Nacional da 1.ª Divisão basquetebolística. Trata-se de Gerson Vitalino, (19 anos que mede 2,06 m) que participou recentemente nos trabalhos da selecção brasileira que esteve no «Mundial» da Colômbia.

Sabe-se já o nome do norte-americano que reforçará o Olivais de Coimbra: chama-se Alberto Fleming, tem 18 anos e mede 2,02 m, tendo-se iniciado no Arizona State University. Jogou durante duas épocas no Alkkar de Estocolmo (campeã da Suécia).

Fleming voltou aos Estados Unidos em 1977, tendo representado o Seatle Supersonic durante dois anos, seguindo para Israel, onde jogou na última temporada.

Southampton: os "violadores"

Os dois futebolistas do Southampton, acusados de violação por uma jovem sueca, foram ouvidos de novo pela polícia de Norkoepping. Segundo as acusações da jovem, o avançado Steve Moran (de 21 anos) e o defesa Mark Wright (de 19), dois dos jogadores do Southampton que, quarta-feira, defrontou o Norkoepping, em jogo da 2.ª «mão» da Taça UEFA; te-la-iam violado na quinta-feira de manhã, após uma noite passada com outras mulheres a discutir futebol. A jovem, também futebolista, teria sido violada (segundo afirma) por vários jogadores.

Segundo a lei sueca, os dois jogadores arriscam-se a penas entre dois e dez anos de prisão, caso sejam reconhecidos culpados. Os seu advogado (sueco) precisou que os dois jogadores rejeitavam as alegações da jovem.

dossier

Começa a disputar-se hoje, o III Torneio Cidade de Almada (em Andebol) com a participação do Sporting, Paço de Arcos (duas estreias) e Belenenses, para além, claro, do clube organizador. Hoje jogam Almada -Paço de Arcos (20 e 30 horas) e Sporting - Belenenses (22) e, amanhã, realizam-se os encontros que definirão os 3.º e 4.º classificados (20 e 30) e os 1.º e 2.º (22)

Entretanto, disputa-se amanhã a segunda edição do Torneio do Bairro Janeiro (Amadora). Em infantis masculinos, a equipa organizadora defronta o Caselas, em juvenis o Belenenses e em seniores femininos o Benfica. Finalmente em seniores masculinos teremos o embate entre o Bairro Janeiro e a Académica da Amadora.

Rali na Estrela

Principia hoje a 6.ª edição do Rali da Serra da Estrela prova a contar para o Nacional de Ralis, na extensão de 407 quilómetros, disputada em duas etapas, que tem amanhã o seu epílogo, com a entrega dos prémios aos melhores classificados.

Ontem, durante quatro horas tiveram lugar as verificações e hoje os pilotos estão na estrada. Pelas 14 horas, iniciou-se a segunda etapa, entre Fundão e Covilhã, controlando os pilotos mais quatro provas de classificação. O rali terminará pelas 23 horas.

Com Joaquim Santos/ Miguel Oliveira, já campeões nacionais, o interesse desta competição visa o segundo lugar, estando inscritos alguns dos melhores pilotos com saliência para José Pedro Borges, Gomes Pereira, Jorge Ortigão, Mello Breyner, Domingos Santos e André Martinho. Santinho Mendes, Carlos Torres e Mário Silva, são os grandes ausentes.

Hóquei patinado: Supertaça na Luz

Hoje, a partir das 21 e 30, Benfica e Sporting disputam, no pavilhão da Luz, a primeira mão da «Supertaça» de hóquei em patins.

Juventude em acção

Hoje, igualmente, principiam os distritais de infantis, iniciados, juvenis e juniores da Associação de Patinagem de Lisboa. Os jogos em INFANTIS: Série A: Vilafranquense-Alenquer, às 21.30 e Sintra-B.º Olaio e P. Arcos-Siderurgia, ambos no domingo, às 9.30 e 9, respectivamente. Série B: M. Sintra-Sporting, às 17; Oeiras-Ac. Amadora e Algés-Alverca, às 21; C. Ourique-Parede, às 21.45 e Lisnave-Sesimbra, domingo, às 10.

INICIADOS: Série A: Salesiana-Física, às 17.30 e F. Benfica-Cascais e Azeitonense-Alenquer, às 21, e Sintra-B. Olaio e P. Arcos-Benfica, domingo às 10.15 e 9.45 respectivamente. Série B: M. Sintra-Sporting, às 17.45; Oeiras-Ac. Amadora e Algés-Alverca, às 21.45; C. Ourique-Parede, às 22.30 e Lisnave-Sesimbra, domingo, às 10.15.

JUVENIS: Salesiana-Física, às 18.15; F. Benfica-Cascais e Azeitonense-Alenquer, às 21.45 e P. Arcos-Siderurgia, domingo, às 10.30. Série B: Sesimbra-C. Ourique, às 17.30; Alverca-Oeiras e Quimigal-L. Algés, às 22.30.

JUNIORES: Benfica-Salesiana, às 17; Parede-Oeiras, às 18; Quimigal-Cascais e Siderurgia-Sintra, às 21 e Belenenses-C. Ourique, domingo, às 10.30.

«Taça de Portugal»

Efectuam-se, hoje, às 21 e 30, nos rinques dos visitados, os encontros da primeira eliminatória da «Taça de Portugal»: J. Pacense-Carvalhos, Vizela-U. Entroncamento, Ac. Braga-H. C. Leiria. H. C. Barcelos-Riba d'Ave, Fânzeres-Ac. Porto, Ac. Espinho-Sp. Marinhense, Ferdinta-Grundig, L. Algés-Am. Lagos, Alenquer-F. Benfica, «Os Tigres»-Sintra, Sp. Torres-Parede, Estremoz-Alverca, Santos Nova-Azeitonense, H. C. Portugal-Ourique e Sp. Caldas-U. Sportiva.

Futebol Benfica: Hóquei

O Clube Futebol Benfica comunica que, para a época de 1982/83 (Hóquei em Patins) tem patrocínio de «Tecidos Famarlix». Secção: Eduardo Neto, Fernando Almeida, Vilarinho Cardoso, Fernando Marques e Victor Jorge. Relações Públicas: Henrique Santos. Treinador: Nelson Pinto. Massagista: Hélder. Mecânico. Francisco Feteira. Atletas: Miguel Oliveiros, Vaz Silva (ex- Benfica), Carlos Henriques (ex-Algés), Jorge Saraiva (ex-Académica da Amadora), Fernando Amaral, Fernando Rodrigues, José Augusto (ex-Benfica), Mário Leal, Jorge Campos, Jaime Francisco (Paço de Arcos), Alberto Moreira e Joaquim Ribeiro (ex-Belenenses).

Hipismo: espanhóis dominam

Ontem, no hipódromo do Campo Grande, mais uma tarde de provas do Concurso de Saltos Internacional Oficial de Lisboa, com a presença de numeroso público. Presidiu às provas o governador civil de Lisboa (dr. Filipe Neiva Correia) e os resultados foram os seguintes: PROVA N.º 5 (CAÇA-TABELA C) – 1.º Rutherford Latham (E), em «Wellington»; 2.º, cap. Pimenta da Gama (P), em «Ribamar»; 3.º, Alfonso Segovia (E), em «Fener Kerl». Prova n.º 6 (em duas fases) – 1.º, Juan António Witt (E), em «Alerta»; 2.º, Alfonso Segóvia, em «Agamemnon»; e 3.º, Luís Alvarez Cerveira (E), em «Pico».

O vencedor da primeira prova da tarde (Tractores de Portugal) recebeu o prémio correspondente das mãos do eng. Lobo de Vasconcelos, presidente do Conselho Fiscal da SPH. Na segunda prova («Fima Lever») igualmente dominada por cavaleiros espanhóis, foi o governador civil quem entregou o prémio ao primeiro classificado.

MICROSCÓPIO

Corrida do Tejo

Por iniciativa do pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Oeiras, vai realizar-se, amanhã, a II Corrida do Tejo, com partida às 10 e 30, e cerca de 3000 concorrentes. A corrida, que em parte se desenrolará na Estrada Marginal, será dotada de prémios e distinções para elevado número de atletas incluindo um diploma para cada participante.

Patinagem: treinadores

O Comité Nacionnal de Corridas em Patins, promoveu o Curso de Treinadores do 3.º Grau, que termina a 6 do corrente e decorre no Centro de Estágio da Cruz Quebrada, local onde funcionaram as aulas teóricas do curso, deccorrendo as aulas práticas no Instituto Superior de Educação Física. Por motivos pedagógicos e financeiros não foi possível a aceitação de todos os elementos inscritos fixando-se o número em cerca de 40 participantes.

Ténis: Borg

O sueco Bjorn Borg bateu o norte-americano Jimmy Connors (vencedor de Wimbledon e do «open» dos Estados Unidos), num encontro de exibição de ténis, efectuado em Otava. Borg, que esta temporada se limitou a participar em apenas dois torneios do «Grande Prémio» (Montecarlo e Las Vegas), bateu Connors, cotado como o número um do «ranking» mundial, pelos parciais de 1-6, 6-3, 4-6 e 6-2.

Râguebi: o seu dia

É tradicional o próximo feriado de terça-feira marcar o início oficial da época de râguebi. A FPR, visando transformar a data num marco anual para a modalidade, decidiu considerá-lo «Dia Nacional do Râguebi», promovendo um torneio-relampâgo, no «universitário» de Lisboa (a partir das 15 horas) a que se seguirá um jantar de confraternização, aberto a todos os que se encontram ligados à modalidade.

Pedrouços: festa

Apesar das condições adversas em que o Clube Sportivo de Pedrouços tem trabalhado (justiça ao seu devotado trabalho de longos anos em prol da Natação) vai organizar o Festival de Encerramento das suas Escolas de Natação, reservando, para o efeito, a manhã do próximo dia 5. Com começo às 10, apresentar-se-ão a disputar as suas provas cerca de 40 futuros nadadores, saídos das escolas deste ano. Exibir-se-ão nos quatro estilos (costas, bruços, crawl e mariposa) e nas distâncias de 25 e 50 metros. A todos os concorrentes será entregue uma medalha como recordação do ano em que aprenderam a nadar.

Muitos dos participantes neste festival usufruiram da regalia que o clube concede (há mais de 40 anos) ao permitir a inscrição gratuita nas suas escolas às crianças do bairro, até aos 12 anos de idade.

Um antigo nadador do clube (Raul Mendes de Sousa) esteve, uma vez mais, à frente da direcção das escolas e, patenteou os seus conhecimentos e a sua muita dedicação.

Após o festival (e, por iniciativa dos familiares dos alunos) haverá uma reunião de convívio no ginásio do Clube, que se prolongará pela tarde.

Lisboa: maratona

A Associação de Atletismo de Lisboa vai realizar, no dia 10 de Outubro, a última prova do calendário desta época. A maratona lisboeta será corrida em Cascais, partindo os atletas de Alcoitão para Cascais, onde se fará o restante percursos entre Cascais e o Guincho com a chefada a verificar-se na vila de Cascais. Esta prova tem o patrocínio da Câmara Municipal de Cascais

Andebol: juízes portugueses

A arbitragem portuguesa de andebol atravessa um bom momento. Depois da indicação do duo lisboeta formado por Dúlio Oliveira e Fernando Rodrigues (para dirigirem o encontro Granollers-Maccaby de Telavive, em Espanha) coube a vez de as entidades da arbitragem europeia nomearem os portugueses José Ribeiro e Jerónimo Silva para apitarem no jogo da Taça dos Clubes Campeões Europeus entre o Stella Sports St. Maur (França) e o Initia HK-Hasselt (Bélgica), partida que se realiza no próximo domingo em Paris, no pavilhão do Centro Sportive Brossolete. Esta jornada europeia completar-se-á com os jogos NCR Blauw Wit Beek (RDA)-Sporting, Phillippos Veria (Grécia)-Minaur (Roménia), Eggenburg (Áustria)-Duedelingen (Luxemburgo) e Saporoshe (URSS)-Hafnarjordur (Islândia).

Serviços Municipalizados de Loures

AVISO

Faz-se público que pelo prazo de 15 dias, a contar da data da afixação deste aviso, se aceitam inscrições na Secção de Pessoal, para admissão de 9 serventes destinados à exploração de Águas, a remunerar pelo vencimento mensal ilíquido de esc.: 12 000$00, acrescido de 1200$00 para subsídio de almoço.

Os candidatos deverão estar habilitados com a escolaridade obrigatória.

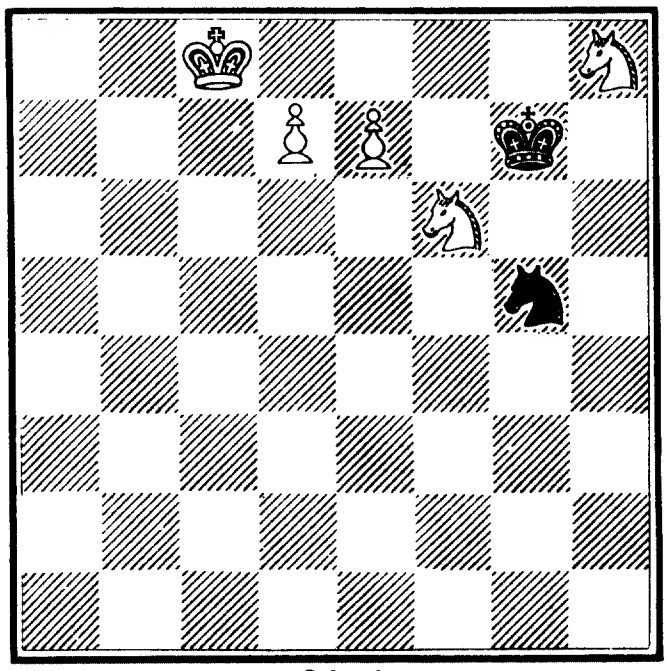
Loures, 27 de Setembro de 1982.

O Chefe dos Serviços Administrativos

F. Martins

Problemas de Xadrez

O autor apresentou esta posição como um final, mas a desproporção de força a favor da parte ganhante, torna mais correcto que se lhe chame problema, embora então a chave seja pouco ortodoxa



S. Loyd
«Boston Globe» 1878
(3 lances)

DOPERFILME

Nada melhor do que ficar desempregado e viver à custa dos amigos

A comédia que lhe ensina a ser

UM PENDURA DOS DIABOS

VIENS CHEZ MOI, J'HABITE CHEZ UNE COPINE

com
MICHEL BLANC · BERNARD GIRAUDEAU
THÉRÈSE LIOTARD

realização
PATRICE LECONTE

M/A 13 ANOS

CINEMA CASTIL **EM EXIBIÇÃO** estúdio 444

Alack Sinner

Banda Desenhada de Muñoz e Sampayo

65

C OPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Quipos/ADS

continua

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
sexta e sabado às 21,30h
A VIAGEM 7.º MÊS
TEXTO HELDER COSTA
ENCENACAO JOAO MOTA
praça de espanha tel. 76 26 24
sexta e sabado às 23.30 h
NAO FUI EU... FORAM ELES! 3.º MÊS
no espaço de CAFE-TEATRO
ÚLTIMAS ★ ATÉ FIM DE OUTUBRO

A GAIVOTA de TCHEKOV
3.º MÊS
O TEATRO DO MUNDO continua no
teatro do bairro alto
RUA TENENTE RAÚL CASCAIS, 1-A (A S. MAMEDE)
TELS. 661515-669205
TODAS AS NOITES 21.30 FOLGA À QUARTA
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Dentro de dias, em Sorrento

Manoel de Oliveira vai ser condecorado pelo presidente Sandro Pertini

O galardão é a Ordem de Mérito da Itália

O cineasta português Manoel de Oliveira vai ser condecorado com a comenda da Ordem de Mérito da República Italiana, durante o próximo Festival de Cinema de Sorrento, que decorre nesta cidade italiana de 7 a 16 do corrente. A condecoração será entregue a Manoel de Oliveira pelo Presidente da República Italiana, Sandro Pertini.

O Festival de Sorrento é este ano especialmente dedicado às cinematografias de Portugal e Espanha e, no seu decurso, Manoel de Oliveira receberá outro galardão também significativo: o «Prémio Vittorio de Sicca», atribuído pelos organizadores do certame cinematográfico a realizadores estrangeiros de reconhecido mérito. Na ocasião, será exibido o filme «Francisca», última realização do autor, e passarão ainda duas curtas metragens feitas para a televisão: sob o título genérico de «Episódio Zero». Passará também uma entrevista dada pelo realizador ao programa «Écran», da RTP.

A presença da cinematografia portuguesa este ano em Sorrento é numerosa. Ela começa com o ciclo «Selecção», passando os filmes «A Ilha dos Amores», de Paulo Rocha, «Conversa Acabada», de João Botelho, «Manhã Submersa», de Lauro António, «Kilas, o Mau da Fita», de Fonseca e Costa», «Velhos são os Trapos», de Monique Rutler, «Dina e Django», de Solveig Nordlund, e «Um S Marginal», de Sá Caetano.

Noutro ciclo, ou secção, «Retrospectiva», vão passar mais cinco películas nacionais: «A Canção de Lisboa», de Cotinelli Telmo, «Sonhar é Fácil», de Perdigão Queiroga,» «Brandos Costumes», de Seixas Santos, «Verdes Anos», de Paulo Rocha, e «Os Crimes de Diogo Alves», de João Tavares.

Estreia no dia 7 na Comuna

"Agora, vou mostrar-te o hipopótamo" —*novo espectáculo de Gerardo Tuchê*

«Agora, vou mostrar-te o hipopótamo» , é um novo espectáculo do actor e encenador brasileiro Gerardo Tuchê, que ontem foi apresentado em antestreia na Comuna, em Lisboa.

No princípio, era uma ideia velha. Depois, vieram o «fôlego e a coragem». E também uma enorme disponibilidade. Dinheiro, nenhum. O resto, foi «botar toda a minha experiência de actor e encenador» explicou o actor.

Com estes ingredientes, a ideia foi crescendo. José Gouveia deu-lhe forma. Dito de outro modo: escreveu o texto. Mas, insiste Tuchê, «texto, interpretação, encenação, foram saindo da experimentação prática».

Depois de «A navalha na carne», este é o seu primeiro trabalho a nível profissional, como actor, em Portugal.

A ideia inicial era realizar uma colagem de textos, a que se tentou dar uma unidade. Osvaldo Andrade, Guimarães Rosa, Almada Negreiros, Mário de Sá Carneiro. «Mas a ideia não saía. Desistimos, ficando apenas com a embalagem, que nos empurrou para fazer isto».

Ponto de partida: o homem é um microcosmos. Nele se encerram múltiplas faces, sem fronteiras ou linhas demarcadoras. Depois, sucede-se um trajecto, desde a infância até ao ser adulto. Um comportamento machista, mas também uma outra consciência. E a repressão sexual e moral, e um dos objectos desse domínio: a mulher. Do ser individual, que se oferece nu, passando pelas diversas fases da sua existência, até completar o ciclo: um ser-actor que parte nu.

Como sublinhou Tuchê, «trata-se de um único personagem que vai evoluindo até se metamorfosear. O espectáculo é agressivo, eu sei, mas tento dar-lhe um carácter o mais leve possível. Mas se este processo, o funcionamento dessa ideia funciona, isso já é com vocês».

«Vocês», é o público, a quem o trabalho de Gerardo Tuchê se dirige. Para ele, o espectáculo estreia no próximo dia 7, às 22 horas, na Comuna. Manter-se-á em cena até ao fim-de-semana, no mesmo horário. No domingo, a sessão é às seis e meia da tarde. Depois, passará a ser apresentado simultaneamente noutros espaços, mantendo-se na sala da Praça de Espanha de quinta-feira a sábado.

VILA DE OEIRAS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DA OBRA DE «ABASTECIMENTO DE ÁGUA E SANEAMENTO AO ALTO DE ST.ª CATARINA-CRUZ-QUEBRADA

Faz-se público que em reunião do Conselho de Administração de 27/9/82, foi deliberado abrir o concurso público em referência.

As propostas deverão der entregues no prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação do presente aviso no «Diário da República».

A abertura das propostas terá lugar no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de 20 dias, pelas 14.30 horas, na sala de reuniões destes serviços, perante a comissão para esse fim nomeada.

O preço base é de 5 026 196$00.

A caução provisória é de 125 654$90.

Alvará exigido: 3.ª e 4.ª subcategoria da V categoria ou da V categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo do concurso poderá ser consultado, durante as horas de expediente na Secretaria dos Serviços Técnicos em Oeiras.

Oeiras, 30 de Setembro de 1982

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo Carreiro Melo de Carvalho

UHF muda de etiqueta

O grupo de rock UHF vai mudar de etiqueta discográfica, após três meses de negociações, indica o acordo estipulado ontem entre a Valentim de Carvalho e a Rádio Triunfo, futura gravadora da banda de Almada.

O acordo entre as duas empresas foi obtido ontem à tarde e envolveu uma verba considerada a mais elevada no mercado discográfico português.

Um responsável da Rádio Triunfo afirmou que a «Valentim de Carvalho teve sempre um espírito aberto para as negociações e nunca tentou prejudicar a banda. O dinheiro envolvido na transacção comercial refere-se somente ao investimento já feito pela Valentim na gravação do novo LP dos UHF, que está quase gravado».

Os UHF vão entrar imediatamente em estúdio para gravar o LP «Persona non Grata» que sairá no final de Novembro. Antes, a nova etiqueta dos UHF pensa lançar um single da banda.

Os UHF assinaram contrato com a Valentim de Carvalho no final de 1980 por cinco anos. Entraram logo em estúdio para gravar «Cavalos de Corrida», um dos maiores sucessos da banda.

«À Flor da Pele», o primeiro LP, e «Estou de Passagem», mini-LP, foram outros êxitos do grupo. Até ao começo deste ano, os UHF tinham já vendidas mais de cem mil unidades dos trabalhos gravados.

O mesmo responsável da Rádio Triunfo adiantou que «esta foi a primeira vez em Portugal que um grupo rompe contrato com uma etiqueta, no auge do sucesso, para se transferir para outra casa discográfica, com as negociações a prolongarem-se por três meses».

65.º aniversário da Revolução de Outubro

Exposição em Faro inicia comemorações

Com a inauguração, ontem, no Centro Cultural do Algarve, em Faro, de uma exposição de artesanato e de fotografias da União Soviética e que estará patente ao público até ao dia 10 de Outubro, deu-se início às comemorações promovidas a nível nacional do 65.º aniversário da Revolução de Outubro, promovidas pela Associação Portugal-URSS.

A exposição, promovida pelo Núcleo de Faro desta Associação, apresentará artesanato da Federação Russa, do Kasaquistão e da Ucrânia e reportagem fotográfica das duas primeiras repúblicas e dos 1500 anos da fundação de Kiev, capital da RSS da Ucrânia.

As comemorações nacionais que se prolongarão durante os próximos dois meses, foram preparadas numa Reunião Nacional de Activistas da Associação realizada no último dia 25 de Setembro, em Lisboa e constam de sessões de filmes e documentários, exposições, colóquios, almoços comemorativos, torneios diversos, jogos florais, e muitas outras iniciativas de que destacamos a actuação de um conjunto artístico da RSS da Estónia, uma exposição diversificada (arte, indústria, artesanato, etc.) e a visita de uma delegação oficial, a nível ministerial, da RSS da Estónia.

Juri para o concurso de cartazes

É constituído pelo professor da E.S.B.A.L. e pintor Rogério Ribeiro, pelo artista plástico, José Santa-Bárbara e pelo estudante Álvaro Rosendo o juri que apreciará os trabalhos apresentados ao Concurso de Cartaz, comemorativo do 60.º aniversário da formação da URSS, promovido pela Associação Portugal-URSS.

O prazo de entrega dos trabalhos foi alargado até 15 de Outubro. O regulamento deste concurso pode ser solicitado na Rua de São Caetano (à Lapa), 30 ou pelo o telefone 601199-601099.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Painel: alibi do criminoso

Sabemos por intermédio da autopromoção que a RTP serve «portugueses de todas as idades e de todo o país». Uma declaração sem qualquer interesse, pois na primeira parte encerra um truísmo e na segunda uma informação que carece de melhor prova.

Como pode garantir que serve todo o país, se é verdade que há zonas em Lisboa carecidas de uma imagem minimamente aceitável? Em lugar de se elogiar tanto, faria melhor a RTP se cuidasse em servir bem os telespectadores, **todos** eles.

TV contente com a sua gente

Esta RTP está muito contentinha com o seu painel. Para quê esta televisão apainelada? Segundo agora sabemos para agradar ao maior número possível de espectadores.

Assim, ficamos a saber que não existe por lá uma opção cultural, uma linha de acção que sonhe com objectivos superiores. Em relação a esta televisão portuguesa, falou em vão Pascal quando disse: «olha sempre para mais alto».

As exigências cultivam-se. Como se cultivam as cedências. Ou se cultiva a inteligência ou a submissão. Ou se observa o primado da cultura ou o da leviandade.

Em geral, este último (o primado da leviandade) assenta no alibi do «maior número». Foi assim que a televisão americana conseguiu o título nada honroso de «máquina de cretinizar».

Claro, não se aconselha uma televisão de tal modo afastada da realidade que acabe por se perder nas nuvens e ser vista apenas por meia-dúzia. Mas a verdade é que uma televisão tem de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para enriquecer, e não para empobrecer o maior número.

A RTP votou pelo empobrecimento. Optou pelo «seguidismo» da «maioria» – maioria que ela própria ajudou a criar...

Ela faz sondagens e respeita-as. Segue os gostos com números mais altos no seu painel. Mas, mesmo que esses números existam (e ponho em dúvida a legitimidade da sua obtenção e interpretação) não me esqueço de um inquérito internacional há anos efectuado: em certa região, as populações manifestaram a sua preferência por alimentos mais pobres – farináceos e batatas – pois eram aqueles que tais populações muito pobres conseguiam obter.

O painel da RTP incide sobre as batatas e os farináceos que proporciona e não sobre as proteinas...que não dá.

Que opção?

Em tempos falou-se do segundo canal como a possibilidade de uma via mais cultural, mais restrita. Po aqui, já se pode avaliar a opção dos actuais responsáveis da RTP.

Sabemos agora que a audiência regular do primeiro canal é de seis milhões; e a do segundo, dois milhões. No que respeita ao segundo canal, o exagero é evidente. Talvez dois milhões de pessoas tenham possibilidade de acesso isso sim. A audiência habitual, essa, era há tempos estimada pela própria RTP em cerca de dez por cento da audiência do primeiro. A verdade deve andar por aí.

Na realidade, algumas excelentes emissões (por exemplo, no domínio musical e das exibições cinematográficas) têm sido sonegadas à maioria, através da nicotomia primeiro – segundo canal, mas não só.

Vê-se que o intuito dos actuais responsáveis da RTP é embrutecer o maior número com o alibi...do maior número. Repare-se neste pormenor: emissões de qualidade («o mundo maravilhoso de Arthur Clarke», «A História da Marinha», «Veterinário da Província»...) são relegadas ingloriamente para o programa da hora do almoço, com uma audiência bem restrita...

Para as horas de maior audiência ficam «o mordomo ideal», «os jogos sem fronteiras» e outras semelhantes frioleiras.

Aquele painel!

Todos sabemos que a «Informação» na RTP é aquele sector de maior agressividade política. A supremacia da coligação no poder e do Governo é absoluta, obsessiva, implacável. A invocada «isenção», o «pluralismo» tantas vezes referido, não passam, na prática, de balelas puras.

Os 80 por cento que dizem gostar, não vão além da ficção. Os responsáveis de uma secção (enxameada de mediocridades que apenas se prevalece da confiança política) querem fazer crer que o famigerado «painel» lhes deixa as mãos livres para todas as tropelias...

Uma desculpa infantil. Voltarei a isso com mais vagar. Para contar algumas coisas muito interessantes...

Hoje

Em última sessão na RTP-1, mais um filme da série «Thriller» sobre histórias de crime e mistério

15.45 **Sábado Desportivo** – inclui o LXVII Concurso de Saltos Internacional, transmitido directamente do Hipódromo do Campo Grande.
18.30 **Walt Disney**
19.20 **«Sport Billy»** – 12.° programa.
19.45 **Tur/82** – Macau (2).
20.25 **O Tempo**
20.30 **Telejornal** – noticiário nacional e estrangeiro.
21.00 **Som de...** – Shegundo Galarza.
21.25 «Pedro e Paulina» – episódio n.° 10.
22.00 **«Dallas»**
22.55 **Última Sessão** – «Thriller», histórias de mistério. Intérpretes: Carrol Baker, Max Mason, Maurice Kaunfmann e Brenda Cavendisk. Realização: James Orneerod.

O actor Glenn Ford, um dos intérpretes do filme «A Fúria dos Justos»

19.02 **Varina/82** – folclore sem fronteiras.
19.50 **Itinerário Artísitico** – de Verona a Bolonha.
20.35 **Sábado Especial** – «A Fúria dos Justos». Intérpretes: Glenn Ford, Dorothy McGuire, John Hodiak, Arthur Kennedy, Katy Jurado e Rafael Campos. Realizador: Mark Robson.
22.35 **Documentarismo Português** – «Pedagogia e Didactismo».

Amanhã

10.45: 70X7; **11.10**: Eucaristia Dominical; **12.00**: Tempo dos Mais Novos, **13.05**: «O Trovão»; **13.45**: Sumário; **13.50**: TV Rural; **14.10**: Navegar; **14.45**: Berros e Bocas; **17.00**: Reportagem do Exterior; **18.30**: Campeonato do Mundo de Circo; **19.00**: «Fame»; **19.45**: Desenhos Animados; **20.25**: O Tempo; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Cartaz TV; **21.40**: VI Festival Internacional de Folclore Algarve/82; **23.05**: Grande Encontro

18.00: O Filme – «Milagre Por um Dia»; **20.30**: Roques da Casa; **21.40**: «História de Chicago»

TEMPOS DIFICEIS
texto de ROMEU CORREIA
encenação de JOAQUIM BENITE
GRUPO DE CAMPOLIDE
teatro da academia almadense
TEL. 2752175
almada
DIAS 1, 2 E 4 ÀS 21.30 H
DIAS 3 E 5 ÀS 16 H
Sub. SEC/CMA

METALOPERFIL
(Orçamentos grátis)
MARQUISES
ESTORES
DIVISÓRIAS
E CAIXILHARIA
DE ALUMÍNIO
Rua Ramalho Ortigão, Lote 1
CACÉM
Teles. 787816/9240171

«AFEX-FORNECEDORA DE ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS, LIMITADA»

17.° CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
Rua Alexandre Herculano, 29-1.° Esq.
NOTÁRIO,
Lic. António Manuel Gonçalves Saldanha

Certifico que por escritura de 19 de Agosto de 1982 lavrada de fls. 32v.° do livro n.° 47-J das notas do 17.° Cartório Notarial de Lisboa, foi alterado o pacto social no tocante ao artigo 10.°, do pacto social que passa a ter a redacção seguinte:

10.°

A gerência, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo de ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, sendo bastante e necessário para obrigar a sociedade validamente em Juízo e fora dele a assinatura de UM GERENTE. Qualquer dos sócios gerentes pode delegar os seus poderes de gerência, mediante acordo do outro sócio gerente.

Que pela mesma escritura ficaram sendo únicos sócios da sociedade Manuel de Jesus Garcia e Rosária Olga Morais dos Santos Garcia, tendo esta adquirido uma quota do valor nominal de 50 000$00 e aquele uma quota de 10 000$00 que unificou com a quota de 40 contos que já possuia, passando ambos a ter cada um uma quota de 50 000$00.

Está conforme.

Lisboa, 15 de Setembro de 1982.

O 2.° Ajudante
do 17.° Cartório
Notarial de Lisboa
(Manuel Pereira)

AVISO

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

CASA PIA DE LISBOA

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

No âmbito dos despachos normativos 9-P/80 e 271/80 das Secretarias de Estado do Emprego, Educação e Juventude e Família.

GRAU III — Duração de 3 anos.
Cursos das indústrias gráficas (fotógrafo, transportador e impressor off-set).

CONDIÇÕES DE INGRESSO

— aprovação do ensino preparatório
— idade mínima de 14 anos (até 31/Dez/82)

REGALIAS

— salário estímulo de formação
— equivalência ao 9.° ano de escolaridade, para sequência de estudos
— certificado profissional

LOCAIS DE FUNCIONAMENTO

na Secção de D. Maria Pia (em Xabregas)

CANDIDATURAS: até 8 de Outubro, na Provedoria da Casa Pia de Lisboa (SASA), Avenida do Restelo, n.° 1 — 1400 Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...
1 RTP «Histórias de Mistério» (22.55)
2 RTP «A Fúria dos Justos» (20.35)
...e sugere para hoje...
1 RTP
22.00 – DALLAS
J.R. não consegue evitar que os Farlows protejam Sue Ellen e John Ross, e o stock de petróleo que ele está a desviar, ameaça a fortuna dos Ewings. O relatório do dr. Conrad indica que Pam está a caminho de uma séria depressão e Bobby continua a tentar descobrir a verdadeira identidade do pai do bebé de Kristin.
Lucy fica encantada ao saber que Mitch ficará em Dallas e Donna continua apreensiva sobre o sucesso de Ray no mundo dos negócios.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

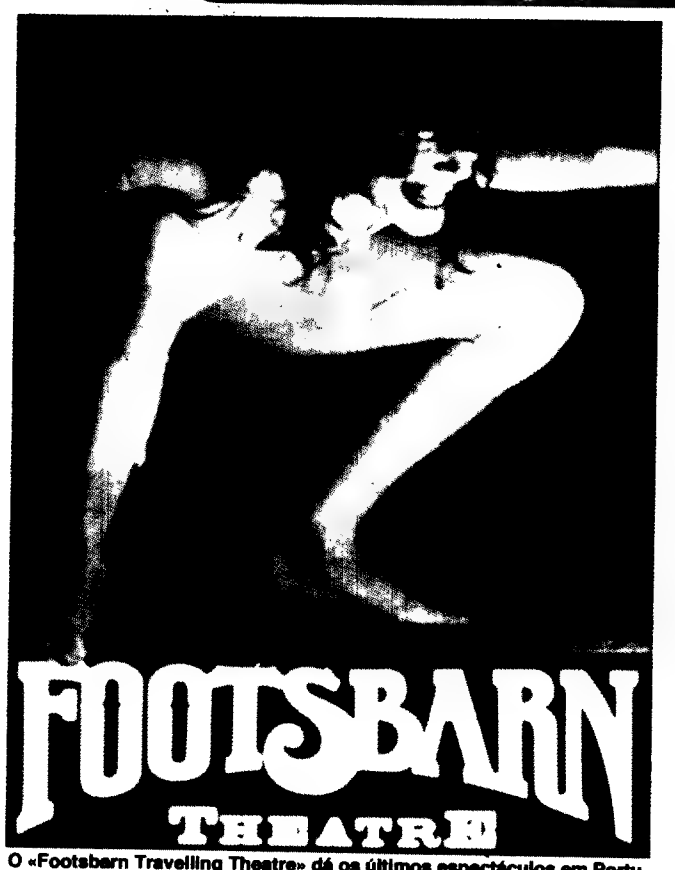
Teatro

O «Footsbarn Travelling Theatre» dá os últimos espectáculos ao fim de uma «tournée» de 6 meses em Portugal. Na tenda montada junto à Comuna (Praça de Espanha) apresenta hoje, às 21.45, «O Diabo, o Doutor e o Louco». Amanhã, à mesma hora, realiza-se a gala final «Footsbarn Baile».

O TEAR abriu ontem a sua temporada teatral na cidade do Porto com um contemporâneo português. Trata-se de «Quem matou Alfredo Mann?», texto de Augusto Sobral, com encenação e espaço cénico de Castro Guedes. A interpretação está a cargo de Jorge Mota, Isabel Alves, Fátima Castro, Mário Timóteo e Carlos Costa, acompanhados musicalmente por António Capelo e João Paulo Costa.

«24 vidas de 1 sr. vulgar em 3/4 d'hora», espectáculo de Espantócirco criado e interpretado por Melvim (João de Melo Alvim) é apresentado hoje e amanhã no Porto, no Café-Concerto de «O Realejo» (R. dos Mercadores, 136).

12 vezes Teatro – 12 anos da CGTP-IN é o lema de uma mostra de teatro de amadores integrada nas comemorações do 12.º aniversário da CGTP-IN e promovida pela União dos Sindicatos de Lisboa. Os espectáculos serão apresentados no Anfiteatro do Sindicato do Comércio e Serviços (R. Almirante Barroso, 3) e o programa deste fim-de-semana é o seguinte: hoje, às 15 horas, a peça infantil «Ortaet-apuor» (roupa-teatro) de Manuel Galich, pelo Teatro Ensaio do Barreiro; às 21 horas, «Canção dentro do pão», de Raimundo Magalhães Júnior, pela mesma companhia. Amanhã, às 15, a peça para jovens «Histórias de Akim», de Norberto Ávila, pelos Esteiros-Teatro de Amadores da S.E.A.; às 21, «O dia seguinte», pelo mesmo grupo.



O «Footsbarn Travelling Theatre» dá os últimos espectáculos em Portugal

O grupo de teatro do SITESE apresenta hoje e no dia 5, às 21.30, e amanhã e também no dia 5 às 16 horas, no Teatro da Trindade, o seu novo espectáculo constituído pela peça «Bodas de Sangue», de Garcia Lorca, encenada por Fernando Augusto, com música de Jorge Monteiro.

Música

Tardes de música com José Atalaya. A partir de amanhã, haverá todos os domingos, às 15.30, com a presença do maestro José Atalaya, no Teatro São Luís, espectáculos que pretendem tornar a música acessível a todo o público, mesmo ao que habitualmente não frequenta concertos. O de amanhã será a primeira de quatro sessões dedicadas à música de Chopin e terá a colaboração da pianista Nella Maissa.

O Festival de Coros do Algarve, em sexta edição, vai decorrer este fim-de-semana, numa realização do Grupo Coral de Lagos. Programa: hoje, Coral Caminhos Novos, em Loulé, na Igreja Matriz; Coro de Câmara do Conservatório Nacional, em Portimão, na Igreja Matriz; Coro de Santo Amaro de Oeiras, em Faro, na Sé Catedral; Orfeão de Vila Praia de Âncora, em Aljezur, no Centro Cultural. Amanhã, concerto com todos os coros participantes, mais o Grupo Coral de Lagos, no Palácio das Conservas.

Exposições

A 1.ª Exposição do Campo Arqueológico de Mértola inaugura-se amanhã, no âmbito da visita àquela vila alentejana do XI Congresso de Arabizantes e Islamizantes (Évora). O núcleo principal desta exposição é constituído pelo espólio cerâmico proveniente das escavações arqueológicas que desde 1978 têm sido realizadas na Alcáçova do Castelo. As peças expostas, quer pela sua raridade, quer pela sua riqueza, formam a mais importante colecção de cerâmica muçulmana hoje existente em Portugal. **Continua na Estufa Fria a Exposição-Venda de Artesanato Urbano.** No âmbito do certame, exibe-se hoje, às 21.30, «Lisboa», diaporama por Carlos Barroco; às 22 horas, haverá boxe, demonstração pelo Vitória Clube de Lisboa (Campeão Nacional 82). Amanhã, às 21.30, «Cheksound» sobre Vilar de Mouros 82, diaporama de Cynthia Dias, José Fabião e Carlos Barroco; às 22, rock experimental por Telectu Ctu, com Jorge Lima Barreto, Vítor Ruas e Toli.

Uma exposição de «patchwork» de Dora Costa está patente ao público na Galeria do Penedo, em Colares, aberta aos sábados e domingos. Amanhã e no próximo dia 17, com início às 15 horas, realizam-se demonstrações ao vivo de alguns motivos de «patchwork» americano.

Câmara Municipal da Amadora

2.ª FEIRA DO LIVRO

ESPECTÁCULO DE ENCERRAMENTO
5 DE OUTUBRO 16 H
RECINTO DA FEIRA
(Frente à Estação da CP)

- SAMUEL
- TROVANTE

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	66$20	71$20
ALEMANHA FED. (marco)	34$50	35$60
ÁUSTRIA (xelim)	4$80	5$00
BÉLGICA (franco)	1$612	1$812
BRASIL (cruzeiro)	$146	$396
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	70$40	72$40
(notas de 5 a 1000)	70$90	72$00
DINAMARCA (coroa)	9$85	10$25
ESPANHA (peseta)	$730	$830
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	87$15	89$15
(notas de 5 a 1000)	87$65	89$65
FINLÂNDIA (marka)	17$95	18$55
FRANÇA (franco)	12$20	12$90
HOLANDA (florim)	31$55	32$55
INGLATERRA (libra)	148$20	152$20
IRLANDA (libra)	118$05	122$05
ITÁLIA (lira)	$056	$066
JAPÃO (iene)	$296	$331
NORUEGA (coroa)	12$55	13$05
SUECIA (coroa)	13$90	14$50
SUIÇA (franco)	40$20	41$30
VENEZUELA (bolivar)	18$10	19$10

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Banda magnética; **19.15**: Música sem fronteiras; **20.00**: Programa da noite – teatro radiofónico; **21.00**: Lisboa, país, cidade; **23.00**: Actualidade. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **20.00** e **22.00** horas.

Programa 2

14.30: Ópera; **17.30**: Suite n.º 6, em ré maior, BWV 1012, de Bach; **18.00**: Música de câmara; **19.00**: Sinfonia n.º 4, em sol, de Mahler; **20.10**: Música de piano; **21.00**: Música de câmara portuguesa; **21.50**: Música de Bach; **22.30**: Concerto em ré maior, op. 77, para violino e orquestra, de Brahms; **23.10**: Missa «O Magnum Misterium», de Victoria; **23.30**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

17.03: Ora hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca; **22.15**: Religiosos – hora luterana; **22.30**: Tempo de desporto; **23.06**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Discoteca; **21.00**: Abandajazz; **22.00**: Café concerto; **24.00**: Rolls rock. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Sintonia fim-de-semana; **18.00**: Magazine regional; **18.30**: Transmissão do terço; **19.03**: Saltitão; **20.00**: Paju; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Bola branca (2.ª edição); **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares às **17.00**, **21.00** e **22.00** horas.

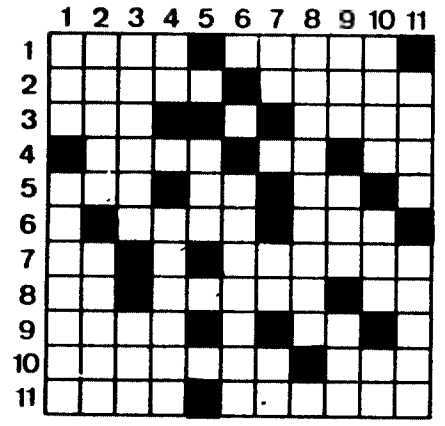
Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **16.00**: Nós por cá; **20.00**: Espaço musical, **21.00**: Portugal experiência histórica; **21.30**: Via Láctea

Tiragem média diária do mês anterior: **43 493** exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 543



HORIZONTAIS:

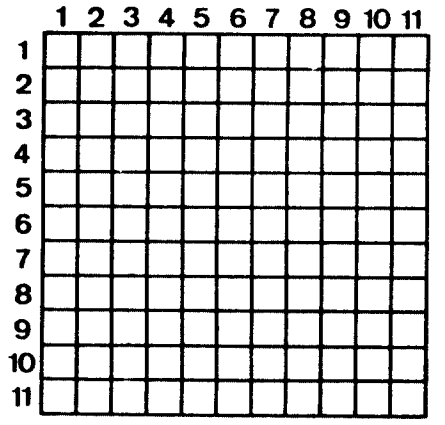
1 Aquele que. Ciladas.
2 Ácido orgânico azotado, do grupo das purinas, que figura na urina em pequenas quantidades. Introduziu.
3 Acrescentando uma vogal é palmeira da Amazónia. Primeiro rei dos Hebreus.
4 Embarcações grandes. Antes de Cristo. Solitário.
5 Código. Era cristã. Sufixo que designa estado.
6 Trato por tu. General de Napoleão.
7 Em a. Recalcitro.
8 Mercúrio (a.q.). Variedade de dromedário africano, adestrado para jornadas rápidas. Vi, (inv).
9 Vagueia. Preposição latina que designa movimento.
10 Tombarias. Espádua.
11 Nome de mulher. Pançudos.

VERTICAIS:

1 Letra grega. Distingue.
2 Nome de planeta. Variedade de maçã do Minho.
3 Recinto fechado junto aos currais para recreio de gado. Zombas.
4 Mil e cem em romano. Nome de fruto.
5 Artigo definido. Pronome possessivo.
6 Consciência.
7 Preposição. Érbio (s.q.). Antimónio (s.q.).
8 Duvida.
9 Letra grega. Monarca. Combinação da preposição de com o artigo ou pronome dem. Os.
10 Pronome possessivo. Rio da Ásia Central, tributário do lago Balcache. Moderato.
11 Gritos. Nascentes de água.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9403



HORIZONTAIS:

1 Ordem de cavalaria, na Inglaterra.
2 Abaixara. Pronome pessoal.
3 Consagrar. Preposição.
4 Anel. Deras aviso de alguma coisa em voz alta.
5 O lado do vento. Velhice (pl).
6 Rio de França. Avaliar.
7 Dormiras (falando-se de crianças). Prefixo que designa ar.
8 Vasilha com asas (prov). Título de senhores feudais e de outras personagens.
9 Roeras (fig).
10 Ovários dos peixes. Oferecer. Bário (s.q.).
11 Coragem. Principiar.

VERTICAIS:

1 Fêmea do javali. Ondas curtas.
2 Termas. Verso.
3 Largo de Lisboa. Cobrir de natas.
4 Esteiro. Indignados.
5 Emaranharas.
6 Basta! Aqui. Vaso com asas.
7 Enganados. Coisa (ant).
8 Seguia. Raer. Cure.
9 Vila e sede de concelho (Lisboa).
10 Patrões. Prefixo que designa ar. Bário (s.q.).
11 Preposição. Por longe.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 542

HORIZONTAIS:

1 A. MULHER.
2 Ivã. Amue.
3 Selada. MAIS.
4 Sonhei.
5 CC. SS. Ois.
6 Aedo. Mr. Cr.
7 Aldeã. AT.
8 Doai Aro
9 Ide Mu. Apó.
10 Dorna Grela.
11 Ar Adoraram.

VERTICAIS:

1 Ais. CÂNDIDA.
2 VENCE. Odor.
3 Mal. Aer.
4 Assoai. Na.
5 Lados. Mad.
6 An. O.
7 HOMEM.Gr.
8 Romeira. Ara
9 MAIS Aper
10 Tui. Carola.
11 ESPERTO.Am.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9402

HORIZONTAIS:

1 Lonim. Lampa.
2 Oc. Negarias.
3 Faón. Ancas.
4 Ora. Andor.
5 Ao. Sisal.
6 Com. Som.
7 Id Cá. Ui!
8 Romanos. Ora.
9 Omo. Trincou
10 Ta! Honrais.
11 Errara. So.

VERTICAIS:

1 Lôfo. Girote.
2 Ocara. Domar.
3 Oaio. Mo.
4 Inn. Cá. Há
5 Me. Cantor.
6 Ganso. Orna.
7 Landim. Sir.
8 Arcos. Nas
9 Miaras. Ócio
10 Pás. Louros
11 As. Miau

Provérbio: A MULHER MAIS CÂNDIDA, VENCE O HOMEM MAIS ESPERTO.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
– Int. men. 13 a.
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.30
– Int. men. 13 a.
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

FESTIVAL DISNEY DE VERÃO
9.ª Semana
– Para Todos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– Int. men. 13 a.
MISSING (DESAPARECIDO)
c/ Jack Lemmon, Sissy Spacek e Melanie Mayron
6.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
RAIVA SILENCIOSA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
JERRY, PRIMEIRO TURISTA NO ESPAÇO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
UM PENDURA DOS DIABOS
Amanhã às 24
A ESTRADA DA MANHÃ

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30 e 21.30
ESPLENDOR NA RELVA
– Int. men. 13 a.
As 24
– N. ac. men. 18 a.
GUERRA AO CRIME

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CARIMBE-ME SR. CARTEIRO
Às 24 – Int. men. 13 a.
O SUPERDIMÂMICO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
AS CONFISSÕES DE WANDA MASOCH
As 24
A FRONTEIRA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DA RAZÃO
Amanhã às 11
OS 12 TRABALHOS DE ASTERIX

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CONAN E OS BÁRBAROS

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A GUERRA DO FOGO
Às 24
A VINGANÇA DE SHAOLIN

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
A ESPADA E O FEITICEIRO

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
UM PENDURA DOS DIABOS
Às 24
SEXO LOUCO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
CONAN E OS BARBAROS
– Int. men. 13 a.

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO
13.ª Semana
Sábado às 24
O EXPRESSO DE CHICAGO

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30 e 21.30 – Para Todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Às 24
TRÊS DIABOS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O DRAGÃO DO LAGO DE FOGO
2.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS ANOS DE CHUMBO
Um filme de Margarethe Von Trotta
Às 23.45
VIOLETE NOZIERE

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS 3 INDOMÁVEIS MALUCOS

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
JUVENTUDE DE UMA RAINHA

ANNEMARIE DURINGER numa cena do filme «A SAUDADE DE VERONIKA VOSS» realizado por FASSBINDER, a exibir brevemente no QUARTETO.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 15, 17, 19, e 21.30
EXIT 7
– Int. men. 13 a.
As 23.30
A TERRA DAS MIL AVENTURAS

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
de Bernardo Bertolucci
As 23.30
A FEBRE SOBE EM EL PAO

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
ATLANTIC CITY, USA
de Louis Malle
Às 23.30
REED, MÉXICO REBELDE

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
As 23.30
O GRANDE ACONTECIMENTO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAMPEÃO DE LOTARIA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

– Int. men. 13 a.
A TURMA DOS MALANDROS
5.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
ROCKY III
c/ Sylvester Stallone e Talia Shire
5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
41.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
27.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
NIJINSKY
Hoje e amanhã as 24
OS COMANDOS DA MORTE

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
ROCKY III
2.ª Semana
Domingo às 11.15
ASTERIX, O GAULÊS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
– N. ac. men. 13 a.
4.ª Semana
As 00.00
Os 39 DEGRAUS

TERMINAL 371570

Estação do Rossio

Às 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
4.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
PORKY'S
Int. men. 13 anos
10.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.30, 18 e 21.30
UNS E... OS OUTROS
– N. ac. men. 13 a.
50.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.30

NIJINSKY
Às 23.45
PARA NÓS É CANJA

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Missing», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Tentação Irresistível», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Marido Ausente, Sexo Presente», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
POLITEAMA – «Raiva Silenciosa» às 21.30 (18 anos)
CITY CINE – «Táxi Driver» às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Célebres e Ricas» às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «O Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos)
PÁTRIA – «O Profissional», as 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Milagre da Fé», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Profissional», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «All That Jazz», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Cães de Ódio», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Guerra Aberta», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Sempre te Amei», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Crime em Campo de Cebolas», 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Calúnia», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Momentos de Glória», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «O Meu Nome é Ninguém», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «O Destino Marca a Hora», às 21.15 (6 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Brigada Anticrime», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «O Primeiro Pecado Mortal», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Francesca, um Amor Impossível», às 21.45 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «O Indomável Rebelde», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Porky's», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Guerra Aberta», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Semente da Inocência» às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Buraco da Agulha», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «A Beleza Fascinante de Roberta» às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Gelado de Limão I», às 21.30 (13 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «Império da Paixão», às 21.30 (18 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA «Casais Infiéis», as 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «O Dragão do Lago de Fogo», às 21.30 (13 anos)
JULIO DINIZ – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Os Cinco Lutadores de Shaolin», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Missing», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Festival Disney de Verão», às 21.30 (6 anos)
BATALHA – «Super Kong», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Conan e os Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «O Irresistível Aventureiro», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «Kramer Contra Kramer», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI – «O Conan e os Bárbaros», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Os Amigos da Onça», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Rocky III», às 21.45 (13 anos)
OLIMPIA – «O Mistério da ilha dos Monstros», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «O Homem da Pistola Dourada», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «Os Repetentes em Férias», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R de Campolide, 11 (T 682610); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av Almirante Gago Coutinho, 49-A (T 892803), **CAMINHOS-DE-FERRO: Alves de Carvalho**, R Vale de Santo António, 7-9 (T 840125) **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 140-B (T 760658), **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara** R Rodrigo Reinel 3-A (T 611814); **PAMPULHA: Infante Santo** R do Olival, 290 (T 661003); **SALDANHA: Saldanha**, Av Praia da Vitória, 53-55 (T 43938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R Passos Manuel, 6-10 (T 570593); **SÃO BENTO - PALÁCIO: São Bento**, R Poiais de São Bento 73 (T 601673); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **ALGÉS: Almeida Nifo**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T 915662); **PONTINHA: Pontinha** E. Santo Elói, lote 4 SE (T. 990220).

PERMANENTE (Amanhã)

ALFAMA: Pereira Sucursal, R Paraíso, 98-100 (T 863224); **ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro**, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T 637070); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T 895370); **CAMPOLIDE -SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T 687475); **ESTEFÂNIA: Morgado Lourenço**, L D Estefânia, 4-5 (T 554808) **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro** Av Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LARGO DA LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A ao 218 da Estrada da Luz; **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real lote 388, cruzamento com Rua Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361), **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **RATO: São Mamede**, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **ALGÉS: Miramar**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **AMADORA: Helénica**, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E Santo Elói, 41-A (T. 992453)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Nova R Elias Garcia, 10 (T 972530) Permanente; **QUELUZ: Gil**, Av Miguel Bombarda, 28 (T 950117) Até às 22 horas, **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capitão (T 2944002) Permanente **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T 2912038) Permanente **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas, **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T 2930391) Permanente; COLARES: Abreja (T 299088).

●

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **CAMARATE: Batalha** (T. 2518669). Até às 19 horas.

Outra banda

ALMADA: Central, R. de Olivença (T. 270504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Piedense, 50-A (T. 2760182). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. Borges Rego (T. 2492324). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiene**, Av. da República (T. 2400020). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta S. Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **SETÚBAL: Bairros**, R. Rodrigues F. da Costa, 27. Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu, 2. Até às 22 horas.

SESIMBRA: Leão, Av da Liberdade, 13 (T 2233471). **AMORA: Nova Amorense**, E Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T 2216824). **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T 2218580) Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R José Joaquim Marques, 142 (T 2310370), **MOITA: União Moitense** Av Dr. Teófilo Braga (T 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão** R Cândido dos Reis, 30 (T 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L António Santos Jorge, 15 (T 234100)

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

GONDARÉM, R. de Gondarém, 360, Foz, **ALBERTO FERREIRA**, R da Estação, 100; **SÃO DINIZ**, R de São Diniz, 428; **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 485; **BATALHA**, P. da Batalha, 26.

COIMBRA

LUCIANO & MATOS, R. da Sofia, 7-11 (T 22147).

teatros

Lisboa

VASCO SANTANA – «A Classe Dominante», às 21.30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «Tempos Difíceis», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
BAIRRO ALTO – «A Gaivota», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei Nem Rock» às 20.30 (18 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (13 anos)
MONUMENTAL – «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – Café Teatro – «Não Fui Eu .. Foram Eles!», às 23.30 (13 anos)

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 185-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas. 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3 34 **3,9 m**	9.07 **1,0 m**
15.47 **4,1 m**	21 27 **0,8 m**
Dia 3	
4 08 **4,0 m**	9.42 **0,9 m**
16.22 **4,2 m**	22.01 **0,8 m**

TEMPERATURA DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	15º
BRAGANÇA	11º
VILA REAL	13º
PORTO	14º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	15º
C. CARVOEIRO	18º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	17º
ÉVORA	18º
BEJA	18º
SAGRES	18º
FARO	22º
P. DELGADA	16º
FUNCHAL	21º

últimas

ANALGÉSICO MATA NA AMÉRICA subindo já a sete o número de pessoas vítimas de envenenamento pelo cianeto contido no produto comerciado com o nome: «Tylenol Extra-fort». O último caso mortal conhecido foi o de uma habitante de Chicago, empregada numa companhia de aviação que tomara apenas uma drageia daquele fármaco e foi encontrada sem vida na casa de banho. Trata-se de uma analgésico sem aspirina fabricada pela «Johnson & Johnson».

MORTE DE UM INSPECTOR DA JUDICIÁRIA vítima de grave doença considerada incurável no hospital de Santa Maria em Lisboa onde se encontrava internado. Joaquim Antunes de Castro, de 60 anos de idade, fizera toda a sua carreira desde agente auxiliar na directoria do Porto daquela Polícia e foi responsável por inúmeras investigações de crimes, alguns de muito impacto público.

ATROPELOU UM MORTO admitem as autoridades policiais que aguardam o resultado da autópsia para eventual confirmação dessa hipótese. A vítima, João Paulo de Oliveira Ramalho, de 20 anos, residia na Rua Bartolomeu Gusmão, na Damaia, e terá sido colhido por um automóvel na estrada Sintra/ Lisboa, próximo da sua residência. No entanto, há razões para crer ter morrido de doença súbita a que não será estranha a epilepsia de que sofria ou estar sob o efeito de um ataque no momento do embate. O motorista de nome Pinto, de 27 anos, aguarda em liberdade a conclusão das investigações.

Amanhã: "Domingueiro" com o "DL"

Fialho Gouveia: "já desapareci no canal da Mancha"

Leitor: amanhã, das dez às treze, não perca o «Domingueiro» e coloque à mão de semear a colecção desta semana do «Diário de Lisboa». Fialho Gouveia, ao leme do mais popular programa da Rádio Comercial, vai começar a fazer perguntas: ler, escrever, contar e o mais que amanhã se saberá, para além de uma entrevista com o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão e de um cacharolete de crónicas e reportagens, tudo ligado por boa música portuguesa.

José Manuel Bastos Fialho Gouveia nasceu no Montijo: a mãe (Cesaltina) era professora primária e o pai (Álvaro) ferroviário em Lisboa. D. Cesaltina cumpriu uma longa via sacra, sempre com o filho ao lado e apenas ao fim-de-semana podendo abraçar o marido. Assim, da Moita passou para o Pinhal Novo e, tinha o garoto três anos, foi de longada até S. João dos Caldeireiros, pequena aldeia perto de Mértola, desprotegida de luz, com a estrada a atolar carros e carretas.

– **Era uma miséria total** (conta hoje Fialho Gouveia). Mas *a gente era muito boa: isso marcou-me muito, passando a devotar sempre uma ternura espantosa pelos alentejanos.*

Seguiu-se, no itinerário da professora primária que era colocada como Deus queria, Caxarias (perto de Vila Nova de Ourém) e, por fim, Alcabideche.

– *Eu andava pelos sete anos. Passei a frequentar a escola primária do Estoril Praia, então colectividade de enorme projecção em vários campos desportivos. Dos mais eclécticos clubes portugueses: em ginástica* (por exemplo) *eu era aluno do prof. Robalo Gouveia.*

«Embora a minha mãe me apoiasse em casa, ajudando a estudar, fez sempre questão de que aprendesse também com outros mestres.

Tinha uma coisa de que muito sempre se orgulhou: só parou de ensinar quando se reformou e nunca teve um aluno reprovado.

Saudoso:

– *Cresci num ambiente de grande amizade: não me lembra de ter visto os meus pais zangados. Se tinham alguma pequena divergência, tudo acabava aos beijinhos. Eram belos pais, um casal muito unido. Da minha mãe, as pessoas de Alcabideche guardam uma bela recordação: fez da escola um brinquinho. Ainda hoje lá está obra dela.*

Rádio, TV

– *Fiz o liceu no D. João de Castro: entrava às oito, tinha de me levantar às seis, lá na nossa casa no Monte Estoril. Completei o 7.º de Ciências, mas comecei a andar com uma malta toda virada para as letras: quis voltar atrás, consegui também completar o curso e entrei na Faculdade de Letras. Um dia colocaram lá um cartaz anunciando concurso para locutores da Rádio Universidade.*

«Eu tinha a mania de falar ao microfone. Uma vez, quando os «Companheiros da Alegria» foram ao Estoril, recitei «O Mostrengo» (de Fernando Pessoa) e ganhei um prémio: cem escudos da mão de Igrejas Caeiro. O meu primeiro «cachet». Ainda tenho lá em casa uma foto em que estou (miúdo de 15 anos) com o Caeiro: eu de samarra, ele com a mão sobre o meu ombro..

«Bem: concorri à Rádio Universidade e fui aprovado. Estava lá há uns anos quando começou a Televisão. O dr. Caetano de Carvalho (era funcionário na TV e também director da Rádio Universidade) veio um dia dizer-nos que estava aberta vaga para novos locutores na RTP, porque os «famosos», com «tarimba», iam fazer programas especiais e era preciso malta nova para os noticiários. Atirei-me: não acreditava naquilo mas sempre fui. Fiz as primeiras provas bestialmente bem, talvez porque estava completamente desinibido. O actor Jaime Santos e o realizador Rui Ferrão eram os examinadores. Uns dias depois fui chamado a um cubículo na Rua Vale do Pereiro, onde estava a sede da RTP e onde o Manuel Figueira organizava o sector da Informação. Eu tinha 21/22 anos.

Disse-me o Manuel Figueira:

«Você fez boas provas: melhores só há de um rapaz que nunca foi locutor na vida, está a estudar, é de família modesta e tem dificuldades. Ele quer arranjar um emprego: inscreveu-se para qualquer coisa e acabou por tentar a locução. É hoje o doutor Gomes Ferreira.

«Fui à 2.ª eliminatória: estive malzinho, mas fui escolhido. Num concurso à pressão feito em 1957. Era preciso inaugurar a TV a tempo de fazer a reportagem da visita da Rainha de Inglaterra a Portugal. Arranjou-se pessoal à pressa, tudo foi feito no joelho. E eu costumo dizer que a grande culpada por a RTP nunca ter sido uma empresa estruturada e bem organizada foi a Rainha de Inglaterra.

Fialho Gouveia continua a lembrar:

– *Quando a rainha se foi embora, ficou tudo atordoado: cada dia fazia-se um programa para o dia seguinte. Era uma fogueira, porque não havia o mínimo de programação, nada na gaveta. Tudo era inventado. Cada director de programas que foi entrando, longe de estruturar a programação para um ano, logo ficou apenas preocupado com o dia que corria. Uma herança dramática de que nunca mais se recuperou. Repito: a grande culpada disto foi a rainha de Inglaterra, não é a Maria Elisa.*

Casamento com a «menina bonita»

«Nuno Fradique, Arnaut Pombeiro, Arménio Duarte Silva, Manuel Caetano: era uma equipa muito amiga. Quero aqui destacar a injustiça do saneamento do Nanuel Caetano, só porque era irmão do Marcelo Caetano: ora ele nunca se valeu do nome do mano, entrou por concurso para a TV, teve sempre as melhores relações com toda a gente, desde o porteiro ao director. Estava nas «Produções Lança Moreira» e fez o mesmo concurso que eu fiz: acabaram por cometer uma vergonha para com ele, apenas por ser filho do pai, irmão do irmão. Igualmente injustos foram outros saneamentos: do Henrique Mendes, por exemplo.

Fialho volta atrás.

«Apareceu então a Maria Helena Varela Santos: namorámos, casámos em 1959, o nosso filho (Paulo Jorge) nasceu em 60, a menina (Maria João veio um ano depois). Agora, do meu segundo casamento tenho outro rapaz; José Eduardo, com quatro anos.

Benfiquista e estorilista, Fialho Gouveia nunca fez relatos de futebol porque tem dificuldade em ver ao longe. O filho mais pequeno tem opção desportista diferente: Benfica e Sporting, está sempre satisfeito. Mas voltando à história: apareceu Paulo Cardoso, *«um louco cheio de talento»* e o Fialho tornou-se uma voz imprescindível no «Diário do Ar», equipa que *fez miséria* com histórias e mais histórias, que vão desde o *«desaparecimento»* de Fialho Gouveia no Canal da Mancha (quando cobria a travessia pelo Primo Ferreira até à feliz associação com Raul Solnado e Carlos Cruz, responsável pelos mais belos momentos-TV de diferentes temporadas. Páginas que ficam para recordar, enquanto o leitor do «DL» liga para a Rádio Comercial e espera que, em «Domingueiro», surja a voz de Fialho Gouveia.

Neves de Sousa

«Fui engolido pelas águas do canal da Mancha»

7 NOVEMBRO NA URSS
Viagens Especiais para Jovens
OPORTUNIDADE ÚNICA!
MOSCOVO • LENINEGRADO
Partida a 2/11
Alojamento em hotel
em regime de pensão completa
1 semana — 39 000$00
2 semanas — 45 500$00
Visitas turísticas, culturais e espectáculo
CONSULTE-NOS:
GITUS GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL
Av da Liberdade, 73-3.º Dt.º 1200 Lisboa • Tel: 32 00 70-32 05 56-36 43 03
Rua Santa Catarina, 922-1.º 4000 Porto • Tel. 31 34 96
Rua António Granjo, 6 3000 Coimbra • Tel. 29938

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 2 DE OUTUBRO DE 1982

A ORDEM CLASSIFICATÓRIA CENSURANTE

À margem da nova classificação moral dos espectáculos

A classificação moral dos espectáculos é certamente boa para a ordem social vigente. É que o problema não é saber se é boa ou má, mas compreender a ordem em que se insere, quais os seus princípios e mecanismos.

O princípio fundamental da ordem social censurante consiste antes de mais, em proibir ao jovem ver aquilo que o adulto deseja ver. É por conseguinte a ordem da articulação do desejo e do interdito em função de um tipo moderno de racionalidade que passa pela institucionalização de classes de idade.

Trata-se exactamente da mesma lógica que rege a economia política instaurada pela burgesia mercantil e industrial: tem de se proibir hoje ao jovem a fruição do objecto do seu desejo para que ele continue a desejá-lo amanhã. Tal como o capitalista é aquele que sabe privar-se hoje para investir amanhã, para capitalizar.

Este princípio fundamental assenta em três ideias dominantes. Em primeiro lugar, na ideia de que só existe aquilo que é classificado, socialmente ordenado. Depois da classificação do reino vegetal e animal, depois da classificação das doenças e das perversões, depois da divisão dos bens em múltiplas e cada vez mais complexas hierarquias funcionais, chegou a vez da classificação da ordem do desejo: há hoje um desejo infantil, um desejo adolescente, um desejo adulto. Assim, nada escapa hoje à marcação da ordem, catalogada pelo sistema burguês, não fosse a Estatística a ciência por excelência do Estado. É o princípio da racionalidade numérica moderna universal. Ao contrário da ordem fascista, cujo princípio assenta na vontade do déspota, a ordem democrática é legitimada pela racionalidade classificatória, com a complicidade activa das «disciplinas» progressistas modernas.

Em segundo lugar, na ideia de que existe um escalonamento temporal, etário, no acesso à fruição do desejo, ou melhor, ao seu espectáculo, à ordem simbólica, à linguagem.

Por último, na ideia de que, com os anos, a compensação simbólica das frustrações, nomeadamente pela sua encenação perversa de que se encarregam as máquinas industriais de comunicação, deixa de ser perturbadora para a ordem social. É o que traduz a ideia de que a partir de determinada idade nada faz mal.

A este princípio da divisão etária do desejo e do seu espectáculo correspondem os mecanismos da ordem censurante democrática. Eles incidem, não sobre a violência física, as brutalidades, o «sangue» nem sobre as perversões sexuais, como pretendem os censores, mas sobre o seu espectáculo. Trata-se de interditar o ver e não o fazer. Não é aliás a participação de crianças em cenas perversas de películas cinematográficas que é proibida mas o seu espectáculo.

Ao fim e ao cabo, a classificação moral dos espectáculos é uma espécie de máquina industrial de marcação dos indivíduos com os estígmas da ordem repressora colectiva. O seu funcionamento é um perfeito decalque do funcioamento do sistema industrial, transferindo para o campo do desejo os mesmos princípios que regem a economia política moderna. Acenando com a miragem do objecto de desejo e simultaneamente proibindo a sua fruição, tal como a publicidade e a vitrine dos centros comerciais, a instituição moral da classificação dos espectáculos reproduz eficazmente a ordem social moderna. Relança constantemente a frustração, alimentada pela miragem, pelo espectáculo do seu desejo, reproduzindo-o e fazendo-o circular indefinidamente no seio do mercado dos bens simbólicos, máquina de gestão racional da economia libidinal.

Adriano Duarte Rodrigues *

* Professor, responsável do Departamento de Comunicação Social da UNL

Há um povo bretão?

Um perdão

«EU sei que existe um povo argelino... Há um povo bretão?» No momento em que o «gwenn a du» — branco e negro, cores da bandeira bretã — flutua nas fileiras dos manifestantes camponeses e operários, em que os independentistas afirmam que a Bretanha, unida pela sua língua, a sua maneira de viver e a sua história é uma nação, à falta de ser um Estado, em que as gaitas de foles marcam o ritmo da «resistência» no seu som esganiçado, em que os bretões vigiam ciosamente as suas dunas e os seus calvários, a interrogação de René Le Corre cai como uma pedra num charco.

Ele é bretão. E «como não o ser naturalmente» quando se nasceu há cinquenta anos, junto destes calvários, quando se mediu o crescimento por estas bitolas de pedra cinzenta, quando se viveu numa paróquia e não numa comuna, quando se viu o mar no momento do perdão na capela de Pen-Nors e se percorreu, milhares de vezes, os caminhos da região?

Depois vieram as «diferenças». As primeiras, seguramente não tinham importância. A escola laica, batizada «a escola do diabo», pelo reitor Leonard que a tinha excomungado ao mesmo tempo que excomungara o salão de dança. A chegada da electricidade e do telefone, que modificaram a escala das relações humanas, não era mais, no fim, do que «a espuma dos dias; o essencial continuou estacionário». Mas «as civilizações são mortais». Elas morrem estupidamente, insidiosamente, de uma bomba de gasolina que surge um dia ao lado da velha padaria, de um parque de estacionamento que estendeu o seu espaço para o do campo do visinho, do cemitério que abandona a sombra da torre, do supermercado que se foi instalar no terreiro onde se jogava à malha, da lucarna aberta para um outro mundo, para outros universos, a televisão.

E depois, um dia, é a «rutura». A força de observar os sintomas é necessário fazer o diagnóstico. O bloco rural unido, a sociedade bretã secular, está em desagregação. Enquanto as crianças da Segunda Guerra Mundial iam crescendo, os camponeses abandonaram a policultura. A soja dos Estados Unidos substituía a luzerna bretã, o tractor individual uniformizava uma paisagem plana, as ondas do mar vinham lamber o bretão das cidadezinhas de fé-

Continua na pág. 7

NO Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luís da Câmara Cascudo (1962), no artigo dedicado às sombras lê-se: «para os romanos **umbra** era a sombra e alma; mundo das sombras, sombra dos mortos». Mais à frente recomenda-se: «não se deve pisar uma sombra» e trata-a como «crendice espalhada por quase toda a Europa».

«Quem brinca com a sombra s'assombra» lá diz o ditado. Câmara Cascudo assinala que sombra «é, às vezes, a forma escolhida pelas almas para desincumbir-se de alguma missão maléfica, aviso aos vivos».

As sombras, medos, gravultos e avejões ou ainda luzinhas são dados como representando algo de sobrenatural que não podemos controlar, um pouco por todo o país etnográfico. As almas do outro mundo «aparecem a determinada pessoa de família do respectivo defunto para lhe pedirem que vá 'pagar uma promessa' feita a Deus ou aos santos — promessa que em vida não foi cumprida e em consequência do que essa **alma** anda penando, sem ter entrada no céu enquanto outra ama caridosa não pagar por ela a promessa feita», escreveu, como exemplo que pode servir para outras regiões, Joaquim Roque, em «Alentejo cem por cento» (1940).

As almas, ou diabretes como são conhecidas noutras regiões, podem, entre outras coisas atentar contra a paciência dos vivos fazendo desaparecer objectos. No mesmo livro relata-se como se deve proceder para os reaver, no caso de ter sido um vivo que o desviou. «Para aparecer qual-

Continua na pág. 5

Cinema

A TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO
de Bernardo Bertolucci
(Itália - 1981)

Esta semana **A tragédia de um homem ridículo** esteve prestes a saltar. Ainda bem que o distribuidor e o exibidor não queimaram este Bertolucci por causa de meros compromissos contratuais de **Noites escaldantes.** O que quer dizer que o público vai poder continuar a admirar o filme que relança Bertolucci para um plano que já não tinha desde **A estratégia da aranha.**
Cinema Quarteto — sala 4
(14, 16.30, 19, 21.15 e 23.30 h.)
(interdido a men. 13 anos)

ESPLENDOR NA RELVA
de Elia Kazan
(USA - 1961)

O desejo, a sua repressão, a tristeza de uma normalização sem futuro. Kazan a fazer de Natalie Wood uma actriz, por um filme, inesquecível.
Cinema Cine 222
(14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
(interdido a men. 13 anos)

TAXI DRIVER
de Martin Scorsese
(USA - 1976)

A fascização de um cidadão anónimo que, um dia, resolve «limpar a cidade». Escrito por Schrader, dirigido por Scorsese, com De Niro e Jodie Foster (que será feito desta actriz fulgurante?).
Cinema City Cine
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.)
(interdido a men. 18 anos)

Barbara Sukowa (à esq.), Jutta Lampe e Rudiger Vogler em «Anos de chumbo»

A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
de Karel Reisz
(GB - 1981)

Duas histórias de amor, perca, reencontro (ou não) num filme hábil que revisita o romantismo. Com Meryl Streep, agora incontestadamente considerada uma actriz de primeira água.

Cinema S. Jorge 2
(14, 16.30, 19 e 21.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

ANOS DE CHUMBO
de Margarethe von Trotta
(RFA - 1981)

Num ano que se adivinha pródigo para o cinema alemão (filmes de Fassbinder, Wenders e Schlondorff estão nas listas das distribuidoras para a temporada 82/83), Margarethe von Trotta abre as hostilidades, e bem.

Anos de chumbo é um filme agreste, espelho de uma Alemanha cheia de culpa, cinzento e violência, com todos os lutos por fazer. Com duas actrizes a admirar: Barbara Sukowa e Jutta Lampe.

Cinema Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

MISSING
de Costa-Gavras
(USA - 1982)

O cinema americano depurou Costa-Gavras. O resultado é um filme intenso e eficaz centrado no Chile dos dias sequentes ao **putsch** fascista que os americanos fabricaram.
Cinemas Alfa 3 e Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.)
(não acons. men. 18 anos)

OS AMIGOS DA ONÇA
de Billy Wilder
(USA - 1981)

Uma comédia ironicamente amoral onde a dupla Walter Matthau / Jack Lemmon volta a ser dirigida por Billy Wilder. Não é o seu melhor filme mas prova que o velho mestre ainda aí está para as curvas.
Cinema ABCine — sala A
(14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 h.)
(interdito a men. 13 anos)

AS ESTRELAS

A tragédia de um homem ridículo	★★★★
Esplendor na relva	★★★★
Taxi driver	★★★★
A amante do tenente francês	★★★★
Anos de chumbo	★★★
Missing	★★★
Os amigos da onça	★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
Reds	★★★
Noites escaldantes	★
Uns e... os outros	★
Porta de saída	●
Rocky III	●

A «CHAVE»

★★★★ — **Excepcional**
★★★ — **Bom**
★★ — **Interessante**
★ — **Desinteressante**
● — **A evitar**

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
de Steven Spielberg
(USA - 1981)

Na calha para o Alfa 2 estavam (estão) Eisenstein, Orson Welles, preciosidades da RKO. Mas **Os salteadores da arca perdida** teimam em ocupar a sala com uma afluência de público que ninguém sabe prever quando parará. E Spielberg vai voltar à carga, para o Natal, com **E. T.**
Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

REDS
de Warren Beatty
(USA - 1981)

Apesar de ser uma superprodução, julgo que não estaria nas previsões de ninguém o sucesso que **Reds** está a obter. Sucesso merecido, apesar do filme não ter, por vezes, nervo para o assunto que tem em mira. Mas só por Diane Keaton já o êxito se justificaria.
Cinema S. Jorge 3
(13.45, 17.30 e 21.15 h.)
(não acons. men. 13 anos)

NOITES ESCALDANTES
de Lawrence Kasdan
(USA - 1981)

Ver crítica neste **7.7**
Cinemas Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h.)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(não acons. men. 18 anos).

"Noites escaldantes" de Lawrence Kasdan

Não é possível falar deste filme sem falar de outros? Sem dizer que Kasdan é o argumentista de **Os salteadores da arca perdida?** Sem lembrar o **filme negro** dos anos 40 e a literatura a ele associada? Quer dizer, não é possível estar com **Noites escaldantes** sem, de imediato, o referenciar a uma memória que temos do cinema?

Creio bem que assim é. E quem viu **Os salteadores da arca perdida** e entendeu nele um vector cinéfilo e perverso, pode inferir o que Kasdan fez do velho tema deste filme: uma mulher fatal que se envolve em paixão por um homem, planeando ambos a morte do marido, sempre mais velho e desgostante. Aqui, a mulher revela-se como manipuladora do homem apaixonado, usando o sexo como engodo e reforçando o adjectivo «fatal» com que se caracteriza. Mas essa premeditação também não é nova, quantas mulheres vampirizaram os companheiros de luxúria no cinema e na literatura? Em suma, Kasdan filma uma história já vista e quer, explicitamente, remeter para a memória.

É claro que o não faz anunciando a morte, a revivificação do cinema clássico (e nisso se afasta de dois filmes recentes, fatalmente a chamar a este texto: **Chinatown** e, sobretudo, **O carteiro toca sempre duas vezes**). Pelo contrário, **Noites escaldantes** escolhe um tema clássico para, formalmente, lhe dar um tratamento dito «moderno».

E assimila **modernidade** a insólitos ângulos de filmagem, a desusados movimentos de câmara que, longe de contribuirem para adensar a acção, começam a funcionar como elementos de dispersão. Como a beleza formal deste filme é parca, como o ponto de vista sobre a história é sem surpresas, o resultado desse **new look** é irrisório.

Aliás há um qualificativo que me ocorre insistentemente para dar a esta estreia de Kasdan como realizador: é um filme bimbo. Conta-nos coisas convencionais como se estivesse a dizê-lo pela primeira vez, em modernaço. Quer que a gente se lembre de Lauren Bacall e não arranja melhor que Kathleen Turner que não tem qualquer aura, que não é uma mulher **racée** mas que se despe e gorgoleja. A gente até percebe que o rapaz da fita a quisesse «comer», não entende é que ela o tivesse levado ao desvario: é que há uma enorme distância entre uma fêmea apetecível e uma mulher vertiginosa.

Contra luz em cena de amor e tal e tal e tal: nada de novo em Noites escaldantes **(na foto: William Hurt e Kathleen Turner)**

E já que falamos do rapaz da fita, refira-se que William Hurt compõe eficazmente o personagem, com a parcimónia e a impenetrabilidade que convêm ao obscuro advogado de província que vai à lã e acaba tosquiado. De resto, se descontarmos Kathleen Turner, sem pedalada para a mulher fatal que devia ser, os actores são uma das poucas coisas a tornar o filme visível.

Alguma crítica americana revelou, em **Noites escaldantes,** a capacidade de Kasdan em criar um clima. Assim parece, a quem tiver visto uma ou duas bobines do filme: arranca bem, engrena no espapaçante calor da Florida, desemboca nos primeiros amplexos de paixão e depois perde-se. Todos os **leit motivs** pacientemente organizados na primeira meia-hora (o calor, os carrilhões chineses, o cio) desaparecem assim que a volúpia da morte acontece. E, cedendo ao convencionalismo bonitinho, lá estão os dourados fotográficos no intimismo sexual, lá está o descabelado (e, já que o puseram, desaproveitado) nevoeiro na noite do crime.

Desilusão? É claro.

FICHA:
Título original: Body heat.
Realização e argumento: Lawrence Kasdan (USA-1981).
Fotografia: Richard H. Kline.
Cenários: Bill Kenney **(production designer),** Rick T. Gentz **(set director).**
Música: John Barry.
Montagem: Carol Littleton.
Interpretação: William Hurt **(Ned Racine),** Kathleen Turner **(Matty Walker),** Richard Crenna **(Edmund Walker),** Ted Danson **(Peter Lowenstein),** J.A. Preston **(Oscar Grace),** etc.
Distribuição em Portugal: Columbia/Warner.
Cinemas: Quarteto e Terminal.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.
Duração: 118 minutos.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

VIEGAS, MÁRIO — actor

António Mário Lopes Pereira Viegas nasceu em Santarém, a 10 de Novembro de 1948.

Inicia-se no Teatro Amador no Círculo Cultural Scalabitano, em 1965, onde faz «Trágico à força» de Tchekov.

Vem para Lisboa, em 1966, onde frequenta a Faculdade de Letras e o Conservatório Nacional. Em 1967, integrado no Teatro Universitário de Lisboa, encena e interpreta, no Colégio Universitário Pio XII, «O meu caso» de José Régio.

Mário Viegas

Não chega a completar o curso do Conservatório porque, entretanto, se estreita como profissional no Teatro Experimental de Cascais, o que era interdito aos alunos daquele estabelecimento de ensino. Foi em 1968 e, nesse ano, faz no TEC, sob a direcção de Carlos Avilez, «O comissário da polícia» de Gervásio Lobato, «Auto de Mofina Mendes» de Gil Vicente e «D. Quixote» de Yves Jamiaque.

Em 1969 vai para o Porto, para a Faculdade de Letras, ingressando no Teatro Universitário do Porto onde, com encenações de Correia Alves, faz «Fuenteovejuna» de Lope de Vega, «A excepção e a regra» de Brecht e «Oração» de F. Arrabal. Ainda em 1969, grava o seu primeiro disco como declamador.

Em 1970 regressa ao TEC: «Antepassados, vendem-se» de Joaquim Paço d'Arcos, «A maçã» de Jack Gelber, «Um chapéu de palha de Itália» de Labiche, «Auto da barca do Inferno» de Gil Vicente, «Sotoba Komashi» de Ykio Mishima e «Breve sumário da História de Deus» de Gil Vicente, são as peças desse ano, todas com encenação de C. Avilez.

Em 1971, ainda no TEC, faz «A maluquinha de Arroios» de André Brun, «Ivone, princesa de Borgonha» de W. Gombrowicz, sendo ainda autor (com Águeda Sena) da colagem de textos «Sinfonia dos Salmos».

Ainda em 1971 ingressa no serviço militar e a sua carreira teatral sofre um refluxo até 1975. Ao invés, é como declamador que o seu nome, começa a ser bastante conhecido. Nesse período grava quatro L.P., participa no programa televisivo «Disco e daquilo» (em 1973/74) onde, sob várias figuras humorísticas, partia inúmeros discos do nacional-cançonetismo e ainda tem tempo para fazer «Oh papá, pobre papá, a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste» de Arthur Kopit (enc. João Lourenço), na Casa da Comédia, em 1973. No ano seguinte é fundador do Grupo de Teatro Feira da Ladra, tendo traduzido e trabalhado em «Eva Perón» de Copi, que nunca estreou publicamente por pressões diplomáticas.

Mário Viegas, coroado, em «O rei das Berlengas»

Em 1975 inicia-se no cinema. Apesar de ser elemento fundador de A Barraca, em 1976 está no Grupo de Teatro Hoje onde faz «Os amantes pueris» de F. Cromelynk e « O equívoco» de Albert Camus, ambos dirigidos por Gastão Cruz. É nesse ano que começa a fazer rádio com assiduidade (quer como declamador, quer em folhetins). Co-autor e intérprete (com Artur Semedo) da série televisiva **Ninguém,** de que só será emitido um episódio, é, ainda em 1976 (e 1977), co-autor e intérprete da série de programas infantis «Peço a palavra», na RTP.

Em 1977 frequenta o Curso de Actres e Dramaturgia ministrado por Augusto Boal e começa a trabalhar na Barraca. Aí faz, sucessivamente: 1977 — «Histórias de fidalgotes e alcoviteiras» (dramaturgia e encenação de Hélder Costa sobre textos de Ruzante e Gil Vicente), «Barraca conta Tiradentes» de A. Boal e Gianfrancesco Guarnieri (enc. A. Boal), «Ao qu'isto chegou» (enc. A Boal de **sketches** e canções escritos por três dezenas de autores portugueses); 1978 — «Zé do Telhado» de Hélder Costa (enc. A. Boal); 1979 — «D. João VI» de Hélder Costa (enc. do autor).

Entretanto, em 1978, inicia na RDP, com Júlio Isidro, um programa semanal de divulgação de poesia portuguesa, «Palavras ditas», que ainda mantém.

Em 1980, para além de interpretar «Baal» de B. Brecht (enc. in à João Lourenço), no Teatro da Trindade, é responsável por um programa diário, na Rádio Comercial, sobre a obra de Luís de Camões.

Em 1982 é um dos fundadores do Novo Grupo de Teatro que, sediado no Teatro Aberto, se prepara para levar à cena «O suicidiário» de Nicolai Erdman, em encenação de João Lourenço.

DISCOGRAFIA: «Mário Viegas diz poemas», Orfeu, ATEP 6331 (1969); «Palavras ditas», Orfeu, STAT 011 (1972); «A invenção do amor», Orfeu, STAT 016 (1973); «País de Abril», Orfeu, STAT 021 (1974); «O operário em construção», Orfeu, ATEP 6593 (1975); «O operário em construção e três poemas de Brecht», Orfeu, STAT 091 (1975); «Três poemas de amor, ódio e alguma amargura», Orfeu, STAT 037 (1976); «Pretextos para dizer», Orfeu, STAT 066 (1978); «Humores», Orfeu, STAT 100 (1980).

Mário Viegas colaborou ainda em «Lisboémia» de Júlio Pereira (1978), «Marginal» de Luís Cília e «Meu amor pequenino» (texto de António Botto) com Shila e Sérgio Godinho (1981).

FILMOGRAFIA: O funeral do patrão de Eduardo Geada (1975); **O rei das Berlengas** de Artur Semedo (1975/76); **Ninguém,** série TV de A. Semedo (1976); **Kilas, o mau da fita** de José Fonseca e Costa (1977/79); **A culpa** de António Victorino d'Almeida (1979); **Sem sombra de pecado** de José Fonseca e Costa (1982); **Azul, azul** de José de Sá Caetano (1982).

Mário Viegas começou a ser conhecido como declamador, rompendo com as tradições de João Villaret e impondo-se como o grande **diseur** de poesia, em Portugal, nos anos 70.

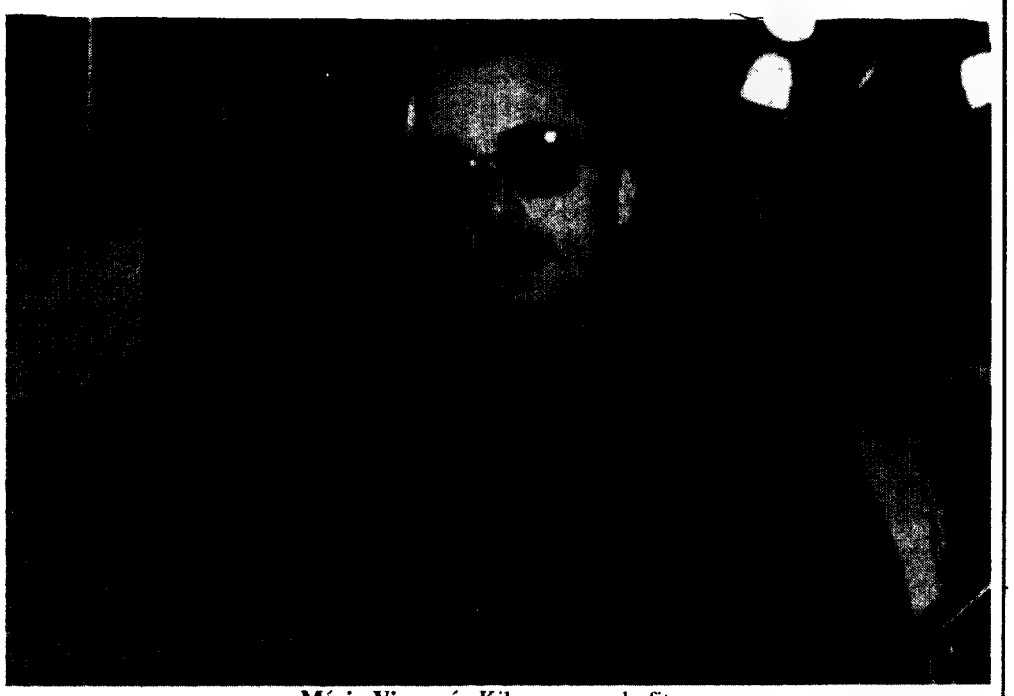
A televisão deu-lhe uma mão forte na popularidade («Disco e daquilo»), o teatro também (sobretudo «D. João VI») mas o cinema não lhe foi avaro, apesar dos apenas quatro filmes já exibidos em que entrou.

Actor monopolístico (quando está em cena é impossível ignorá-lo e difícil reparar no trabalho dos outros) tem uma força que, quando controlada, é do mais intenso que tem passado pelos recentes filmes portugueses.

É o que acontece em **Kilas, o mau da fita,** o histórico sucesso de Fonseca e Costa que muito repousa no trabalho de Mário Viegas. É o que não acontece, com frequência, em **O rei das Berlengas,** onde Viegas é desigual (da extrema contensão — vejam-se as excelentes cenas do manicómio — ao desbragamento). Mas já em **O funeral do patrão** ele mostrara inteligência dramática (nesse filme falhado é o único — com Artur Semedo — que entende o tom devido). Mas em **A culpa,** num ingrato papel, ele avizinha-se do personagem mas não o domina.

É um actor capaz do melhor. É lícito esperar muito do seu trabalho em **Sem sombra de pecado,** de novo protagonista de Fonseca e Costa num filme em tom diverso do **Kilas.**

Mário Viegas ladeado por Orlando Costa (à esq.) e Luís Lello em «O funeral do patrão»



Mário Viegas é «Kilas, o mau da fita»

X — Religião e ideia d

A modernidade, baseando-se na razão, acreditou na morte de Deus. Mas a ideia do infinito permanece no homem. Uma ideia que se exprime melhor na relação com o próximo.

Nas religiões do mundo moderno, as Escrituras, a liturgia, as regras de uma certa conduta e as normas de uma certa sensibilidade, pretendem repetir, mas também explicitar e renovar a extraordinária conjunção do homem finito e mortal com um Deus infinito e «absolutamente outro». O que se denomina de sagrado, pode ter sido a experiência inaugural que interrompeu a ordem da vida natural regulada pelo simples bom senso. Ela teria estabelcido entre Deus e os homens relações exaltantes.

Emmanuel Levinas

MAS qual é o fundo espiritual desta conjunção? Uma nova dignidade teria sido conferida à vida do animal racional, perseverando na sua existência. Descobrir que esta perseverança, em si mesma, não é ainda uma razão de ser, que lhe falta ainda sentido e justificação, é sem dúvida um momento importante, em que a vida pura e simples apenas desperta no humano, e onde pode ter começado uma espera de Deus.

Mas o reencontro com Deus, não é ainda da ordem do conhecimento? As Escrituras não transmitem o conteúdo de uma revelação? Saber que ultrapassa a medida dos pensamentos naturais, dom gracioso da fé, já testemunha um amor. Crenças religiosas: semântica sobre-humana que se incrusta nas ideias e nas palavras da criatura, exigindo exegese e, deste modo, um aprofundamento incessante. Sabedoria inspirada. É convocada ao mais alto destino: pode alimentar um discurso ao qual, numa civilização, todos os outros discursos se submetem. Insistamos no carácter inspirado desta sabedoria soberana. Inspiração, como fonte de sabedoria, eis, possivelmente, uma definição de religião.

O que se procura e afirma desde a Antiguidade Grega no nosso mundo ocidental, é um outro saber, desejoso igualmente do sentido, mas decididamente não inspirado. A filosofia e as ciências que dele saíram progressivamente, assentam na razão, na experiência e na evidência. Mas será suficiente dizer isto? O que é verdadeiramente racional na filosofia ocidental e na ciência, talvez se caracterize pelo facto de começar mais em baixo, no «bom senso» que, antes de qualquer especulação e metodologia, ilumina os gestos elementares, mas judiciosos, da vida e dos interesses imediatos de cada um.

Claro que distinguir o verdadeiro do falso não é ainda estar de imediato liberto de opiniões vãs. As ideias a que o bom senso se liga, podem ser à partida relativas, subjectivas e limitadas, mas a sua luz natural deixa-os voltarem-se contra as suas próprias sombras, permitindo-lhes depurarem-se até aos rigores da crítica filosófica, da plena consciência de si, e das ciências físico-matemáticas. Preferindo o que podia ser «**fruto do estudo**» aos «**dons do espírito**», mantendo uma reserva em relação a tudo o que está «**acima da nossa inteligência**», esperando «**mais verdade no raciocínio que cada um faz relativamente aos temas que lhe interessam**» do que «**aqueles que fazem os homens de letras... acerca de especulações...**», Descartes, no «**Discurso do Método**» apelava «**ao bom senso, a coisa mais bem partilhada do mundo**», como base do saber.

E três séculos mais tarde, o filósofo Edmond Husserl, que se pretende a vários títulos cartesiano, e volta a estar preocupado com as bases do saber humano, ter-nos-á convidado, para fixar o estatuto das ciências, a subir — ou a descer — até às humildes origens da razão no «**mundo da vida**», onde se executam os movimentos ditos elementares, onde se move, onde se cresce, onde se produz e onde nos orientamos nos locais que habitamos, sem nos importarmos com a geometria euclidiana; onde os pensamentos abstractos do físico estão ainda associados ao saber-fazer das suas mãos, que no laboratório manipulam aparelhos, como se se tratasse de objectos de utilização corrente. «**As ciências como totalidade de uma teoria assentam, escreve Husserl, no mundo da vida e das evidências originais que lhe pertencem**».

Mas o pensamento que se eleva ao saber científico, sem admitir mais do que o que for adquirido na limpidez do bom senso, acede também a uma sabedoria prometida às mais altas intâncias da cultura. Determina um discurso ao qual todos os outros discursos têm contas a prestar: a filosofia, como saber universal, decide da razoabilidade e da seriedade. Sabedoria não inspirada: pôde-se por vezes defini-la, com razão e um pouco brutalmente, pelo ateísmo.

Ateísmo que pode, no entanto, ele próprio, mas por via dedutiva — legítima ou errada — elevar-se a Deus, sem trair em momento algum, a sua filosofia.

Mas não atinge, deste modo, mais do que o famoso Deus dos filósofos, que Jehuda Halévy — no século XII — e Pascal — no século XVII — distinguiam do Deus revelado — do Deus de Abrãao, Isaac e Jacob — e que um Martin Heidegger, no século XX, reconhecia ainda como aquele perante o qual não é possível «**cair de joelhos, muito temeroso, ou tocar instrumentos, cantar e dançar**». Deus, situado num sistema intelectual por um pensamento que progride de razão em razão, tal como um saber mais crítico não se distingue de qualquer irregularidade, na progressão em direcção a esse Deus não religioso.

Morte da fé e culto da arte

A distinção de Pascal é rigorosa? O «fideísmo» religioso, consciente da sua autonomia, poder encerrar-se no saber da razão? A longa história da **fides quaerens intellectum** não será a secreta homenagem prestada pela religião ao ateísmo? Ela sempre esteve obcecada pela razão, e desde muito cedo, na sua teologia, «**invadida por Platão e Aristóteles**», segundo a expressão de Heidegger. As lições da Sagrada Escritura não lhe bastam. A espiritualidade europeia, através do seu devir, traduziria esta interferência das duas sabedorias, caminhando sempre no mesmo sentido.

O fim das «**provas da existência de Deus**» — acontecimento da **Crítica da Razão Pura** — já abalava a teologia tradicional. O prestígio do racionalismo filosófico, enriquecido pelo brilhante desenvolvimento da ciência, que desde o Renascimento alastrou a todas as regiões do pensável — das matemáticas às relações humanas — põe progressivamente em causa os fundamentos do saber religioso.

A contestação, desde Galileu, da cosmologia da Génesis, talvez só perturbe hoje a fé de liceais, mas a de adolescentes menos jovens pode ainda ser abalada pela crítica histórica e filosófica que investe contra a autoridade da «verdade eterna» das Escrituras, aliás relativa às diferentes épocas. Eles nem sempre são levados a admitir a unidade da mensagem inspirada se acomoda à dispersão histórica dos mensageiros (cujo acordo, no entanto, poderia parecer tanto mais impressionante!).

Mas eis que o progresso das ciências humanas e a importância da ideia do condicionamento acreditam a noção de ideologia. Ela põe em causa a própria ideia de religião, cujas verdadeiras intenções podem ser dissimuladas perante os fiéis. Nenhuma sinceridade seria capaz de voltar a testemunhá-lo. Nenhum pensamento, excepto o científico, volta a estar seguro da sua inspiração. Eis, finalmente, a contestação da própria ideia de absoluto, do que os filósofos chamam a transcendência de Deus. A ideia de exterioridade absoluta — da transcendência — não será uma simples hipérbole de distância empírica, um superlativo, um exagero?

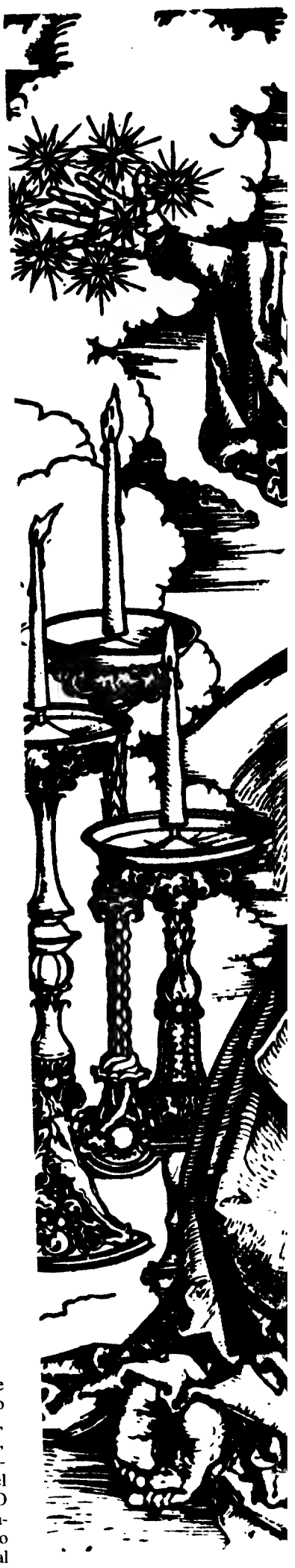
É certamente um dos momentos essenciais da «modernidade», esta subordinação total do fideismo religioso ao rigor filosófico, tal como se constitui na história do Ocidente a partir das ciências saídas dela, tal como se instaura, identificando pensamento e saber. Subordinação certamente imputável ao próprio desenvolvimento da sociedade industrial, filha das técnicas científicas, mas atribuível também a noções sobre o inteligível e o sensato — à prioridade espiritual atribuída ao saber.

A fórmula nietzschiana sobre a morte de Deus atesta o fim de uma certa sabedoria religiosa ou, pelo menos, a sua má consciência perante a filosofia, como se — apesar da profundidade e da seriedade da vivência religiosa de hoje, a eminência pessoal de crentes e, provavelmente, a importância efectiva do seu número — fosse refúgio de marginais, de «pensadores religiosos» que não são filósofos, ou mesmo de espíritos maliciosos, cujos interesses fossem servidos pela religião. Pensamento que se diz, com compunção «impensável», linguagem caduca. O lugar deixado vago por esta morte ou por esta reforma de Deus, colmata-se nas almas pelos excessos do divertimento, no sentido pascaliano do termo: pelo espectáculo porfiado, jogos e desportos competitivos, mas também pelo culto da arte ou pela actividade intelectual da própria ciência, onde a perspectiva, o desinteresse, a piedade da verdade e do belo, e as virtudes morais que o acompanham, assumem um estilo religioso.

Mundo moderno que não pode ser julgado com ligeireza, por causa da sua liberdade, mesmo se as técnicas — materiais e políticas — decorrentes dos saberes que tudo tornam possível, parecem indicar que tudo é permitido; mesmo se, perante este triunfo do saber capaz de envolver e dominar o mundo, perante este «pensamento do igual», não se pode esquecer o desequilíbrio do século XX, as guerras, extermínios e opressão da própria liberdade, que este triunfo promove.

Deus e o próximo

Mas esta divergência entre religião e racionalidade não atestará, na nossa civilização, uma interpretação preferencial, e talvez exclusiva, do pensamento como saber e do razoável como oferecendo-se à mão? O desenvolvimento do pensamento, como representação do real, como presença onde o real se entrega, onde o controlo sobre as coisas — o seu presente — é esta presença. O real é **dado** e o pensamento iguala-o, como se a mão se dirigisse para ele na percepção, como se a tecnicidade deste pensamento-saber prefigurasse as técnicas que a ciência tornou possíveis como suas aplicações.



do infinito

Percepção, conceito, compreensão — estes termos, pela sua etimologia, exprimem a apreensão. Apreensão onde a «adequação» do pensamento ao real de algum modo se sobredetermina, na posse e no domínio do mundo. O pensamento como saber vencerá, deste modo, a resistência de qualquer alteridade, e é neste consentimento do-que-é-outra-coisa - que -não-o-pensamento a apresentar-se e a oferecer-se ao pensamento, que reside a racionalidade do pensável e a inteligência do pensamento. O pensamento como saber, pensa à sua medida. E, provavelmente, desde o nascimento, incapaz de Deus.

É claro que nos podemos admirar com tal reflexão. Que outra coisa se poderia querer, sem ser consciência ou experiência — que outra coisa, senão a verdade e o saber — sob o pensamento? Quer o sentir, o desejar ou o querer, não seriam já consciência do sentido, do desejado, do querido, isto é, previamente, já saberes? Que outro pensamento, que não este — nem assimilação, nem integração do seu objecto — remeteria para o já sabido a novidade pretensamente eterna do absoluto e a sua exterioridade a toda a relação, comprometendo deste modo a novidade, e desflorando-a precisamente na correlação entre o pensamento e o que, como ser, ela pensa e instaura? Pode-se saber, sem apreender o sabido?

Exigência impossível, claro! A menos que não faça eco nestas exigências o que Descartes chamava ideia do infinito em mim, cuja sabedoria extraordinária ele não cessava de admirar, na terceira meditação: o facto de ser um pensamento, pensando para além do que ele contém na sua finitude psicológica. Ideia excepcional e única e, para Descartes, o pensamento pensando em Deus; e que — quer fosse inspirada ou colocada em nós por Deus, segundo a expressão cartesiana — estaria, segundo o criador da geometria analítica, pressuposta em todo o «**pensamento finito**», isto é, no próprio pensamento da ciência que ele fundar. Pensamento que pensa mais do que ele próprio imagina!

Pode-se ir ainda mais longe: mostrar de um modo sistemático a passagem da ideia do infinito à concretude da relação ética. Não se enveredará aqui por esta via, desenvolvida algures (1). Noutro lugar, tentámos demonstrar que a ideia do «**infinito em nós**» se concretiza na minha relação com o outro homem, na sociabilidade que é a minha responsabilidade com o próximo. Responsabilidade com outrem, para com o primeiro que chega e que «me olha» sempre; responsabilidade que não contará em nenhuma «experiência» anterior por um qualquer acto livre, e que me é comandante e me incumbe. Responsabilidade que ordena no rosto de outrem — ao mesmo tempo sem defesa e tão forte — um Deus desconhecido.

Deus desconhecido que não se constitui em tema, que «não toma forma» e que se expõe às negações do ateísmo. Infinito, permanece transcendente na minha relação com ele, que é já a minha relação com o outro homem, o meu próximo. Mas nesta relação com o outro homem, nesta relação ética, estou precisamente em relação com Deus. Não reside aí o fundo espiritual da conjunção do homem e de Deus?

Relação com Deus na minha relação com o outro homem — tese que não tem nada de abstracto, porque é o principal ensinamento da sabedoria bíblica.

(1) Ler o nosso estudo «De Dieu qui vient à l'idée (Vrin), o estudo intitulado «Dieu et la philosophie» (págs. 108-115).

SOMBRAS E AVEJÕES

Continuação da pág. 1

quer objecto perdido ou roubado basta fazer-se a 'encomendação a morte e ferro' e esse objecto há-de aparecer» — o autor emprega o termo infalivelmente «sob penas de a pessoa que o roubou ou achou contrair doença incurável que em pouco tempo a há-de levar às profundezas do inferno...»

E dissemos por vivos, porque muitas diabruras são, efectivamente, planeadas e executadas por engraçados que gozam assim a crendice dos conterrâneos.

O mesmo autor, em «Rezas e Benzeduras Populares» (1946) dá um exemplo: «Todas as noites, à mesma hora, ei-los (os vultos) que surgem, ora às emboscadas das ruas, ora nos largos e praças, no alpendre da igreja ou à porta do cemitério, donde, em seguida, desaparecem quase misteriosamente para, logo em seguida, reaparecerem mais além. Conhecido o aparecimento de um **medo,** a notícia espalha-se rapidamente entre a população! Fazem-se mil e uma conjecturas para se descobrir o enigma: uns espreitam-no de dentro da própria casa, esperando a passagem pela rua; outros, mais afoitos, seguem-lhe as pisadas, tentam descobri-lo, caçá-lo, como por mais de uma vez tem acontecido!».

Todas as aparições nocturnas cabem nas designações atrás apontadas. São os «desinfelizes» que, por um motivo ou outro vagueiam neste mundo donde sairam chorados pelos parentes, mas que não conseguem o acesso ao outro, morada das almas e céu dos penitentes que satisfizeram os requisitos de entrada.

A crença generalizada de que as aparições só acontecem aos que nelas acreditam leva, contudo os outros a se precaverem. Atente-se nas precauções expostas no Livro de S. Cipriano nestes casos de maus encontros:

«Quando vos aparecer uma visão não a esconjureis porque então ela vos amaldiçoará, vos **impecerá** em todos os vossos negócios, e tudo vos correrá torto; recorrei à **oração pelos bons espíritos** porque logo aliviareis aquele mendigo que busca esmola, pelas pessoas caritativas.»

Convém também inquiri-la directamente, segundo o preceito seguinte:

«Se és alma do outro mundo eu te requeiro que me digas quem és e o que queres porque eu te farei, se puder!».

Diz Joaquim Roque: «escusado será dizer que os 'desejos' do morto que acaba de manifestar-se (as promessas que em vida deixou de cumprir ou as missas ou esmolas necessárias para a sua salvação), costumam ser observadas com o maior rigor e sem perda de tempo, ainda que para tanto, os seus intermediários tenham de vender tudo quanto possuam ou até mesmo de empenhar-se e sofrer as maiores misérias e privações».

A razão é muito simples: a alma do morto nunca mais largará nem deixará de importunar quem o não atende. As histórias de lugares ensombrados são por si só eloquentes. Respigamos do mesmo livro uma história exemplar passada na Grécia Antiga com o filósofo Atenedoro. Tendo comprado por «baixíssimo preço, certa moradia, que ninguém queria habitar 'por nela aparecer um fantasma em figura de velho, com aspecto esquálido, rosto macilento, barba comprida, cabelos arripiados, mãos atadas com cadeias e pés com grilhões que arrastava'. Quando lhe apareceu semelhante visão, o filósofo, correspondendo à sua chamada, seguiu-a até ao quintal da casa. E tendo a visão ali desaparecido, mandou o filósofo cavar a terra no dia seguinte e nela encontrou um cadáver amarrado com cadeias e grilhões, tal como lhe aparecera o fantasma. Dada sepultura condigna ao corpo encontrado, a aparição não mais tornou a incomodar o filósofo».

Mas os encontros podem ser piores, como relata Fernanda Matos da Cunha, em «Notas Etnográficas sobre Barcelos» (1932): «conta-se que, uma vez, um moço da lavoura foi enviado pelo amo a um lugar bastante afastado, sendo-lhe confiado um recado urgente. Durante a noite, caminhando pela estrada, encontrou um cavalo peado, isto é, com duas pernas amarradas, e absolutamente só. O rapaz pensou que o amo do solípede, abandonando-o àquela hora tardia cuidadosamente preso, se afastara com demora, só devendo vir buscá-lo muito depois. Poderia, portanto, sem inconveniente ou prejuízo para o proprietário do cavalo, servir-se deste no resto da sua jornada, deixando-no, no regresso, honradamente, no sítio onde o encontrara. Desamarrou-o, mas, apenas o montou, o cavalo começou a elevar-se do chão e a voar, subindo tão alto que ameaçava não voltar à terra. O moço ficou varado! Era o diabo em figura de cavalo».

Na Roma antiga as almas eram libertadas durante três dias em Maio, ao termo dos quais eram postas fora pelo chefe da casa que devia cuspir favas, que o livrava, até ao ano seguinte da presença delas. Como assinala J.C. Baroja «em toda a Europa, é precisamente na noite de S. Silvestre que as almas do outro mundo, os espectros e fantasmas têm licença para causar estragos entre os vivos» (em «El Carnaval», 1979).

José Manuel Moreira

ADOLFO GUTKIN E O GRUPO DE TEATRO MAIZUM

As coisas profundamente úteis são as coisas profundamente poéticas

Em arte quanto mais profunda é a metáfora mais actuante ela se torna. Meyerhold disse: «Nunca fales por metáforas com um tolo porque ele entenderá literalmente tudo». Quando o grito está limitado a uma situação concreta torna-se mais passageiro, mais efémero. A elaboração estética é mais interessante quando se consegue tocar o horror tecendo o fio de sangue (ou descobrindo esse fio de sangue e de horror) que acompanha a vida humana em várias latitudes. Estou a pensar na América Latina, no Médio Oriente, em África. E faço-o daqui, dum recanto relativamente pacífico que é a Europa, embora todos saibamos que ela é como um paiol, só que a sua história lhe permite ter mais paciência e mais experiência frente às coisas que acontecem.

— Disse Adolfo Gutkin, natural da Argentina, Cursos de Psicologia, Estética, Filosofia e História de Arte. Actor, encenador, director e dramaturgo premiado especial do concurso da Casa das Américas. Convidado em 1968 pelo Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, encena VOLPONE, de Ben Jonson, que alvoroça o meio teatral português, enquanto dirige uma escola-teatro em Buenos Aires (Teatro IFT) e o Teatro Solis, de Montevideu. Regressa a Portugal no ano seguinte e realiza MELIM-4, criação colectiva que tem por tema a guerra colonial. Espectáculo proibido. Organiza na Fundação Gulbenkian um curso de encenação e direcção para profissionais e universitários convidados, considerado ainda hoje um tempo único de aprendizagem das coisas teatrais. Expulsão do nosso país.

Fixa-se em Santiago de Cuba durante largos anos desenvolvendo actividades culturais. De novo em Portugal, dez anos decorridos, assina no Teatro do Mundo os espectáculos A SECRETA FAMÍLIA e O GUARDIÃO DO RIO, dirige uma criação colectiva no grupo de Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e um curso para iniciados na Fundação Gulbenkian. Liga-se ao grupo MAIZUM e supervisa DRACULA CONCERT, actualmente em cena na Casa da Madeira, à Rua do Século. Projecto referenciado: Instituto de Formação e Investigação da Criação Teatral de Âmbito Luso-Africano.

Do conjuntural ao permanente

— Dez anos decorridos. Descobertas?

— Se em mim houve alguma transição foi da política à ética. A primeira vive do conjuntural, dos interesses que mudam, dos momentos concretos. A ética é mais permanente, é capaz de analisar os factos políticos duma perspectiva não comprometida do ponto de vista partidário e permite talvez uma maior tranquilidade histórica.

Quanto à exigência de que o artista deve não só fazer estremecer os pilares de uma sociedade mediante críticas irrefutáveis (mérito que ninguém discute à vanguarda) mas também contribuir com soluções próprias que se dirijam à construção de uma nova sociedade, é conveniente reler-se a carta que F. Engels escreveu a 26 de Novembro de 1885 a Minna Kautsky, em que diz: «Creio que a tendência deve nascer da própria situação e da própria acção sem que esteja explicitamente formulada (acho que já Aristóteles o formulara na Poética, a propósito da organicidade na tragédia) e que o poeta não tem que oferecer ao leitor, pronta e acabada, a futura solução histórica dos conflitos sociais que descreve».

(in O TEATRO, A CRÍTICA E A SOCIEDADE, Adolfo Gutkin
Cadernos Peninsulares — Editora Ulmeiro)

— Em termos gerais não devo estar muito longe do que pensava há dez anos. Se me afasto nalguns pontos isso deve-se ao aprofundamento que talvez tenha feito de certas questões, é normal que tenha enriquecido concepções e lhes tenha retirado irritabilidade. Há dez anos eu era muito explosivo mas ineficaz porque as minhas explosões eram epidérmicas perante os problemas que se me punham.

— Esse aprofundamento é de ordem sociológica. Como relacioná-lo com a arte?

— Retirei-me ilusões. Deixei de pensar que havia soluções ideais para tudo de um modo espectacular e imediato. Quando se contacta com a realidade verifica-se que as coisas são mais complicadas e difíceis do que se poderia supor, É necessário tolerar, contemporizar, sobretudo em momentos como este em que a humanidade em geral começa a ter consciência de que está à beira da catástrofe. Nos diferentes aspectos da vida contemporânea pressente-se uma situação de perigo real. A crise económica é apenas um sintoma do que sucederá. A aprendizagem que eu fiz é a de que os artistas devem estar mais preocupados com questões de princípio, questões fundamentais, aquelas que, quanto a mim, são de algum modo permanentes embora a realidade mude, (contradição só aparente na medida em que falo do que tem a ver com a dimensão especificamente humana)

— Depois do triunfo da revolução cubana houve uma grande esperança em toda a América Latina e nalguns países da Europa de que era possível uma mudança. Viveste em Cuba longo tempo, que ilações retiraste?

— Penso que na década sessenta/setenta muitos acreditámos de que uma mudança social era relativamente fácil e rápida e que significaria a tomada do poder pelas classes economicamente desprotegidas e também uma transformação de ideais. Mudaria a sociedade, mudaria o homem, cuja vida seria mais feliz. Tudo parecia simplificado. Mas o que realmente sucedeu foi que, em simultâneo, se verificaram casos de retrocesso muito graves conducentes a um tipo de fascismo que, como nos casos da Argentina, Chile, Uruguai e outros, nunca se tinha vivido ou suposto possível. Trabalhei em Santiago de Cuba, centro pobre, historicamente oprimido e revolucionário. Conheci alguns idealistas sul-americanos, alguns dos quais morreram há pouco tempo, alguns dos quais duma forma estúpida, injusta e desnecessária como o caso de Roque Dalton, em S. Salvador, na guerrilha, acusado de agente soviético por gente que, como ele, era de esquerda, sem partido.

— Casos como esse parecem ter-te abalado ou talvez posto em confronto com situações inesperadas. Casos de gravidade política.

— Por força da minha experiência não me sinto publicamente obrigado a tomar posição por cada coisa que aconteça no mundo. Não me vejo no papel de vir para os jornais propagandear aquilo que penso. Não me escuso a respostas, tenho critérios, posso formulá-los, se a minha voz for necessária ouvi-la-ão. Não sinto é que seja um **político.** Nos meus espectáculos ponho o que sei. Para intervir socialmente prefiro o que é poético. As coisas profundamente úteis são as coisas profundamente poéticas. As mais revoltantes são as mais artísticas. As restantes tornam-se recuperáveis.

— É portanto ao poético que atribues a qualidade de permanente?

— Aquilo em que os artistas acreditam tem a ver com uma certa possibilidade de convivência humana, de uma vida melhor. Preocupa-o o analfabetismo, a fome, o racismo, o fascismo, as situações do Líbano, do Irão, do Iraque, da Síria, a África, a América Latina, a Europa, a corrida ao armamento. Estuda a história dos partidos políticos, as suas mudanças, tácticas e estratégias, as suas alianças. Quem faz arte não pode estar desinformado. Para o artista só tem sentido um trabalho útil e eficaz. Aqui reside a qualidade do que é permanente.

Passado proibido. Presente sem compromissos?

— Como rotular o teu trabalho dramatúrgico na criação colectiva Melim 4, fim dos anos sessenta, Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de LsboaA. Porquê a proibição do espectáculo?

— O facto de nessa altura eu ter tido alguma importância no meio teatral português deve-se às circunstâncias históricas nesse momento deste país. O mérito não me pode ser atribuído mas à receptividade dum público e ao empenho dos actores. A guerra colonial era uma questão quente, atravessava-se o marcelismo, estavam no ar os germens que tornariam possível um vinte e cinco de Abril. Eu não premeditei o meu trabalho aqui, fui o que era, o que sou. A censura autorizou o espectáculo. Realizaram-se três ou quatro sessões. O público fez uma leitura correcta. A censura proibiu **Melim 4.** Fui posto fora do país.

— Hoje tens menos repercussão: colides menos com o poder ou é a «democracia» vigente que te suporta?

— Falar contra a guerra colonial ou a longa noite fascista é muito mais fácil do que falar das causas duma crise económica dos problemas duma crise de identidade. A actual situação portuguesa é muito complicada não pode ser analisada em termos de preto e branco. Esta sociedade está a passar por um processo de reintegração. Depois do vinte e cinco de Abril ficou multipolarizada fragmentada. A geração com que trabalho no grupo MAIZUM ronda os trinta anos, está a reconstruir o seu entusiasmo a partir de novos valores. Muitas das coisas faliram, coisas em que as pessoas acreditavam. Estes actores sabem que não são possíveis respostas simples. No Chile bastaria dizer, ainda que dum modo indirecto ou subterrâneo ou clandestino, «morra o fascismo», «abaixo a ditadura», «fora com Pinochet».

— Como situar então o artista no seu meio? Que tipo de integração lhe é reservado?

— O artista não pode comprometer-se com circunstancialismos políticos ou perderá a coerência, a profundidade, o respeito por si. Fui militante partidário durante anos e vi como é que o meu partido entrava em aliança com o antigo opressor, a facilidade com que a rompia e com que de novo se voltava para ele. Tínhamos que mostrar criatividade perante os seus interesses sempre alterados, acabávamos por repetir os «slogans» que respeitavam só aos dirigentes. Pintar um palco para que um dirigente fale pode estar correcto numa determinada situação, mas não em todas. Fazer isso é converter-se num amanuense, num empregado, num executor de ideias que mudam com quem decide. O artista tem que ser fiel a uma estratégia fundamental, a que reside na obra dos grandes criadores de todos os tempos e sobretudo dos contemporâneos.

— Escapas a definições.

— É muito fácil reduzir um discurso político a três ou quatro pequenas coisas mas não pode pedir-se a um artista que defina o seu ideal em três ou quatro frases, é injusto: põe-no ao nível do que ele não é. Isso não pode fazer-se a Vargas Llosa, a Garcia Marquez, a Cortázar. É preciso lê-los. Perceber-se-á então um forma de estar no mundo, uma crítica à realidade, um optimismo substancial em relação ao que um ser humano pode realizar. No artista há sempre uma grande simpatia pelos povos, pelas suas culturas, pelas suas possibilidades. Também o ódio perante a tirania, a hipocrisia, a incultura. Isto circula na sua obra porque é a sua forma de expressão. Uma vez perguntaram a Tolstoi o que é que ele queria dizer com o seu romance A GUERRA E A PAZ. Ele ficou espantado e pediu para lhe repetirem a pergunta. O interlocutor disse que trabalhava para um jornal, que havia pouco espaço e tinha que **sintetizar** o romance para explicá-lo aos seus leitores. Tolstoi respondeu: mas eu fiz uma **síntese,** de seiscentas páginas mas uma **síntese** do que eu queria dizer.

Drácula Concert reformulado

— Este é «mais um» espectáculo a que dás o nome. Com quem? Para quem? Disseste que ele se foi criando a si mesmo.

— Drácula Concert não foi um espectáculo concebido por mim para este grupo, MAIZUM. Alguns actores tinham preparado peças curtas como exercício para as aulas dum curso que eu estava a dar e outros representavam-nas como modo de ganhar a vida ou de praticar a sua relação com o público de forma não tradicional, em bares, restaurantes, etc. Acho profícuas estas realizações porque a relação espectador/actor em circunstâncias não propícias para o trabalho do actor (por vezes as pessoas encaram o actor como elemento da decoração do restaurante, querem conversar, comer, fumar) cria-lhe uma série de defesas, também de vícios, claro, mas é uma espécie de luta contra a atenção dispersa do espectador e fortalece a sua formação. Estes actores pediram-me então que desse uma forma mínima aos seus pequenos trabalhos. Já dentro desta casa dei um jeito ao material já existente que me condicionava. Surgiram algumas ideias, despretensiosas. Pensava nem sequer assinar este trabalho mas por várias razões impôs-se que o fizesse. Montámos então o espectáculo, veio a crítica que foi justa quando disse que não havia coerência, de resto não nos propunhamos coerência. Até certo ponto fiquei satisfeito porque foi um trabalho menor tomado muito a sério. Constituiu também um desafio para mim e procurei a tal coerência. Suprimi essas peças curtas e escrevi a segunda parte. Agora pode dizer-se outro trabalho. Uma reestreia. Não sei que significado terá o facto de se realizar um espectáculo e de seguida uma edição alterada. Que se pronunciem os especialistas. O que eu sei é que o trabalho criativo não pára, está em permanente transformação, questiona-se sempre, não é uma coisa definitiva.

— Há anos comentaste que «o teatro deveria cumprir o seu dever histórico de dar continuidade dialéctica à cultura, servindo-se dela mas indo alimentar-se cada vez mais na própria vida». Também que «o teatro não modifica directamente as estruturas económicas» e mais tarde que ele «deveria assumir-se como força expressiva capaz de modificar o seu tempo». Manténs estas afirmações?

— Penso que o teatro pode alterar a consciência dos homens mas não a realidade. Uma greve geral pode modificá-la. O teatro é apenas capaz de actuar sobre as ideias dos participantes nessa greve, ainda que de um modo indirecto. Nalguns países vi que, por força dos seus sistemas políticos, o teatro substitui os meios normais de comunicação social revelando situações justas, denunciando atitudes, informando contundentemente. Mas as peças são, regra geral, levadas a cena de forma imediatista o que não lhes confere garantias de qualidade artística. A agitação, a propaganda, podem ser necessárias num certo momento histórico; passado este, um tal teatro deixa de servir.

Maria Emília Correia

Drácula Concert: segunda edição

Drácula Concert: um trabalho criativo não pára

Os Senhores do Tempo: da animação aos quadradinhos

Tudo começou no dia em que René Laloux, realizador do filme de animação «O Planeta Selvagem», em colaboração com o famoso Topor, decidiu adaptar ao cinema de animação seis novelas de «science-fiction», de Stefan Wul, tomando como ponto de partida o grafismo de desenhadores da revista «Métal Hurlant».

Na primeira novela, «O Órfão de Perdido», trabalharam conjuntamente Laloux e o genial Moebius. O primeiro, na adaptação do texto, a que o segundo deu forma visual em mais de mil desenhos.

A partir dessa «story-board», os animadores húngaros da Pannonia Film Studio voltaram a desenhar e animar as sequências do filme, enquanto Jean-Patrick Manchette escrevia os diálogos.

Dessa estreita colaboração entre escritores, desenhadores e animadores, nascia o primeiro episódio de «Os Senhores do Tempo».

Recentemente estreada em França, a película, destinada em princípio aos mais pequenos, embora de acessibilidade a todos os escalões etários, ainda não chegou a Portugal, ignorando-se mesmo se tal virá a suceder.

Para o que agora nos interessa, importa, porém, dizer que a editora «Les Humanoides Associés» extraiu do filme uma banda desenhada, que a revista «Ademas» começou a publicar em primeira mão no país vizinho.

Trata-se da história, pelo que se depreende, de uma criança, Piel, que permanece sozinha no planeta Perdido, e que os ocupantes de uma nave tentam resgatar apenas com a ajuda de um microfone.

A pedra-de-toque da narração é o paradoxo do tempo que passa. Sem adiantar pormenores quanto ao desenlace da história — que de resto continua a ser desenhada em sistema de continuação, — fale a pena referir que muitas e fantásticas peripécias se desenrolarão, em incríveis paisagens, inclusivamente, com a presença de um ou outro personagem secundário de importância pontual.

Entre todos estes seres, podem-se destacar os simpáticos Jad e Yula, seres metade planta, metade humanos, telepatas e leais amigos de todos os seres bons; têm uma função capital na narrativa.

Outro personagem é a formosa Belle, princesa do espaço, ocasional companheira de Jaffar, sempre vigilante em relação a Piel, e que alberga no seu espírito uma história pessoal.

Resta-nos esperar que o filme interesse algum distribuidor. E que a adaptação em BD possa ser um dia descoberta em alguma livraria da especialidade, já que é de todo em todo remota a possibilidade de vermos algum dia a respectiva edição portuguesa.

Carlos Pessoa

Há um povo bretão?

Continuação da pág. 1

rias. Em todos os lugares, nos portos de pesca, nas cidades e nos campos passa-se o serão a ver westerns. «Feiz» — a fé — deixou de rimar com «Breizh» — a Bretanha — e «Da feizh on tadou coz» — «a fé dos nossos ancestrais», cântico bretão — nunca teve tanta acuidade... René Le Corre sabe-o bem.

A Bretanha rompeu com o seu passado, vestiu o uniforme da sociedade industrial. Ela está «diferente», está «assimilada» por ter «querido — acreditava ela — participar do bolo da abundância». Ela vive o Estado-Província, ao ritmo dos partidos políticos «franceses» e dos sindicatos nacionais.

No entanto, algo ainda resiste... «Talvez não seja mais do que a força de inércia, o conjunto dos hábitos mentais que não se deixam desmantelar senão a contragosto». Numa Bretanha onde coexistem o presente e o passado, mantém-se a raiva dos armoricanos diante das suas «aves cobertas de mazut», a cólera dos plogofitas que defendem a «sua região» mas não resistem aos neutrões, a resmunguice que se levanta por todos os lados quando Paris quer tocar» em alguns metros de terra inútil». E ainda há cantadores que põem esta revolta em música: os convencidos que afirmam que a sua cultura não é o folclore dos turistas; até à C.F.D.T. e aos partidos de esquerda que organizam «festou-noz» e repetem o leitmotiv das «minorias»: «Viver, trabalhar, decidir na região». Tudo isto será mais do que os últimos sobressaltos de um mundo «desmaiado», «remanescências provisórias», «simples sobrevivências devidas ao afastamento peninsular, insígnias distintivas bordadas no uniforme sindicalista ou político nacional?

A história da Bretanha que se banalisa, vai acabar como a do restante ocidente industrial «tocada de morte, não por uma agressão exterior, mas sim pela sua própria extenuação?»

A transformação não é a desaparição, a «resistência não é a «fuga» para a rectaguarda. A Bretanha tinha um inconsciente colectivo e não poderá viver senão graças a «uma consciência, mais, uma vontade colectiva». Cada maré negra traçou novas fronteiras sombrias e viscosas, os velhos combatentes de Plogoff, que tão bem conhecem a Marselhesa, entoam os seus velhos cânticos, atirando pedras aos para-quedistas.

É assim, mas repare-se que a cultura «popular» se tornou já a de uma elite. O velho que morreu levou com ele as suas canções. Apesar dos esforços de «recolha» realizados pelas associações Dastum e Ar Vag, os discos substituindo as canções de embalar da «mamm» ao serão, as notas de música que dançavam em volta das bocas escancaradas dos fornos, foram aprisionadas no papel selado das «conservatórias». «Fixar» uma cultura oral, a aventura humana demonstrou-o já, é simultaneamente, dar-lhe a morte e um futuro.

Mas agora, os militantes de esquerda do movimento bretão que baseiam os seus discursos na lógica marxista, descobriram que o «povo» nem sempre é sinónimo dos «trabalhadores» e que «a luta de classes não se confunde com a luta pelo território». René Le Corre sabe-o bem, pois foi militante do P.S.U.

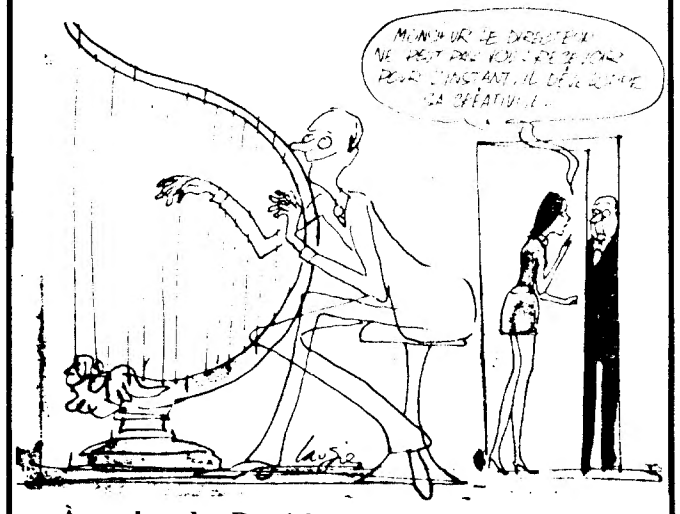
O povo bretão, o que construiu os calvários, labutando o mar e trabalhando a terra, o que falava bretão quando os «notáveis» e os «aristocratas» falavam francês, que dançava a gavotte quando ouvia Mozart, o povo bretão está em transformação e com ele morre o seu modo de relação e de transmissão cultural.

«Le Clos et l'Ouvert», meditação filosófica, acaba com uma interrogação. «A Bretanha vai esquecer-se, renunciar a si própria?» Se o período a seguir à guerra rasgou os horizontes às minorias que viviam viradas sobre si próprias, este fim de século não apontará para a falência da uniformidade? A Revolução criou a província indiferenciada em nome do progresso, a descentralização reconhece as regiões, entidades económicas, sociais e culturais.

Não é no fundo uma bela lição de história e... de humor: é hoje junto do povo bretão, que zelou pela sua cultura zelando a terra, que a sua «elite» quer encontrar uma identidade. Mas só o futuro dirá se os bretões saberão amanhã afirmá-la...

Marie Christine Robert

Notícias da BD



«À sombra dos Derricks»

A paródia às prospecções de petróleo nos «gloriosos» anos de abundância energética e de crença ilimitada no crescimento sem fronteiras, tinha bastante menos piada do que hoje. E, talvez por isso, assuma uma particular curiosidade, e sabor, a leitura em 1982 desta aventura de Lucky Luke, publicada pela primeira vez entre Julho e Dezembro de 1960 e em álbum, dois anos mais tarde.

Depois, é sabido, vieram as grandes crises energéticas de 1974, o pesadelo nuclear, a afirmação das alternativas energéticas, o solar e o biogás...

Mas, naquele tempo, quem tinha petróleo era (quase) rei e tudo valia para o encontrar.

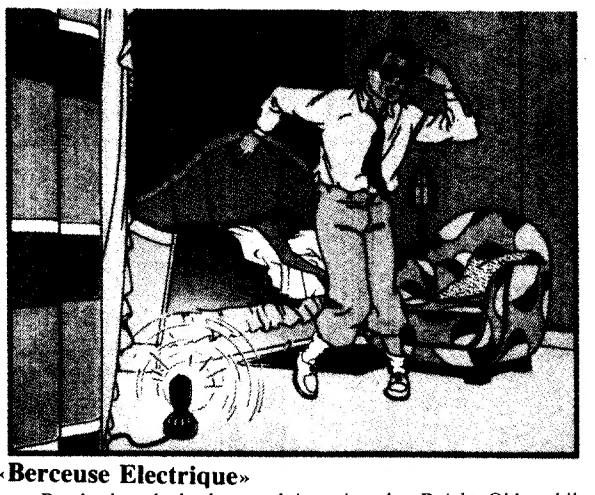
Ainda continua a valer muito dinheiro. Os Estados Unidos que o digam. Os países árabes, também... Quem o não tem, lê as aventuras de Lucky Luke («À sombra dos Derricks», de Morris — desenho, e Goscinny-texto, edição Meribérica).

«Les Cadres»

Mão amiga fez-nos cnegar às mãos uma recolha de «cartoons» de Lauzier, editados em França pela Dargaud, no ano passado, mas ainda não publicados no nosso país: «Les Cadres».

Trata-se de uma lúcida, e por vezes brilhante, análise e caracterização dessa «fauna» de todos os sistemas sociais e económicos, que dá pelos nomes sortidos de gestores de empresa, directores comerciais, quadros superiores, administradores, etc.

Objectivos, «softwares», economia de escalas, direcção participativa, lucro, psicossociológico, empreendimento, planos de organização: é a partir desta realidade «linguística» que o autor disseca os comportamentos, filosofia e ética dessa bizarra e sintomática classe que, de algum modo, dirige os destinos humanos. Recomenda-se («Les Cadres», de Lauzier, edição Dargaud).



«Berceuse Electrique»

Banda desenhada da nostalgia, reino dos Buick, Oldsmobile, Bel-Air ou De Soto, a mais recente criação de Ted Benoit acaba de ser editada em álbum, depois de ter conhecido a estampa na revista (À Suivra).

O leitor é submetido a um banho, em corpo inteiro, de referências: das bandas desenhadas belgas ao romance-cinema «negro» americano, de tudo se encontra em «Berceuse electrique».

O próprio grafismo não oculta o peso de uma influência estética, oriunda das criações da BD franco-belga, evocando inequivocamente autores como Hergé, por exemplo.

Aos 34 anos, Benoit é já um autor consagrado. Rompendo com um passado espelhado nas suas colaborações em «Métal Hurlant», «L'Écho des Savannes» e «Geronanymo», publica «Vers la ligne claire», um álbum-manifesto de homenagem a Hergé e Joost Swarte, onde o seu herói Ray Banana é já o protagonista. Depois, não mais pararia («Berceuse Electrique», de Ted Benoit, edição Casterman).

Ultima página **Sete Ponto Sete**

Estórias de Portugal

Em vésperas de autárquicas os partidos afinam as máquinas, calibram as rodas para que tudo corra com o menor número de furos possível, lubrificam os motores, enchem os depósitos.

Todos os cuidados são poucos... Qualquer descuido significa inevitável despiste, colisão aparatosa, uma catrapumba de todo o tamanho de consequências imprevisíveis... Os melhores afinadores dos complicados mecanismos que regem as campanhas já trabalham a cem por cento para que sejam diminuídas as ralações na hora do «rallie».

Quem se atrasar na grelha de partida corre o risco de ficar «grelhado» pelo que a ninguém espanta os cuidados que os técnicos mais reputados põem no exercício das suas funções. Álvaro Cunhal multiplica-se para abraçar o País. Mário Soares desmultiplica-se pelo estrangeiro, Pinto Balsemão divide-se pelo País e pelo estrangeiro, Freitas do Amaral soma-se a Freitas do Amaral numa operação algébrica de que espera colher fartos dividendos.

Daqui e dacolá, um pouco de toda a parte, ora para uns ora para outros, chegam ilustres visitantes com as suas palavras de simpatia para quem os convida, de esperança na vitória da razão de quem os convida. Tudo certo, tudo normal, tudo correcto, tudo, tudo... Quem convida sabe quem convida e porque convida... Quem é convidado não é malcriado e gosta de no futuro ser bem recordado.

Mas os convites não são ingénuos, visam muito mais longe do que a visita dos convidados. E então num momento como o destes em que as eleições estão à porta... bom... tudo certo, tudo normal, tudo correcto, tudo tudo...

Daí que o estoriador não tenha percebido bem o melindre dum convite endereçado a uma alta personalidade da vida política internacional que nos visitou esta semana. Refiro-me a Simonne Veil que, a convite do PSD, veio até cá falar do «desafio europeu». Tratou-se, obviamente, duma manobra eleitoralista... Mas quem, em tempo de eleições, as não tem em maior ou menor escala?... Quem é capaz de atirar a primeira pedra?... Quem?...

Só que a menos que em cima da hora se tenha verificado uma rectificação, um golpe de rins, como se costuma dizer em gíria política, um emendar a mão, a vinda de Simone Veil esta semana a Portugal poderá ficar a constituir um terrível balásio saído pela culatra dos promotores da sua viagem.

É que Simone Veil veio até nós falar do «desafio europeu» numa semana em que há três: o Bétis-Benfica, o Sporting-Dínamo de Zagreb e o Porto-Utrecht!... Ora, referindo-se a um desafio só, a ilustre estadista deixou, inevitavelmente, de fora os outros dois tornando-se antipática aos olhos dos adeptos dos protagonistas dos desafios marginalizados que não perdoarão o ostracismo a que foram votados.

É um bico de obra, um pau de dois bicos afiados pronto a deixar marcas nos que não tomarem todas as precauções no seu manejo.

Não... não me parece nada famosa esta ideia dos sociais-democratas... A menos que Simone Veil, ardilosamente, tenha falado, falado do «desafio» para não dizer nada.

Mas para isso não precisavam de trazer ninguém do estrangeiro... Já cá temos tantos políticos que fazem isso tão bem!...

Francisco Nicholson

CINEMA DE PARIS

"Querelle", de Genet a Fassbinder

É bem provável que Jean Genet seja o maior, ou talvez o único grande escritor francês dos últimos quarenta anos. «Querelle de Brest» será, com «Notre-Dame des Fleurs», a sua obra-prima romanesca, como o «Balcon» é a sua obra-prima teatral, e uma das raras do teatro contemporâneo. Adaptar qualquer delas ao cinema pareceria aposta difícil, não pelas histórias contadas nem pela meneira de o fazer, mas pela outra história, genialmente poética, que envolve as aparências e que Genet cria numa rectorica de alusão e aforismo, na grande linha narrativa clássica (e modernista) francesa. Para isso o cinema só tem tido respostas de visualidade barroca ou de ambiguidade psicológica que ao mundo ferveroso e negro de Genet não servem.

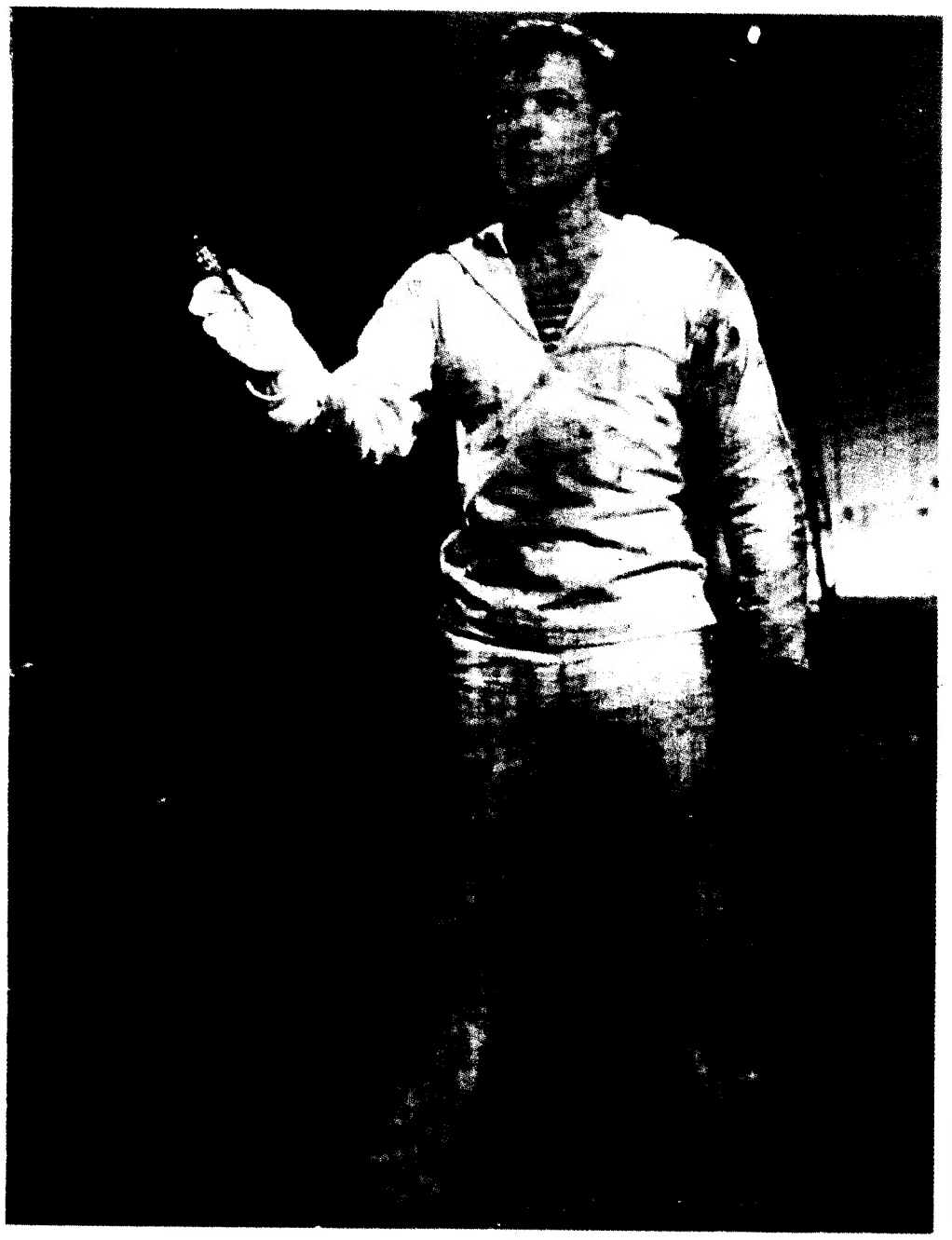
Que resposta, então, para «Querelle de Brest», senão este permanente diálogo entre texto e imagem, o primeiro assumido como tal, sem disfarce de leitura, na citação legendada; a segunda fundindo-se numa irrealidade teatral? Assim fez R. W. Fassbinder, numa admirável inspiração que dificilmente se esperaria num realizador de atento realismo social, algo pesadamente psicológico. Diga-se que o seu entendimento do texto genetiano foi perfeito, e realizado sem medo da literatura que monstruosamente o rodeia.

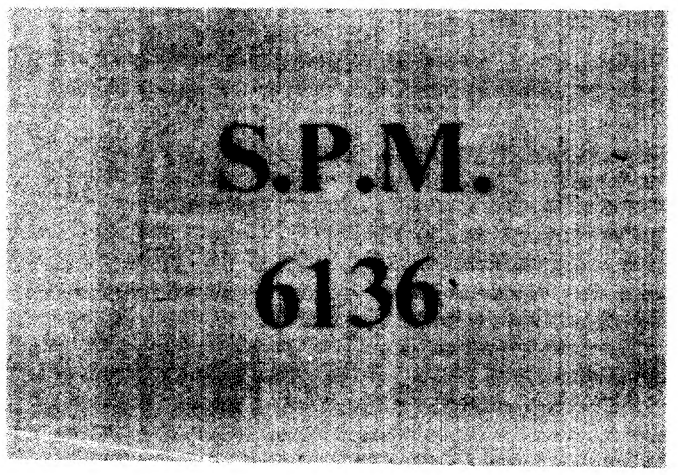
Obra de amor e de morte, que logo se anuncia, canto desesperado e certo duma vivência fatal, «Querelle» tem um poder angélico e catastrófico — anjo exterminador que é o seu herói, marinheiro de vícios mortais...

O lirismo original, rondando desesperadamente uma catarse épica, atravessa com violência pornográfica uma falsa história de costumes, para atingir o plano do obsceno que nenhum perdão quer salvar. E, sobre tudo, o indizível que as palavras pronunciadas mal desvendam, na solidão geral em que vogam Querelle, Nono, Madame Lysiane (que Jeanne Moreau interpreta com uma maturidade genial), todo um mundo nocturno, submerso e sem fim.

Marcel Carné, presidente do juri de Cannes, bateu-se pelo prémio para «Querelle» (ele seria dado por maioria a W. Wenders por «L'Etat des Choses»), até a uma indiscreta declaração final. Porque esta Brest cenográfica de Genet-Fassbinder não deixa de actualizar o realismo fantomático do seu «Quai des Brumes» de 1938, que Mac Orlan mais inocentemente escrevera...

J.-A. FRANÇA





«Whisky?»

«Whisky.»

«A inglesa trouxe a garrafa, e ele serviu-se. Em gestos lentos. Como se o tempo não significasse.

Ela toma chá e tostas.

Ela põe um disco. Shirley Bassey. Ele gosta. Foi á janela e abriu a cortina. A manhã estava um pouco enevoada. A partida do avião foi adiada para a 10 e 10.

Mary partiu no avião das 10 e 10.»

Ele acaba de contar. Turco amarelo-torrado, sentado no maple junto à janela, pés descalços, copo de «whisky» na mão. O livro aberto de capa para cima, na carpete. De Wilhelm Reich.

Que pode um copo de «whisky» quando um homem pousa os olhos no tempo e esse tempo foi apenas soletrado, não cumprido?

«O meu pai queria que eu fosse advogado. A minha mãe, médico. Eu queria ser geólogo. Não fui nada disso: fiquei militar. Sem ter escolhido.»

Ele levanta-se e enche novamente o copo. Estendo-lhe o meu.

Não sei porquê, presto particular atenção ao ruído do líquido a correr. À maneira como ele pousa a garrafa. Como bebe e segura o copo. Como está sentado.

Olha sem ombreiras, como uma planície desfocada. Fala sem pressa de viver.

«Mentalizar...fazer soldadinhos de chumbo...»,«Como foi?», tarde de mais.

«A não ser que...»

«Não acredito em suicidas. A farsa dos comprimidos. O hospital. E a salvação espectacular...»

«Mas Hemingway...os dois canos debaixo do maxilar?...»

De bruços, dorme. Percorro os dedos sobre a pele macia. Agora, que ele dorme sem memória, o tempo é este preciso momento. Sinto-lhe o latejar das veias. A carne é tépida. Ali está a vida sem tragédia, no puro acto de existir. O sangue que passa de veia em veia. As válvulas que cumprem o rigoroso trabalho das pulsações regulares. Apenas um puro estado de existir. Como um vegetal.

«Dorme, dorme...»

(Suspeitará ele desta forma de vida?)

Não há palavras para explicar. Tarde de mais.

Nada há mesmo a explicar. No momento em que podia ter falado era inapto, inábil, e todos tinham muito que fazer. Talvez lhe tenham dito:

«Cresce, faz-te homem primeiro, pensa depois...»

(Como serão os teus sonhos?)

«Um dia entrei na turma B. Não vi o meu nome, e disse ao professor.

– Fica aí, e já vemos isso – respondeu o professor.

Ao fim duns tempos, estava tapado de faltas. Como, se fui todos os dias às aulas?

A minha turma era a C.

E chumbei.»

Poucas horas nos separam dum avião que o levará de novo para longe. Uma longa ausência num lugar apenas assinalado num remetente.

Iniciais e um número.

O **querer** passa-se ao nível de **agora.** Beber «whisky». Fazer bem amor. Escolher o lenço para o pescoço. Colocar o relógio...

(Onde vi eu já repetir estes gestos? Serão também eles os que não escolheram, ou...)

Gente assim, não se despede. Deixam pessoas e lugares. A saudade por elas começa muito antes. É uma dor de ferida. E quebra de repente. Depois dá vontade de fazer a mala partir num comboio olhar a paisagem e não pensar em nada.

Que nos resta?

Uma marca de cigarros.

Uma camisa.

Uma garrafa vazia.

(Sem perguntar, sirvo-lhe o último «whisky»).

Noémia Delgado